

À MINHA ESPOSA
E AOS MEUS FILHOS EVANILDO,
ENILDO E EVALDO



EVANILDO BECHARA

(Da Academia Brasileira de Filologia, Livre-docente do Colégio Pedro II,
Prof. do Instituto de Educação e do Colégio Dois de Dezembro.
Membro da Sociedade Brasileira de Romanistas)

C 4286

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

PELA ANÁLISE SINTÁTICA



SBD-FFLCH-USP



230956

EDITORA FUNDO DE CULTURA
RIO DE JANEIRO

2150858

Primeira edição: março de 1960.
Segunda edição: julho de 1961.
Terceira edição: setembro de 1964.
Quarta edição: janeiro de 1965.
Quinta edição: janeiro de 1966.
Sexta edição: janeiro de 1967.
Sétima edição: julho de 1967.
Oitava edição: setembro de 1967.
Nona edição: janeiro de 1970.

Copyright © by
EDITORA FUNDO DE CULTURA S. A.

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900094169

Contratados todos os direitos de publicação,
total ou parcial, em língua portuguesa, pela
EDITORA FUNDO DE CULTURA S. A.
Caixa Postal, 2033 - ZC-00 - Rio de Janeiro, GB

PREFÁCIO

Ao escrever estas LIÇÕES DE PORTUGUÊS, foi meu intuito conferir à análise sintática a posição adequada no ensino de nossa língua. Aqui e ali dei tratamento diferente a alguns pontos que têm merecido a atenção de nossas melhores autoridades no assunto; mas isto não chega, penso eu, a fazer original este livro. Seu mérito está na maneira de aproveitar os conhecimentos de análise sintática como ponto de partida para explicação de numerosos fatos de nosso idioma.

O estudo da análise sintática é utilíssimo, desde que, feito com sobriedade, seja encarado como o fio que nos conduzirá à análise da estrutura oracional, às relações de dependência e independência que as palavras, expressões e orações mantêm entre si, e às conseqüências que daí se tiram para a melhor e mais expressiva tradução do pensamento. A função precípua da análise não é entender o trecho, embora, quando orientada com perfeição, nos leve a encarar o passo pelo melhor prisma de interpretação. Por isso devemos pôr em seus devidos termos a célebre crítica de SILVA RAMOS: "Em resumo, o vício essencial da análise patenteia-se, de modo irresistível, no seguinte circo de que não há sair. Não é possível analisar um trecho, se não se lhe compreende o sentido, e se ele se compreende, para que serve analisá-lo?" *

Levei em consideração a Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas, em alguns pontos, tomei a liberdade de

* "Explicar ou complicar", Revista de Filologia Portuguesa, I, vol. I, pág. 62. São Paulo.

propor à douta Comissão e aos colegas de magistério orientação diferente que me pareceu mais acertada.

Quero deixar aqui minha gratidão aos mestres que, através de seus livros, me permitiram repetir as boas doutrinas; ainda quando não lhes sigo as pegadas, permanece o meu preito de reconhecimento.

Se estas LIÇÕES DE PORTUGUÊS conseguirem tornar realidade a pretensão do autor, e estimular o gosto pela língua portuguesa, fica-me ainda a satisfação de ter contribuído para o aperfeiçoamento do ensino da análise sintática.

Março de 1960.

EVANILDO BECHARA

ENDEREÇO DO AUTOR
Rua Estíquio Soledade, 704
Tauá — Iha do Governador
Rio de Janeiro

PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO

AO APRESENTAR AO PÚBLICO esta 2.^a edição, desejo patentear o meu agradecimento pela benévola acolhida que mereceram as Lições de Português por parte de mestres, colegas, alunos e pessoas interessadas no cultivo do idioma.

Saem agora consideravelmente melhoradas graças não apenas ao esforço com que procurei aperfeiçoá-las tanto na doutrina quanto no estilo, mas ainda — e principalmente — a muitas das observações importantes que se dignaram enviar-me alguns mestres e amigos, entre os quais ressaltam as de MARTINZ DE AGUIAR, ANTENOR NASCENTES, ADAUTO PONTES, ADRIANO DA GAMA KURY, OTHON GARCIA, OLMAR GUTERRES e ARTUR LOUREIRO DE OLIVEIRA FILHO. Não posso também deixar passar em silêncio o estímulo que me trouxeram as referências elogiosas, na imprensa e em carta particular, de JÚLIO NOGUEIRA, SOUSA DA SILVEIRA, ISMAEL DE LIMA COUTINHO, ROCHA LIMA e PAULO RÓNAL.

No intuito de transformar, na medida do possível, estas Lições de Português num completo repositório de fatos de sintaxe da nossa língua, continuei aproveitando as lições das melhores autoridades do assunto, como SAID ALI, MÁRIO BARRETO e EPIFÂNIO DIAS. Muitas vezes me seria fácil repetir o que esses mestres disseram; mas preferi citá-los para que se registrassem as fontes onde os interessados pudessem colhêr notícia mais larga dos pontos aqui tratados.

A 1.^a lição foi totalmente remodelada, inspirada pelas leituras dos sugestivos livros de *Linguística de*

MATOSO CÂMARA JR., LEONARD BLOOMFIELD e CHARLES BALLY, para que o livro ganhasse certo equilíbrio entre as primeiras e as últimas lições, elevando, dessarte, o nível geral desta sintaxe. Dei novo tratamento ao estudo das orações reduzidas, filiando-me à maneira tradicional de encará-las, por ver aí maior comodidade didática. No capítulo da regência introduzi a noção de posvérbio que nos ensina Antenor Nascentes. Se outras inovações da ciência não foram aqui contempladas é porque penso que a sintaxe é onde com mais lentidão se pode romper com a larga tradição gramatical em que se alicerça o nosso ensino.

Continuam estas Lições esperando a contribuição valiosa da crítica honesta e competente para que se apresentem melhoradas em nova oportunidade.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 1961

EVANILDO BECHARA

1^a

Sintaxe: Noções gerais.

1 — Que é oração

Oração é a unidade do discurso, marcada entre duas pausas.

A oração constitui a menor unidade de sentido do discurso e encerra um propósito definido. Para tanto, faz uso dos elementos de que a língua dispõe de acordo com determinados modelos convencionais de estruturação oracional. Estes modelos convencionais nem sempre coincidem de idioma para idioma e vêm a formar o sistema sintático característico desse mesmo idioma ou de um grupo de idiomas.

2 — Entoação oracional

Em português, como na maioria das outras línguas, a unidade de sentido de uma oração se caracteriza pela entoação, isto é, pela maneira com que é proferida em obediência a certa *cadência melódica*. A parte final de uma oração é sempre marcada por alguns dos tipos de entoação. Depois da entoação final geralmente se faz uma pausa de maior ou menor duração, consoante o que se tem em mente expressar. Simples vocábulos, como *João*, *Absurdo!*, *Vá!*, *Sim*, constituem orações completas desde que ocorram entre duas pausas, e formam unidades de sentido se proferidos entre dois silêncios.

Na entoação final se podem estabelecer algumas diferenças fonêmicas, isto quer dizer que tais diferenças implicam mudança no sentido que as orações encerram:

a) *entoação assertiva: * João estuda.*

Nesta oração a linha melódica assinala uma subida de voz até a parte que recebe o acento frásico e daí acusa uma descida até a parte final. Há, portanto, uma parte ascendente e outra descendente. Pela entoação assertiva caracteriza-se a oração *declarativa*, que pode ser simbolizada por [.] *

b) *entoação interrogativa: João estuda? Quem veio aqui?*

A linha melódica na interrogação encerra apenas a parte ascendente, de tal maneira que a só elevação da voz pode chegar a ser o único traço distintivo entre a oração interrogativa e outra declarativa:

João estuda [.] João estuda [?]

Distingue-se, na interrogação, a *interrogativa geral* ou de *sim ou não*, feita em relação ao conteúdo de toda a oração (*João estuda?*), da *interrogativa parcial*, feita em relação a um termo da oração (*Quem veio aqui?*).

Na *interrogativa geral* a resposta se resume ou se pode resumir em *sim* ou *não* (ou equivalente), e a parte ascendente da entoação é mais acentuada. Na *interrogativa parcial*, a pergunta é feita, em geral, por vocábulos especiais de interrogação, e a resposta não se resume em *sim* ou *não*. Simbolizaremos a entoação da *interrogativa geral* com [?] e da *interrogativa parcial* com [;]

De acôrdo com a entoação utilizada percebe-se a diferença de sentido em orações do tipo *Quem viu o filme?* Proferida *Quem viu o filme* [;], como *interrogativa parcial*, indaga-se a *pessoa* que viu o filme; em *Quem viu o filme* [?], como *interrogativa geral*, a oração significa "é sobre este assunto que se pergunta?"

c) *entoação exclamativa: João estuda!*

Na exclamação a linha melódica só tem também a parte ascendente com que se traduz um enunciado expresso com acentuado predomínio emocional para comunicar, acompanhado ou não de mímica, dor, alegria, espanto, surpresa, cólera, súplica, entusiasmo, desdém, elogio, gracejo. A entoação exclamativa também é empregada para exigir a presença ou a atenção de alguém (*João! Menino!*) ou para traduzir ordens e pedidos (*Corra! Saltem!*) A entoação exclamativa pode combinar-se com os tipos enunciados anteriormente. Compare-se a resposta *João* (da pergunta parcial *Quem estuda?*) com *João!* para chamar ou atrair a atenção de alguém e com *João?!*, quando a pergunta envolve um sentimento de surpresa. Simbolizamos a entoação exclamativa com [!].

d) *entoação suspensiva ou pausal: Ele, o irmão mais velho, tomou conta da família.*

Consiste a entoação suspensiva ou pausal em elevar a voz antes da pausa final dentro da oração. Difere da entoação final por mostrar que o enunciado não termina no lugar em que, em outras ocasiões, a estrutura oracional poderia marcar o fim de uma oração. Simbolizamos a entoação suspensiva com [,]. É pela entoação suspensiva que se distinguem alguns tipos de oração, como, por exemplo, a *adjetiva restritiva* da ex-

* Tomamos a lição a BLOOMFIELD, *Language*, 114-115.

plicativa. Note-se o contraste de sentido pela entoação distinta que se dá ao trecho: *O homem que vinha a cavalo parou defronte da casa.* Se proferimos: *O homem [,] que vinha a cavalo [,] parou defronte da casa,* a narração pressupõe a existência de um só homem. Se proferimos: *O homem que vinha a cavalo parou defronte da casa* (sem entoação suspensiva), pressupõe-se que na narração há mais de um homem.

3 — A importância da situação e do contexto

No intercâmbio de nossas idéias, dentro das mais variadas circunstâncias, desempenham relevante papel a *situação* e o *contexto*.

Entende-se por *situação* o ambiente físico e social onde se fala; *contexto* é o ambiente lingüístico onde se acha a oração.*

Situação e contexto são estímulos decisivos para a melhor aproximação entre falante e ouvinte ou entre escritor e leitor. Através destes estímulos as pessoas se identificam numa mesma situação espacial e temporal, e a atividade lingüística, mesmo reduzida a termos estritamente necessários em fragmentos de orações, atinge a eficiência desejada.

4 — Constituição das orações

A oração pode ser constituída por uma seqüência de vocábulos ou por um só vocábulo:

- a) *Pedro trabalha.*
- b) *Dormimos.*
- c) *Sim, Pedro.*
- d) *Fogo! Parada de ônibus.*

* J. MATOSO CÂMARA JR., *Lingüística Geral*, 106, e A. H. GARDNER, *The Theory of Speech and Language*, 49 e 53.

No primeiro exemplo temos uma oração que encerra nos seus limites os dois termos essenciais de que se compõe: *sujeito (Pedro)* — ou o ser de quem se declara alguma coisa — e o *predicado (trabalha)* aquilo que se declara na oração.

O segundo exemplo nos evidencia que não é sempre necessária a representação do sujeito por vocábulo especial, uma vez que este termo oracional pode ser depreendido da desinência do verbo. Realmente o — *mos de dormimos* aponta *nós*, oculto, para sujeito da declaração. Omitimos com mais freqüência, em português, o sujeito quando constituído por pronome de 1.^a e 2.^a pessoas do singular e plural, porque a desinência verbal é aí evidente; a omissão do sujeito de 3.^a pessoa do singular ou plural fica dependente da situação e do contexto, sem o que, muitas vezes, não se pode precisar a pessoa a quem se refere o predicado.

No terceiro caso temos orações cujo enunciado se relaciona com um contexto anterior, sem o qual seriam incompreensíveis. Explicam-se, por exemplo, como respostas às perguntas *Você passeou?* e *Quem veio aqui?*

No quarto caso temos orações cujo enunciado se relaciona com a situação em que se acha o falante e, assim, contém um elemento extralingüístico. Tais tipos de orações constituem o que o lingüista francês BRUNOT chama *indicações*.

A língua portuguesa conhece tôdas as constituições de orações acima relacionadas. As constituições *favoritas* de estrutura oracional em português apresentam a binaridade *sujeito e predicado*, podendo o primeiro vir implícito na desinência verbal. Pelo jôgo estrutural de sua composição, onde os termos se apresentam numa seqüência de relações sintáticas, essas constituições favoritas são as que mais de perto interessam ao gramá-

tico e na sua análise está o maior propósito do estudo da sintaxe.

Orações do tipo c) e d) dizem-se constituições de estrutura *menor* e apresentam pouca importância para o gramático, porque nelas o jôgo das relações sintáticas quase sempre não se patenteia. Isto não quer dizer que, para a atividade lingüística, as estruturas *favoritas* são mais importantes que as *menores*; apenas naquelas o gramático encontra os elementos componentes dos padrões estruturais de cujo estudo se ocupa a sintaxe.

5 — Estruturação sintática: objeto da SINTAXE

Ao construir orações conta o falante com a liberdade de escolher os vocábulos com que elas se vão constituir; mas não pode criar a estrutura em que êles se combinam no intercâmbio das idéias. As estruturas oracionais obedecem a certos modelos formais que, como já dissemos, podem não ser coincidentes de uma língua para outra, e que constituem os *padrões estruturais*.

As estruturas oracionais ou construções sintáticas apresentam seus processos característicos que são:

- a) associação dos vocábulos de acôrdo com a sua função sintática [*Regência*];
- b) concordância dos vocábulos de acôrdo com certos princípios fixados na língua [*Concordância*];
- c) ordem dos vocábulos de acôrdo com sua função sintática e importância na comunhão das idéias [*Colocação*].

Assim na oração *Os bons alunos dão alegria aos pais temos os bons alunos* exercendo a função de *sujeito* (de acôrdo com a), o que lhe garante, como posição normal, o lugar inicial no contexto (de acôrdo com c) e, por ser constituído por um *núcleo* masculino e no

plural (*alunos*), determina que nesse número e gênero estejam seus adjuntos (*os* e *bons*) e no plural o verbo da oração (*dão*), conforme preceitua o item b).

A sintaxe se ocupa do estudo dos padrões estruturais vigentes em determinada língua motivados pelas relações recíprocas dos termos na oração e das orações no discurso. Pode ainda a sintaxe estudar o emprêgo dos vocábulos.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* divide a sintaxe em:

a) de regência	$\left\{ \begin{array}{l} \textit{nominal} \\ \textit{verbal} \end{array} \right.$
b) de concordância	
c) de colocação	$\left\{ \begin{array}{l} \textit{nominal} \\ \textit{verbal} \end{array} \right.$

6 — A oração na língua falada e na língua escrita

A língua falada conta com numerosos recursos para que a oração alcance seu objetivo de unidade de sentido. Entram em seu auxílio não só os elementos lingüísticos de que dispõe o idioma, mas ainda os recursos extralingüísticos elocucionais (os sons inarticulados como, por exemplo, o muxôxo, o riso, o suspiro) e não-elocucionais (isto é, à margem da língua, como a música).

Na língua escrita entram em jôgo outros fatores. Em primeiro lugar, desaparece o recurso da entoação que, como ensina MATOSO CÂMARA, "tem de ser deduzida do texto pelo LEITOR (no qual se transforma o ouvinte), mediante uma técnica especial, que é a arte da leitura. Em segundo lugar, êsse "leitor" encontra-se, ao contrário do "ouvinte" no intercâmbio falado, muito distante no tempo e no espaço, e não é em regra um indi-

viduo determinado e conhecido pelo ESCRITOR (em que se transformou o falante). Finalmente, não envolve ao discurso uma situação concreta e bem definida." *

7 — SINTAXE e ESTILO: necessidade sintática e possibilidade estilística

Cumpra distinguir uma *necessidade sintática*, ditada pelo jôgo das relações recíprocas dos vocábulos na oração ou das orações no discurso, da *possibilidade estilística* que permite ao falante ou escritor uma escolha dentre dois ou mais elementos de expressão que a língua lhe oferece, para atingir melhor *eficiência expressiva*. Saímos, assim, do terreno da *sintaxe* e entramos no domínio da *estilística*, isto é, da utilização da língua como "apêlo à atividade e comunhão social, ou, então, liberação psíquica." ** Na *sintaxe*, como parte da Gramática, está o intuito *intelectivo*; na *estilística* ressalta o elemento *emocional*, isto é, o apêlo e a liberação psíquica.

8 — Tipos de oração

A oração pode encerrar:

- a) a declaração do que observamos ou pensamos (*oração declarativa com entoação assertiva*):

As aulas começaram.
Ainda não tocou a sineta.

- b) a pergunta sobre o que desejamos saber (*oração interrogativa com entoação interrogativa*):

As aulas começaram?
Alguém virá à festa?
Quem tocou a sineta?

* J. MATOSO CÂMARA JR., *Princípios de Linguística Geral*, 200.

** *Idem*, *ibid.*, 204.

- c) a ordem, a súplica, o preceito, o desejo, o pedido para que algo aconteça ou deixe de acontecer (*oração imperativa com entoação exclamativa*):

Sê forte!
Estuda bem tuas lições!
Bons ventos o levem!
Queira Deus!

- d) o nosso estado emotivo de dor, alegria, espanto, surpresa, elogio, desdém (*oração exclamativa com entoação exclamativa*):

Como chove!
Que lindo dia!
Que susto levei!

OBSERVAÇÃO: As orações exclamativas são normalmente introduzidas por pronomes ou advérbios de sentido intensivo.

Têrmos essenciais da oração: sujeito e predicado. Omissão do sujeito e do predicado: elipse. Posição do sujeito e do predicado.

1 — Sujeito e predicado

A oração, de modo geral, se compõe de dois têrmos essenciais: *sujeito* e *predicado*.

Sujeito é o têrmo da oração que indica a pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos uma ação ou uma qualidade.

Predicado é tudo o que se diz na oração, ordinariamente o que se diz do sujeito.

Assim:

SUJEITO	PREDICADO
Machado de Assis As aulas Salvador	escreveu belos livros, começaram em março. é uma das mais originais ci- dades do Brasil.

2 — Como se acham o sujeito e o predicado

Acharemos facilmente o sujeito fazendo, *antes do verbo*, as perguntas *quem é que?* (se desejamos conhecer a pessoa), *que é que?* (se pretendemos assinalar a coisa). A resposta será o sujeito:

Os jovens estudiosos dão orgulho aos pais.

- Quem dá orgulho aos pais?
- Os jovens estudiosos (sujeito).

O bom livro produz frutos benéficos.

- Que é que produz frutos benéficos?
- O bom livro (sujeito).

Retirando-se da oração o seu sujeito, o que fica constitui o predicado. Nos exemplos dados, *dão orgulho aos pais* e *produz frutos benéficos* representam o predicado das respectivas orações.

3 — Omissão do sujeito e do verbo: elipse.

O sujeito e o verbo, quando muito nossos conhecidos, e, assim, facilmente subentendidos, podem não aparecer expressos na oração:

Machado de Assis nasceu no Rio. Era de origem humilde.

O sujeito de *nasceu* (quem é que nasceu?) é *Machado de Assis*; continuamos a falar de nosso grande escritor e não nos sentimos obrigados a repetir-lhe o nome na segunda oração: *Machado de Assis era de origem humilde*.

O sujeito (e qualquer outro têrmo, como veremos mais adiante) não expresso na oração se diz *oculto*.

A omissão de um têrmo da oração se chama *elipse*. No seguinte exemplo, omitimos o verbo:

Antônio foi ao cinema e Carlos ao teatro.

Isto é: e Carlos *foi* ao teatro.

Cumpre-nos observar que o têrmo oculto pode exigir flexão diferente (de gênero, de número, de pessoa, de tempo, de modo), desde que não se prejudique a clareza do pensamento:

Eu estudarei História e tu Geografia (estudarás).
Foram compradas várias bicicletas e automóveis (vários).
Será mau o irmão e as irmãs que não tiverem a boa orientação dos pais (serão más).

A língua portuguesa dispensa, com elegância, o aparecimento do sujeito quando constituído pelos pronomes pessoais *eu, tu, nós, vós*, salvo se desejamos insistir em tais sujeitos:

Fui ao cinema.
Se fôssemos embora agora, chegaríamos talvez a tempo.

É comum a elipse do sujeito nas orações imperativas:

Trabalhai!
Faze teus deveres diariamente.

4 — A vírgula indicativa da omissão do verbo

Costuma-se indicar por vírgula a omissão do verbo:

"Dos meninos é próprio o aprender; dos mancebos, o empreender; dos varões, o compreender; dos velhos, o re-preender (PACHECO e LAMEIRA, *Gramática*², 714).

Neste trecho omitiu-se o verbo e acompanhado do adjetivo *próprio*: *é próprio o empreender, etc.*

5 — Posição do sujeito e do predicado

Tomemos a seguinte oração de MACHADO DE ASSIS:

Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor.

Sujeito: a árvore dos Cubas (que é que brotou, naquele dia, uma graciosa flor?)

Predicado: brotou, naquele dia, uma graciosa flor.

Fazendo esta análise, demos outra disposição aos termos, sem que o sentido mudasse. Poderíamos tentar outras disposições:

- a) Naquele dia brotou uma graciosa flor a árvore dos Cubas.
- b) Brotou, naquele dia, uma graciosa flor a árvore dos Cubas.
- c) A árvore dos Cubas, naquele dia, brotou uma graciosa flor.
- d) A árvore dos Cubas brotou, naquele dia, uma graciosa flor.

Nem sempre contamos com tal liberdade no arranjo dos termos de uma oração. Em *José feriu Pedro*, o sentido mudaria se disséssemos *Pedro feriu José*.

Em nossa língua, a posição dos termos de uma oração é *livre*, mas não *indiferente*.

Na oração declarativa vem normalmente em primeiro lugar o sujeito, depois o verbo com os seus pertences constitutivos do predicado:

Antônio já fez todos os exercícios.

Nos cabeçalhos dos jornais, onde a novidade da informação corre a par do sensacionalismo, o verbo inicia normalmente a oração:

Aumentou consideravelmente o tráfego aéreo.
Pôs o coronel fim à confusão.
Será inaugurada este mês nova ponte.

A oração interrogativa, como já vimos, pode diferenciar-se da declarativa apenas pela entoação:

José chegou da escola.
José chegou da escola?

Pode-se ainda alterar a ordem dos termos, pondo-se o sujeito depois do verbo:

Que tu dizes disso?
Que dizes tu disso?

6 — A vírgula e a inversão dos termos da oração

Proferindo uma oração, damos-lhe uma unidade de entoação. Não podemos, ao enunciá-la, subir ou descer ao acaso o tom de voz, fazer pausas que comprometam a unidade de sentido e o propósito que ela encerra.

Entre o sujeito e o verbo normalmente não se faz pausa e, por isso, não há vírgula entre estes dois termos da oração:

Eu fui ao cinema / depois que êle chegou.

Se preferíssemos, em linguagem coloquial:

Eu / fui ao cinema

o sentido seria outro: *quanto a mim, se você se refere a mim, digo-lhe que fui ao cinema*. Neste caso, a vírgula teria perfeito cabimento: *Eu, fui ao cinema*. *

Se entre os dois termos (sujeito e verbo) aparecerem outros elementos deslocados de sua posição normal, a vírgula deverá indicar a inversão:

Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor.
A árvore dos Cubas, naquele dia, brotou uma graciosa flor.

* Cf. em francês: *Moi, je pense que...*

Neste caso, a rigor, eu não é sujeito do verbo fui, mas o é de uma oração de estrutura menor, constituída unicamente do pronome. Noutras ocasiões, entretanto, a vírgula que denota uma pausa de valorização expressiva e significativa é posta unicamente entre o sujeito e o seu verbo, como nos seguintes exemplos de linha melódica ascendente:

— Ficas aqui? — pergunta Amaral.

— Fico.

— Pois eu, sou-me... (MANUEL CAMPOS PEREIRA, *Almas sem Rumo*, 108 apud MARTINS DE AGUIAR, *Notas e Estudos de Português*, 108).

— *Aquele, era a minha oportunidade* (MARIO PALMEIRO, *Vila dos Confins*, 204 apud A. HOUAIS in *Revista do Livro*, n.º 10, 139).

— *O céu, parece até que era lavado e esfregado de novo* (Id., *ibid.*, 376 apud HOUAIS, *ibid.*).

No caso de haver oração de estrutura menor, pode ocorrer a repetição do sujeito junto ao seu predicado real. Note-se a pontuação deste exemplo:

— E para que presta você, menino?

— *Eu? Eu... fui poeta* (MONTEIRO LOBATO, *Cidades Mortas*, 133).

A variação da ordem dos termos da oração, por intercalações ou antecipações, traz uma quebra da unidade de entoação que poderá ser assinalada por vírgula.

Tipos de predicado: verbal, nominal e verbo-nominal. O predicativo do sujeito.

1 — Predicado verbal

A respeito do sujeito podemos dizer:

- a) uma *ação* que ele pratica ou sofre:

*João cumprimentou os colegas.
Os colegas foram cumprimentados por João.*

- b) uma *qualidade, estado ou condição*:

*João é educado.
João ficou contente.*

Quando o predicado exprime o que o sujeito *faz* ou *sofre*, cabe ao *verbo* ser o elemento principal da declaração, isto é, o *núcleo* do predicado (veja a 5.^a lição). Daí dizermos que o predicado é *verbal*.

Em EUCLIDES DA CUNHA *escreveu lindas páginas*, é sem dúvida *escreveu* (e não *lindas páginas*) o que declaramos mais intimamente relacionado com o sujeito. *Escreveu* é o núcleo do predicado verbal, porque nêlo repousa a afirmação principal.

2 — Predicado nominal

Se o predicado exprime o que o sujeito *é, está* ou *passa a ser*, cabe a um *nome* (substantivo, adjetivo ou

pronome), que vem depois do verbo, denotar a declaração principal do predicado. Nestas circunstâncias o predicado se diz *nominal*.

Em *João é educado*, o adjetivo *educado* encerra o que desejamos declarar do sujeito. O verbo *é* apenas *liga* esta qualidade ao sujeito, razão por que os verbos que entram no predicado nominal (*ser, estar, ficar, tornar-se, parecer*, êste último no sentido de *parecer ser, parecer estar*) recebem o nome de *verbos de ligação* ou *relacionais*. *

O núcleo do predicado nominal, isto é, o termo que exprime o que o sujeito *é, está* ou *passa a ser*, se chama *predicativo*:

João é educado.

*Sujeito: João
Predicado nominal: é educado.
Predicativo: educado.*

3 — Predicado verbo-nominal

Outras vezes acrescentamos ao predicado verbal um adjetivo ou substantivo para indicar o estado ou condição em que se achava o sujeito no momento da ação expressa pelo verbo:

José estudou doente.

O sujeito *José* pratica uma *ação: estudou*; mas, ao fazê-lo, se apresenta num *estado: doente*.

Trata-se, portanto, de um predicado que tem um pouco de *verbal* (porque encerra uma ação) e um pouco de *nominal* (porque exprime um estado ou condição); chama-se, por isso, predicado *verbo-nominal*.

* A Nomenclatura Gramatical Brasileira prefere verbo de ligação.

O adjetivo ou substantivo que, nestes casos, se acrescenta ao predicado verbal, se chama ainda *predicativo*.

4 — Verbos de ligação

Vimos que o verbo de ligação entra na constituição do predicado nominal. Seu officio é ligar ao sujeito um estado, qualidade ou condição que pode ser:

a) estado permanente:

José é estudioso.
Aurora vive cansada.

b) estado passageiro:

José está estudioso.
Maria anda triste.
Antônio acha-se preocupado.
Pedro encontra-se doente.

c) mudança de estado:

José ficou estudioso.
Maria tornou-se triste.
Antônio acabou preocupado.
Pedro caiu doente.
O vizinho fez-se professor.
A crisálida virou borboleta.
Ela converteu-se em culpada.
Quem servirá de meu advogado?
Ele se meteu poeta (ou a poeta).

d) continuidade de estado:

José continua estudioso.
Maria permanece triste.

e) aparência:

José parece estudioso (parece ser).
Maria parece triste (parece estar).

OBSERVAÇÃO FINAL:

O predicativo é normalmente constituído por substantivos, adjetivos e pronomes. Não é porém raro termos a função predicativa exercida por expressões formadas da preposição *de* + substantivo ou pronome, o que ocorre nos seguintes casos principais: *

- Ele é dos nossos amigos* (abreviadamente: *ele é dos nossos*), onde a preposição *de* tem sentido partitivo, e o substantivo ou pronome, em função de predicativo, se nos apresenta como um todo de que se separa a parte que constitui o traço distintivo do sujeito.
- Este homem é de baixa condição, esta mesa é de mármore*, onde a preposição *de* indica procedência, origem ou matéria de que é feita uma coisa.
- Em sou de parecer, isto não é da sua competência, pode-se, com certeza, ver uma filiação no genitivo predicativo do latim (aliquid est mei iudicii apud MABVIC (trad. ΕΡΙΣΛΩΙΟ), Gramática Latina, I 281, Obs.).*
- As expressões isto não é de ser humano, isto é muito dele, esta é bem dele* (cf. *Os Lusíadas*, II, 84: "E porque é de vassallos o exercício") ainda se acham presas ao genitivo latino com o verbo *esse* (*ser*), no sentido de "ser próprio de alguém ou de alguma coisa", "o que é ato próprio de alguém, o que é função, dever, costume, etc. de alguém, o que é característico ou sinal distintivo de uma coisa: Cujus vis hominis est errare nullus, nisi insipientis, in errare perseverare. Cícero, *Fil.*, errar é de todo o homem, acontece a todo o homem" (MABVIC, *ibid.*, I 282).

Dessarte, na análise destes casos, não há necessidade de recorrermos a elipses, uma vez que são representantes directos de construções similares em latim.

NOTA: Em *isto é bem*, no lado de *isto é bom*, o advérbio não exerce a função de predicativo, porque o verbo *ser* (lat. *esse*) possui um sentido de verbo nocional, e não pode ser considerado propriamente um verbo de ligação. Representa ainda a construção latina *bene est* por *bonum est* (cf. italiano *é bene*, fr. *c'est bien*).

* Cf. MEYER-LÖWKE, *Grammaire*, III, págs. 449-450.

4^a

Sujeito indeterminado. Orações sem sujeito: verbos impessoais. A concordância do verbo nas orações sem sujeito.

1 — Sujeito indeterminado

Muitas vezes não queremos ou não sabemos determinar com precisão o sujeito da oração. Temos certeza de que a ação verbal foi praticada por um ser, mas nem por isso desejamos ou podemos apontá-lo:

*Estão chamando o professor lá fora.
"Diz (= dizem) que era uma vez quatro ladrões muito sábidos e finos" (CÂMARA CASCUDO, Contos Tradicionais do Brasil, 180).*

A indeterminação do sujeito não quer sempre dizer que não o conhecemos; serve também de manha inteligente de linguagem quando não nos interessa torná-lo patente àquele com quem falamos, como no seguinte exemplo:

Pedro, disseram-me que você falou mal de mim.

Em todos estes casos dizemos que o sujeito é *indeterminado*.

A língua portuguesa indetermina o sujeito de duas maneiras:

- a) empregando o verbo na 3.^a pessoa (singular ou

plural, sendo este último caso o mais comum) sem referência a pessoas determinadas:

Estão batendo.

- b) empregando o pronome *se* junto a verbo, de modo que a oração passe a equivaler a outra que tem por sujeito *alguém, a gente*:

*Vive-se bem aqui. Precisa-se de empregados.
A gente vive bem aqui. Alguém precisa de empregados.*

OBSERVAÇÃO: Diante de construções do tipo *cumpra-se* *guardar-se* e *cumpra uma pessoa guardar-se de*, a tradição literária em português prefere a última. Sobre o assunto, ensina ERIVALDO DIAS na sua *Gramática Francesa*, § 258, e: "Quando o pronome reflexo (e também o pronome possessivo da 3.^a pessoa) se refere à pessoa a quem mentalmente se atribui um infinitivo, é melhor e às vezes é indispensável, na tradução portuguesa, dar ao infinitivo um sujeito acomodado, v. g. *il faut se garder de, cumpra uma pessoa guardar-se de; il n'est pas prudent de lutter* (não é prudente uma pessoa lutar) *contre de plus puissant que soi; il faut faire à ses vices une guerre continuelle*".

Dizemos neste caso que o *se* é *índice de indeterminação do sujeito*.

OBSERVAÇÃO: Cumpra não confundir sujeito *indeterminado* com sujeito *oculto*.

2 — Orações sem sujeito

Vimos que normalmente a oração encerra dois termos essenciais: sujeito e predicado. Porém há casos em que as orações não têm sujeito. Não se trata, entretanto, nem de sujeito oculto nem de indeterminado; a verdade é que nas referidas orações não se pensa em atribuir a declaração expressa no predicado a quem quer que seja:

*Chove.
Faz frio.
Há bons livros na livreria.*

Se fizermos as perguntas que nos dão o sujeito, isto é, *que é que? quem é que?* nenhum termo responderá no papel de sujeito *quem é que chove? que é que faz frio? quem é que há bons livros na livraria?*

Os verbos destituídos de sujeito se chamam *verbos impessoais* e as orações unimembres em que aparecem se dizem *orações sem sujeito* ou de *sujeito inexistente*.

OBSERVAÇÃO: Pertence à sintaxe popular, com exemplos também em escritores clássicos do passado, o emprego do pronome *ele* junto a verbos impessoais, tal como o francês utiliza *il* nas mesmas circunstâncias: "Não que *ele* há marotos muito grandes na tropa! — obtemperou o padre João da Eira, rancoroso inimigo das armas sem que fôsse notável partidário das letras" (CAMILLO, *A Corja*, 24. Note-se a caracterização, pela linguagem, de um tipo que não era "notável partidário das letras"); "Harpagão — E vamos nós; a moça, achas que está deveras / perdidinha por ti? *ele* há tantas quimeras / no bichinho mulher!" (A. F. DE CASTILHO, *O Avaro*, pág. 265 da ed. de 1925); "*Ele* há muito anequim e tintureira por aqui" (M. LOBATO, *Urupês*, 61. Fala um marítimo "na sua linguagem pinturesca", como diz o autor.) O nosso escritor RUI BARBOSA, imitando de propósito o modo de dizer que colheu nos bons autores que aponta em nota de pé de página, escreve na pág. 492 da *Réplica*: "Que *ele* há nesse lugar um hiato, isso não direi que não."

3 — Os principais verbos impessoais

São:

- a) os verbos que denotam fenômenos da Natureza: *chover, trovejar, nevar, anoitecer, fazer (frio)*, etc.

Anoitece.
Faz frio.

- b) o verbo *haver* em orações sinônimas às construídas com *existir*:

Há livros bons (existem livros).

OBSERVAÇÃO: O verbo *ser*, com sentido existencial, na expressão consagrada do início das histórias *era uma vez*, tende a ser empregado impessoalmente e, por isso, invariável:

"Disse que *era* uma vez dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre" (CÂMARA CASCUDO, *Contos Tradicionais do Brasil*, 31); "*Era* uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras..." (Id., *ibid.*, 120); "Diz que *era* uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos" (Id., *ibid.*, 180).

Na página 292, sem a expressão *uma vez*, ocorre o plural: "Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito."

Mestres há, como o Prof. MARTINS DE AGUIAR (em carta particular), que ensinam que o verbo tem de ir ao plural, concordando com o seu sujeito, sendo o singular um caso de inércia mental, igual a *lá vai os homens*. Neste caso o sujeito será: *dois corcundas; três moças; quatro ladrões; quatro irmãs*.

- c) os verbos *haver, fazer e ser* nas indicações de tempo:

Há cinco anos não aparece aqui.
Faz cinco anos não aparece aqui.
Era à hora da sobremesa.

A tais verbos podemos chamar impessoais essenciais, uma vez que há vários outros que acidentalmente aparecem em construções impessoais mas que tendem, em sua maioria, a ser usados com sujeito próprio, portanto em tôdas as pessoas. Dos verbos que entram nessas construções impessoais merecem atenção: *

- 1) *bastar, chegar* (nas idéias de suficiência):

"basta de férias" (B. GUIMARÃES, *Seminarista*, 145)
"chega de sacrifício."

- 2) *dar-se*:

"como quem não se lhe dá da vizinha fronteira" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 29).

- 3) *constar*:

"nem me *consta* de serviços que nunca entre nós se trocassem" (RUI BARBOSA, *Cartas Políticas e Literárias*, 326).

* Lição e exemplos extraídos de ERIVÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica*, 83 e CÂNDIDO JUCÁ (PILHO), *O Fator Psicológico*, 152 e ss.

4) *ir* acompanhado de advérbio ou locução adverbial para exprimir como correm as coisas a alguém:

"Tu mal sabes quanto *nisto* me vai a honra e a vida talvez" (ARNALDO GAMA, *Um Motim Há Cem Anos*, 52 apud M. BARRETO, *Fatos*², 191).

5) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o espaço de tempo em que uma coisa acontece ou aconteceu:

Vai em dois anos ou pouco mais.

6) *vir* acompanhado das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece:

"Nesse mesmo dia quando *veio* pela tarde" (A. F. CASTILHO, *Quadros Históricos*, II, 107).

7) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo:

Já passava de dois meses.

8) *feito é de*, locução do estilo literário que significa que uma coisa está perdida:

"*Feito era* talvez para sempre, dos alterosos fados nascentes desta Monarquia, se dos céus lhe não assistira uma providência, e na terra um D. Egas" (A. F. CASTILHO, *Quadros Históricos*, I, 104).

4 — Os verbos impessoais sempre aparecem na forma de 3.º pessoa do singular

Desconhecendo-se a natureza impessoal dos verbos *haver* e *fazer*, é comum aparecerem erradamente na 3.ª pessoa do plural, quando seguidos de substantivo no plural. Isto acontece, porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim, notemos:

CERTO

Houve enganos lamentáveis
Haverá prêmios
Faz quinze dias
Fazia duas semanas

ERRADO

Houveram enganos.
Haverão prêmios.
Fazem quinze dias.
Faziam duas semanas.

Também ficará no singular o verbo que, junto a *haver* e *fazer*, sirva de auxiliar:

Pode haver enganos (e não: *podem haver*).
Deverá fazer três meses (e não: *deverão fazer*).

NOTA: Na oração: *José faz hoje dez anos*, o verbo *fazer* não é impessoal. Seu sujeito é *José*. Assim pode ir ao plural em: *José e Maria fazem dez anos*.

Usar-se-á também no singular a fórmula inicial das narrações *era uma vez*, ainda que seguida de nome no plural ou de mais de um substantivo (cf. pág. 32).

Era uma vez dois jovens (e não: *eram uma vez*...)
Era uma vez um irmão e uma irmã.

O verbo *ser* usado como impessoal nas indicações de horas, datas e distâncias concorda com a expressão numérica ou equivalente, no plural, que funciona como predicativo:

"*Eram* quatro de agosto, quando se encontraram" (ALEXANDRE HERCULANO).
"Da estação à fazenda são três léguas a cavalo" (SAID ALI).

OBSERVAÇÃO: Se o predicativo plural é precedido de uma expressão avalliativa (*perto de*, *cêrca de*, etc.), os escritores ora usam o plural, ora o singular: "*Era* perto de duas horas quando saiu da janela" (M. DE ASSIS, *Quincas Borba*, 160 apud S. SILVEIRA, *Lições de Português*, § 473). "*Eram* perto de oito horas" (Id., *Histórias sem Data*, 68 apud S. SILVEIRA, *ibid.*).

5 — HAVER no singular e EXISTIR no plural

Embora *haver* entre em construções de sentido igual às do verbo *existir*, em frases como *Há livros bons*,

haver fica no singular, enquanto *existir* vai ao plural: *Existem livros bons.*

A razão é porque o verbo *haver*, assim empregado, é impessoal. *Existir*, ao contrário, é pessoal, isto é, tem sujeito. Na oração dada, o sujeito de *existir* é *livros bons.*

A sinonímia de *haver* e *existir* tem levado muitos escritores ao emprêgo de *haver* no plural, prática de linguagem que nos cumpre evitar cuidadosamente.

6 — Erro no emprêgo do verbo TER pelo HAYER

Constitui incorreção, na língua literária, o emprêgo do verbo *ter* em lugar do *haver* em orações como:

Tem livros na mesa por Há livros na mesa.

Este emprêgo corre vitorioso na conversação de todos os momentos, e já vai ganhando aceitação nos escritores modernos brasileiros que procuram aproximar a língua literária da espontaneidade do falar coloquial:

“Na Rua Toneleros *tem* um bosque, que se chama, que se chama solidão” (M. BANDEIRA, *Poesia e Prosa*, II, 419).

Este emprêgo de *ter* impessoal parece ter-se originado de uma mudança na formulação da oração *A biblioteca tem bons livros* ao lado de *Na biblioteca há bons livros.*

5^a

Conceito de núcleo. Núcleo do sujeito. Sujeito simples e composto. Uso da vírgula no sujeito composto. Idéia de concordância do verbo com o sujeito.

1 — Que é núcleo

Tomemos as seguintes orações:

Meu querido primo nos visitará hoje. Ele é um excelente companheiro.

O sujeito da primeira oração é *meu querido primo*; porém, na expressão, há um termo que tem maior importância, porque é dele que fazemos a declaração *nos visitará hoje*. Este termo é o substantivo *primo*, que, para a expressão total do nosso propósito, se acha acompanhado de *meu* e *querido*. Dizemos que *primo* é o núcleo do sujeito.

2 — O núcleo do sujeito é sempre um substantivo ou pronome

Se na primeira oração apontada acima o núcleo do sujeito é o substantivo *primo*, na segunda oração o núcleo do sujeito é o pronome *ele* que, por não vir acompanhado de outro termo ou termos, coincide com a expressão total do sujeito.

Se procurarmos o núcleo do sujeito em todas as

orações exemplificadas até aqui ou em novas citações, este será de base *nominal*, isto é, um substantivo (ou expressão de valor substantivo) ou *pronome*.

3 — Sujeito simples e sujeito composto

O sujeito pode conter um só *núcleo*:

"A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria"
(MARQUÊS DE MARICÁ).

Sujeito: a melhor companhia.

Núcleo do sujeito: companhia.

Dizemos então que o sujeito é *simples*. São ainda exemplos de sujeitos simples:

Nós não o queremos.
O povo escolherá bons governos.
Os rios são estradas que andam.

Se pensamos em dois ou mais seres distintos e deles fazemos o sujeito de uma oração, esta conterà dois ou mais núcleos:

Eu e ele assistimos a este filme.
Sujeito: eu e ele.
Núcleos do sujeito: eu, ele.
O gaúcho e o vaqueiro do Nordeste são tipos diferentes.
Sujeito: o gaúcho e o vaqueiro do Nordeste.
Núcleos do sujeito: gaúcho, vaqueiro.

Se o sujeito encerra *mais de um núcleo*, dizemos *sujeito composto*.

Os núcleos do sujeito composto se acham ligados pelas conjunções coordenativas:

João e Pedro viajaram hoje.
Maria ou Glória fará as compras.

4 — A vírgula e o sujeito composto

Numa série de núcleos que constituem o sujeito composto, todos se separam normalmente por vírgula,

salvo o derradeiro que aparece ligado ao anterior por conjunção coordenativa:

Livros, cadernos, lápis e canetas são materiais escolares.

Se é nossa intenção imprimir ênfase, vigor, a cada núcleo do sujeito composto, então repetiremos a conjunção em lugar da vírgula:

O olhar e o aspecto e as mentiras refletiam o que lhe ia na alma.

Havendo pausa no último núcleo da série, pode aparecer vírgula antes da conjunção:

Paí, mãe, e irmãos assistiam àqueles dolorosos minutos.

Ainda nos momentos de ênfase, ressaltamos a participação dos vários núcleos do sujeito composto na declaração do predicado, substituindo a conjunção e pela série *não só... mas também* (ou outra de sentido aditivo), como no seguinte exemplo:

Pedro e Paulo foram ao cinema.
Não só Pedro, mas também Paulo foi ao cinema.

5 — Idéia de concordância do verbo com o sujeito: princípios gerais

A relação íntima entre o sujeito e o verbo determina que este se acomode ao número (singular ou plural) e à pessoa (1.^a, 2.^a ou 3.^a) daquele. Dizemos, por isso, que o verbo *concorda* com o sujeito em *número e pessoa*.

A nossa língua é muito rica no tocante à concordância do verbo com o sujeito, a que chamamos também *concordância verbal*.

Fizemos em linhas atrás uma distinção entre *sujeito simples* e *sujeito composto*, fundamental para o aspecto da concordância:

SUJEITO	{ a) <i>simples</i> { b) <i>composto</i>	1) constituído de núcleo no <i>singular</i> : <i>O homem trabalha.</i>
		2) constituído de núcleo no <i>plural</i> : <i>Os homens trabalham.</i>
		<i>O homem e a mulher trabalham.</i> <i>Os homens e as mulheres trabalham.</i>

Baseados nesta distinção poderemos expor os princípios gerais da concordância verbal:

- 1.º) Quando o sujeito for *simples* e *singular*, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

O homem trabalha.
O povo marcha.

- 2.º) Quando o sujeito for *simples* e *plural*, o verbo irá para o plural:

Os homens trabalham.
Os povos marcham.

- 3.º) Quando o sujeito for *composto*, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a posição do sujeito em relação ao verbo:

O homem e a mulher trabalham.
Brincam no pátio José e Maria.

NOTA: No caso do sujeito composto, pode o verbo concordar com o elemento mais próximo, principalmente se o sujeito vem depois do verbo. A língua portuguesa moderna prefere orientar-se pelo princípio geral acima estabelecido, pondo o verbo no plural. Eis as duas concordâncias na pena de excelente escritor:

"O urso ferocíssimo, o javali indomável, a leve corça *abasteciam* a grosseira mesa dos gôdos, a quem a desgraça e a vida dura das solidões *fizera* mais feros, mais indomáveis e mais ligeiros do que eles" (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 163).

"Nas solidões do Calpe *tinha* reboado a desastrada morte de Witiza, a entronização violenta de Ruderico e as conspirações que ameaçam rebentar por toda a parte" (id., *ibid.*, 21).

No primeiro exemplo *abasteciam* está no plural concordando com o sujeito composto: *urso, javali, corça*. No segundo, *tinha* concorda apenas com o núcleo mais próximo do sujeito composto: *morte, entronização, conspirações*.

Esta concordância do verbo com o núcleo mais próximo, e não com a totalidade do sujeito composto, se chama *concordância atrativa* ou *por atração*.

O primeiro exemplo de HERCULANO contém ainda um caso interessante de concordância que precisa logo de nossa atenção: "a desgraça e a vida dura das solidões *fizera*..."

Se os substantivos no singular ligados pela conjunção *e* forem sinônimos e, assim, designarem um único ser, o verbo ficará no singular. No trecho do escritor português, *desgraça* e *dura vida* traduzem uma só idéia, daí o verbo *fizera*, no singular.

6 — Outros casos de concordância

- a) Se o sujeito composto é constituído por uma série em que entra o pronome *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

Eu e meu colega conquistamos bons lugares.
Eu e tu desconhecemos esse problema.

- b) Se o sujeito composto é constituído por uma série em que entra o pronome *tu* ou *vós* e nenhum dos outros núcleos encerra pronome da 1.ª pessoa, o verbo irá para a 2.ª ou 3.ª pessoa do plural:

Tu e José fostes (ou *foram*) premiados.
Vós e todos os outros deveis (ou *devem*) sair.
 "Se Casimiro ficar condenado, *tu* ou *teu cunhado vão* para Lisboa, e entreguem as cartas, onde eu mandar" (CAMILO, *O Bem e o Mal*, ed. CASASSANTA, 116).

OBSERVAÇÃO 1.ª: A gramática tradicional prefere que se dê supremacia, nestes casos, à 2.ª pessoa, de modo que para ela o verbo cabe melhor na 2.ª pessoa do plural. A verdade, porém, é que a língua moderna tem dois plurais de *tu*; no estilo coloquial é *vocês* e no estilo solene é *vós* (verdadeiro plural gramatical). Daí a possibilidade de o verbo poder ir para o plural de 2.ª ou 3.ª pessoas, conforme vimos.

OBSERVAÇÃO 2.ª: Em português podemos dispor os pronomes pessoais em qualquer ordem: *eu e tu, tu e eu, eu e ele, ele e eu*, sendo que, por cortesia, o pronome de 1.ª pessoa pode vir em último lugar: "Vinhámos da missa, *ela*, o pai e eu" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 309).

c) Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados pela série aditiva do tipo *não só... mas também*, o verbo vai para o singular (concordando com o mais próximo dos núcleos) ou para o plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito):

Não só Pedro, mas também Paulo *saiu* (ou *sairam*).
Sairam (ou *saiu*) não só Pedro, mas também Paulo.

d) Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados pela série aditiva negativa *nem... nem*, o verbo vai normalmente para o plural, podendo também ir para o singular:

Nem eu nem tu *seremos* escolhidos agora.
 Nem José nem Maria *foram* embora.
 Nem o parente nem o vizinho *lhe dará* crédito.

e) Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados pela conjunção *ou*, o verbo concordará com o sujeito mais próximo se:

1) a conjunção indicar *exclusão* dos núcleos restantes:

José ou Antônio *ganhou* o prêmio.

2) a conjunção indicar *retificação de número gramatical*:

O livro ou os livros *foram* vendidos.
 Não se *queixou* o prejudicado ou os prejudicados pelo roubo.

"Cantares é o nome que o autor ou autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemas..." (HERCULANO, *O Bôbo*, 131 nota).

3) a conjunção indicar *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a idéia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural:

O rico ou o pobre *não fogem* ao seu destino.

f) Se o sujeito é constituído pelas expressões do tipo *a maior parte de, a maioria de, grande parte de, parte de* e um nome no plural, o verbo vai para o singular ou plural:

A maior parte dos companheiros *recusou* (ou *recusaram*) sair.

g) Se o sujeito é constituído por um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* e o verbo da oração é *ser* seguido de predicativo no plural, o verbo pode ir para o singular ou plural (êste último caso é o mais comum):

Tudo *é* (ou *são*) flores.

h) Se o sujeito denota pessoa ou personificação e o verbo da oração é *ser*, o verbo concorda com o sujeito qualquer que seja o número do predicativo:

Ele *é* as alegrias dos pais.
 O afilhado *era* as preocupações do padrinho.
 "Justiça *é* tudo, justiça *é* as virtudes todas..." (GARRETT, *Da Educação*, 45, ed. 2.ª).

i) Se o sujeito da oração é expresso por substantivo e o verbo é *ser* seguido de pronome pessoal, com êste último concorda o verbo em número e pessoa:

O dono do livro sou eu.
Os responsáveis seremos nós.

j) Nas orações interrogativas iniciadas pelos pronomes *quem, que, o que*, o verbo *ser* concorda com o nome ou pronome que vier depois:

Quem são os culpados?
Que são os sonhos?
O que seremos nós sem fé?

OBSERVAÇÃO: A forma interrogativa enfática *o que* tem sido condenada por alguns gramáticos, mas constitui hoje um fato da língua moderna, com a aprovação dos mais distintos escritores brasileiros e portugueses.*

l) Cuidado especial há de merecer a concordância do verbo acompanhado do pronome *se* e sujeito plural posposto (cf. adiante, pág. 108): **

CERTO

Alugam-se casas.
Fazem-se chaves.
Consertam-se rádios.
Vendem-se apartamentos.

ERRADO

Aluga-se casas.
Faz-se chaves.
Conserta-se rádios.
Vende-se apartamentos.

OBSERVAÇÃO: Se o nome no plural vem precedido de preposição, não pode ser sujeito, e, por isso, o verbo fica no singular:

CERTO

Precisa-se de empregados.

ERRADO

Precisam-se de empregados.

Trata-se, neste caso, de sujeito indeterminado; o pronome *se* é índice de indeterminação do sujeito.

* Cf. SAID ALI, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed., cap. I.

** Autoridades de peso têm caído neste engano. Cf. MÁRIO BARRETO, *Ditimos Estudos*, 388-9. Ensina-nos MARTINZ DE AGUIAR: "Vende-se casas e fritam-se ovos são frases de emprego antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requeira *vendem-se, fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado [o Autor se refere ao trecho que transcrevemos na pág. 108], modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes da evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós" (*Notas e Estudos de Português*, 183).

m) O verbo *dar* aplicado a horas, ou concorda com o sujeito *relógio*, se vier expresso, ou, na falta dêste, com a expressão numérica:

O relógio deu uma hora.
Deram duas horas.

n) Merece, por fim, a nossa atenção a concordância que leva em conta não a *forma* da expressão, mas a *idéia* que ela sugere. É o que os gramáticos chamam *silepse*.

Há silepse de *gênero, número* e *pessoa*, podendo ocorrer ainda a combinação de mais de um tipo.

Exemplos de silepse de gênero (discordância de gênero):

V. Ex.^a é { DELICADO (referindo-se a homem)
DELICADA (referindo-se a mulher)

Passaremos o fim de semana na bela Governador (levando-se em conta o vocábulo *ilha* que se subentende).

A gente é enganado a todo instante (trata-se de uma pessoa do sexo masculino, embora também possa haver aqui a concordância, sem silepse, com *a gente: a gente é enganada*).

"Opulenta outrora, os seus (de Cartéia) *estaleiros* tinham sido famosos antes da conquista romana" (A. HERCULANO, *Eurico 7 apud EPIFÂNIO, Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 478).

A construção normal, para explicar o feminino *opulenta*, seria *os estaleiros dela*, e não *os seus estaleiros*.

Exemplos de silepse de número (discordância de número):

"Misericórdia! — bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lájeas do pavimento" (A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, I, 285).

Cairam, em vez de *caiu*, leva em conta a idéia de pluralidade contida no coletivo *multidão*.

"A gente compreende como estas coisas acontecem; casos se podem ter dado *conosco* da mesma natureza, mas o que *nós* não fizemos nunca..." (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 132).

A gente... nós apresenta mudança de número (singular X plural).

Exemplos de silepse de pessoa (discordância de pessoa, no verbo):

Os alunos desta sala desejamos que o professor seja feliz (o aluno que fala em nome de seus colegas se inclui no rol e leva o verbo à 1.^a pessoa do plural em vez do normal *desejam*).

"Uma criança! disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos *trazemos conosco*" (M. DE ASSIS *apud* S. DA SILVEIRA, *Lições de Português*, § 537).

Combinação de mais de um tipo:

"Vem descendo os montes
Ou abicando às povoadas praias
Gente da raça ilustre. A onda imensa
Pelo arraial se estende pressurosa.
De quantas côres natureza fértil
Tinge as próprias feições, copiam eles
Engraçadas, vistosas louçanias.
Vários na idade são, vários no aspeto,
Todos iguais e irmãos no herdado brio" (M. DE ASSIS *apud* PDBLP, s.v.). Registra-se nestes versos silepse de gênero e número: *gente*, sendo uma reunião de soldados, leva naturalmente o autor a empregar no masculino e plural: *vários e todos*.

6^a

Conceito de complemento. Complementos nominais e verbais. Emprêgo dos pronomes O e LHE. Combinações de pronomes pessoais. Pleonasma. Verbos em cuja regência freqüentemente se erra.

1 — Que é complemento

Traduzimos perfeitamente uma unidade de sentido quando dizemos:

Antônio acordou.
Maria brinca.
O cão desapareceu.
A boneca anda.

Já não acontecerá o mesmo se proferirmos:

Eu preciso.
Maria quer.
O aluno espera.
O vizinho contou.

Há verbos, como os dos primeiros exemplos, que se bastam a si mesmos, isto é, não precisam de nenhuma expressão seguinte para *completar* o seu sentido.

Outros, por sua vez, necessitam do auxílio de uma expressão subsidiária. Estão neste grupo os verbos da segunda série de exemplos. Eles poderiam ter o seu sentido completado, perfeito, se disséssemos:

Eu preciso *do livro*.
Maria quer *este caderno*.
O aluno espera *as melhores notas*.
O vizinho contou *as novidades aos presentes*.

A expressão que completa o sentido das palavras que não se bastam a si mesmas se chama *complemento*. Assim, *do livro, êste caderno, as melhores notas, as novidades e aos presentes* são complementos dos verbos *precisar, querer, esperar e contar*.

Os verbos que dispensam complemento se chamam *intransitivos*. Os que precisam de complemento recebem o nome de *transitivos*.

Regência é "a relação necessária que liga entre si duas palavras, de tal modo que uma dependa gramaticalmente da outra." *

A palavra que *rege*, isto é, aquela de que depende o complemento, se chama *regente*. O complemento se diz *regido* ou *regime* de tal expressão regente.

Os elementos fundamentais da regência são o verbo, o nome e a preposição. O termo regido por uma preposição é normalmente um substantivo ou pronome:

O livro *do* menino.
O livro *dêle*.

Em linguagem como:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *do* faminto"
(MARQUÊS DE MARICÁ, *Máximas*).

"Muitas pessoas se prezam *de* firmes e constantes que não são mais que teimosas e impertinentes" (Id., *ibid.*)

a presença do adjetivo se explica pela omissão de um verbo de ligação adequado (*ser, estar, ficar, etc.*) ou pela fusão de construções onde aparecem numa o adjetivo e noutra o substantivo: *O pai castigou a filha por desmazelada* (resultante da fusão de *por ser desmazelada com pelo seu desmazêlo*).

* LÁZARO CARRETER, *Diccionario de Términos Filológicos*, 283.

Em *veste-se de branco*, por exemplo, temos a substantivação do adjetivo. *

2 — Complementos nominais e verbais

Os complementos servem a *nomes* (substantivos e adjetivos) e a *verbos*; daí a regência dividir-se em *nominal* e *verbal*.

Exemplos de complementos de nomes:

Tenhamos amor *ao* próximo (*amor ao próximo*).
Paulo sentia *inclinação* pela música (*inclinação pela música*).
Sejamos *úteis* à pátria (*úteis à pátria*).
Estavam *desejosos* de vitória (*desejosos de vitória*).
Eram questões *referentes* à lição dada (*referentes à lição dada*).

Tais complementos nominais designam a pessoa ou coisa "como objeto da ação ou sentimento que o substantivo ou adjetivo significa: *temor do perigo, amor da pátria, execução de uma ordem, cobiçoso de honras* (o que corresponde a *temer o perigo, amar a pátria, executar uma ordem, cobiçar honras*)". **

Os substantivos e adjetivos que denotam sentimento constroem-se com variadas preposições: *de, a, por (per), contra, para com*, atendendo-se à clareza e à eufonia da expressão. Assim, *amor da pátria* pode ser tanto o amor que se deve ter à pátria, como aquêlê que a pátria tem aos seus filhos. Daí a preferência moderna por *amor à pátria, amor pela pátria*, quando se quer traduzir a primeira idéia.

OBSERVAÇÃO: Aham-se incluídos nesta classe de palavras regentes os advérbios de base nominal:

* Cf. para o assunto M. BARRETO, *De Gramática*, 297 da 2.ª edição.

** EPIRÂNIO DIAS, *Gramática Portuguesa Elementar*, § 150.

Referentemente ao assunto (compare-se com: em referência ao assunto, referente ao assunto). *

Exemplos de complementos de verbos:

Os alunos ouviram uma história.
As crianças gostam de histórias.

Os complementos de nomes se chamam *nominais*; os de verbos, *verbais*.

3 — Os tipos de complementos verbais

Vimos que se chamam *transitivos* os verbos que pedem complemento. Mas estes complementos se dividem em dois grupos, conforme venham ou não iniciados por *preposição necessária*:

Os alunos ouviram uma história.
As crianças gostam de histórias.

Dizem-se *transitivos diretos* os que pedem complemento não introduzido por preposição necessária. Neste caso, o seu complemento se denomina *objeto direto*. Assim, *uma história* é objeto direto do verbo transitivo direto *ouvir*.

Dizem-se *transitivos indiretos* os que pedem complemento introduzido por preposição necessária. Neste caso, o seu complemento recebe o nome de *objeto indireto*. Assim, *de histórias* é objeto indireto do verbo transitivo indireto *gostar*. **

* Tais advérbios merecem nossa particular atenção no capítulo seguinte deste livro.

** NOTA AO PROFESSOR: Diante de expressões do tipo:

Irei à cidade.
Voltei do trabalho.

tínhamos a rigor de falar em verbos transitivos *advérbiais*, isto é, os que pedem como complemento uma expressão *advérbial*. Contra o conceito de *complemento*, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* arroia tais casos entre os *adjuntos advérbiais*. A incongruência se torna mais patente quando classificamos em: *Ida à cidade*, *Volta ao trabalho*, *à cidade* e *ao trabalho* como complementos *nominais*.

OBSERVAÇÃO: Insistimos, em toda esta explicação, em dizer *preposição necessária* para fazer referência àquela que não pode ser retirada sem prejuízo do sentido ou da correção da frase. Ao lado desta *preposição necessária* corre a preposição que pode ser dispensada ou que aparece como recurso estilístico da clareza do pensamento. Por exemplo: jamais diremos *As crianças gostam histórias*, mas usaremos indiferentemente *Amo meus pais* ou *Amo a meus pais*. Neste último caso, o verbo *amar* é transitivo direto e *meus pais* é objeto direto. A preposição é mero recurso estilístico e sua explicação está em se pôr em evidência a pessoa para quem a ação se dirige, a pessoa que recebe a ação expressa pelo verbo.

Certos verbos transitivos, mesmo acompanhados de objeto direto, continuam com sentido incompleto, exigindo outro complemento precedido de preposição para indicar o ser a quem a ação se destina ou o ser beneficiado ou prejudicado por esta referida ação:

O professor relatou esses casos aos seus alunos.
Os pais distribuíram prêmios aos filhos.

Este complemento vem sempre precedido da preposição *a* ou *para* e também se classifica como *objeto indireto*.

OBSERVAÇÃO: A NGB, a bem da simplificação, reúne sob o título de objeto indireto complementos verbais preposicionados de naturezas bem diversas: o *objeto indireto* propriamente dito, em geral encabeçado pelas preposições *a* ou *para* e que pode ser substituído pelo pronome *lhe*, *lhes* (*escrevi AOS PAIS*); o *complemento partitivo*, em geral iniciado pela preposição *de* (*lembrar-se DE ALGUMA COISA*) e o *complemento de relação*, também em geral introduzido pela preposição *de* (*ameaçar alguém DE ALGUMA COISA*). Isto nos leva a compreender porque uma oração pode conter dois objetos indiretos como: *Queixou-se DOS MAUS TRATOS AO DIRETOR*.

4 — Tipos de objeto direto e indireto

Quanto ao sentido, o objeto direto pode exprimir:

a) a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal:

O professor castigou o aluno preguiçoso.

b) o produto ou resultado da ação:

O carpinteiro fez a mesa.

c) a pessoa ou coisa "para onde se dirige um sentimento, sem que o objeto seja forçosamente afetado pelo dito sentimento:

*Otelo ama a Iago e Iago odeia a Otelo.***

d) com os verbos de movimento, o espaço percorrido ou o objetivo final:

"Andei longes terras" (G. DIAS), atravessar o rio, correr os lugares sacros, subir a escada, descer a montanha, navegar o rio, etc. ou o tempo decorrido (viver bons momentos, dormir a noite inteira, etc.).

O objeto indireto pode exprimir:

a) a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal:

Escrever aos pais.

b) a pessoa ou coisa em cujo proveito ou prejuízo se pratica a ação (*dativo de interesse*):

Trabalha para o bem geral da família.

c) a pessoa ou coisa que, vivamente interessada na ação expressa pelo verbo, procura captar a simpatia ou a benevolência do ouvinte (*dativo ético*):

Prendam-me esse homem!
Não me vire esses papéis da mesa.
"Beba-lhe bem" (EPÍFÂNIO DIAS, *Sint. Histórica*, I, 150).

d) a pessoa a quem pertence uma opinião, caso em que o objeto indireto pode servir a um verbo de ligação (*dativo de opinião*):

* M. SAIN A., *Grammatica Histórica*, I, 183.

*Para ele tudo eram flores.
José pareceu-lhe adoentado.**

5 — A preposição como posvérbio

Assim denomina ANTENOR NASCENTES** a preposição que, depois de certos verbos, mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de significação do que reger o complemento desses mesmos verbos:

{ Arrancar a espada
Arrancar da espada (o posvérbio acentua a idéia do uso do objeto, a retirada total da bainha ou cinta).

{ Cumprir o dever
Cumprir com o dever (o posvérbio acentua a idéia de zelo ou boa vontade para executar algo).

{ Fiz que ele viesse
Fiz com que ele viesse (o posvérbio acentua a idéia do esforço ou interesse no fato).

{ Olhar a criança
Olhar pela criança
Olhar a uma vantagem { o posvérbio acentua a carga afetiva (prep. por) ou interesse (prep. a).

{ Perguntar alguma coisa
Perguntar por alguma coisa (o posvérbio denota interesse).

6 — Objeto direto preposicionado

Não raro o objeto direto pode aparecer precedido de preposição. Isto acontece nos seguintes principais casos:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende a nós, nem nós a ele" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, V, 28).

* Cf. do latim: "Quintia formosa est multia" (CATULO, 88, I apud ERNOU-THOMAS, *Synt. Latine*, I, 91).

** A. NASCENTES, *O Problema da Regência*, 17.

b) quando se deseja encarecer a pessoa ou coisa a quem a ação verbal se dirige, distinguindo-se do sujeito:

Amar a Deus sobre todas as coisas.
Ele soube vencer aos inimigos.

c) quando se pretende evitar confusão de sentido, nos casos em que ocorre:

1) inversão (o objeto direto antecede ao sujeito):

A Abel matou Caím.

2) comparação:

Estimo-o como a um pai.

Poderia ter mais de um sentido a construção:

Estimo-o como um pai (como um pai estima ou como se estima a um pai).

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro, uns aos outros*:

Conhecem-se uns aos outros.

e) com o pronome relativo *quem*, de antecedente expresso:

Conheci a pessoa a quem admiras.

f) nas construções em que se coordenam um pronome átono e um substantivo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e aos leais" (HERCULANO, *O Bôbo*, 102 apud *Fragmentos*, 132).

"Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem o vosso Criador, que vos deu essa árvore... para vos agasalharem a vós e aos vossos filhinhos" (EÇA DE QUEIRÓS apud H. MEIER, *Ensaíos*, 138).

g) nas construções de objeto pleonástico, sem que isto constitua norma obrigatória:

"A desventura faz o homem religioso, a êle fê-lo fanático" (HERCULANO, *Fragmentos*, 121).

"Ao ingrato, eu não o sirvo, porque (= para que) me não magoe..." (RODRIGUES LÔBO, *Antologia Nacional*, 279).

"Ao vão nem o gabo, nem o repreendo. Ao lisonjeiro não ao (= o) creio..." (Id., *ibid.*)

7 — Concorrência de complementos diferentes

Um verbo transitivo pode acompanhar-se de dois objetos, podendo daí surgir as três seguintes principais concorrências:

1) *objeto indireto de pessoa* (regido das preposições *a* ou *para*) e *objeto direto de coisa*:

"Eu sou aquele a quem padre Antônio de Azevedo ensinou princípios de solfa, e as declinações da arte francesa" (CAMELO, *O Bem e o Mal*, 37 ed. M. CASASSANTA).

Estão neste caso, entre outros, os seguintes verbos: *aconselhar, agradecer, aludir, anunciar, assegurar, atribuir, avisar, ceder, conceder, confiar, consentir, dar, declarar, dedicar, dever, dizer, doar, encobrir, entregar, explicar, expor, extorquir, fiar, furtar, impedir, imputar, informar, ministrar, mostrar, negar, ocultar, oferecer, ordenar, pagar, pedir, perdoar, perguntar, permitir, proferir, proibir, prometer, propor, requisitar, responder, revelar, rogar, roubar, sacrificar* (dar em sacrifício), *subtrair, sugerir, tirar, tomar, tributar* e os que exprimem percepção dos nossos sentidos ou do espírito, como *ver, ouvir, conhecer*:

Ouviu essa história a um parente afastado.

2) *objeto direto de pessoa* e um complemento de relação, regido das preposições *de, sobre* e, algumas vezes, *a* (a que a NGB chama *objeto indireto*):

"D. Miguel de Almeida e D. Antão de Almada, informando-o de tudo, pediram-lhe a sua cooperação" (REBELO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 127).

Pertencem a este grupo os seguintes principais verbos, alguns dos quais, com diferente maneira de construir, já foram relacionados no grupo anterior: *aconselhar, acusar, ameaçar, assegurar, avisar, bendizer, certificar, convencer, culpar, desculpar, informar, louvar, maldizer, persuadir, prevenir*.

3) objeto indireto de pessoa (principalmente com *a* ou *para*) e complemento de relação (a que a NGB chama *objeto indireto*, o que nos leva a considerar dois objetos indiretos numa mesma oração):

Queixou-se *dos maus tratos* (compl. de relação) *ao diretor* (obj. indireto).

Desculpou-se do ocorrido aos (ou *com os*) *amigos*.

OBSERVAÇÃO 1.ª: Alguns verbos podem admitir duas ou mais construções sem que se altere fundamentalmente a sua significação geral: *ensinar alguma coisa a alguém* ou *ensinar alguém a fazer alguma coisa*; *avisar alguma coisa a alguém* ou *avisar alguém de alguma coisa*; *informar alguma coisa a alguém* ou *informar alguém de alguma coisa*, etc.

OBSERVAÇÃO 2.ª: Em virtude do cruzamento de construções diferentes podem aparecer dois objetos diretos (hoje raramente) ou indiretos: *rogar alguém que faça alguma coisa*; *ensinar a alguém a ler*; *lembrar a alguém de alguma coisa*; *esquecer a alguém de alguma coisa*, etc.: "e este enfarrapadinho inocente ensina a Fr. Bertolameu a ser Arcebispo" (FR. LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, I, 97 ed. de 1818).

8 — A classificação do verbo depende da frase

A classificação do verbo — como de qualquer palavra — depende da situação em que se acha empregado na frase. Muitos verbos, de acôrdo com os vários sentidos que podem assumir, ora entram no grupo dos verbos de ligação, ora são transitivos (diretos ou indiretos), ora intransitivos:

Ele passou a presidente (*verbo de ligação*).
O caçula passou o mais velho (*transitivo direto*).
A chuva passou (*intransitivo*).

De modo que, a rigor, para muitos verbos não podemos falar em transitivos, intransitivos, etc., mas num *emprêgo* transitivo, intransitivo, etc. dos mesmos verbos.

9 — Predicativo do objeto

No predicado verbo-nominal o predicativo pode referir-se não só ao sujeito, como já vimos, mas ainda ao objeto:

Vi as crianças *alegres*. Acusavam o pobre homem de *ladrão*.
Tachou-o de *louco*.
Deixaram o livro *rasgado*. A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.
Chamaram-no *tolo*. Eu me dou *por satisfeito*.
Quero-o *para padrinho*.

Com *chamar* podemos dizer ainda:

Chamaram-no *de tolo* (referente ao objeto direto).
Chamaram-lhe *tolo* (referente ao objeto indireto).
Chamaram-lhe *de tolo* (referente ao objeto indireto).

Pedem predicativo do objeto os verbos:

a) que significam *chamar e ter na conta de*: *chamar, considerar, reputar, julgar, supor, declarar, intitular, crer, estimar, ter e haver por, dar e tomar por*, etc.

"Não tinha ele *de esposa* a mais formosa menina de Espanha, D. Leonor de Mendonça, filha dos duques de Medina-Sidónia?" (CAMILLO, *Cavar em Ruínas*, 23 apud MÁRIO BARRETO, *Últimos Estudos*, 279).

b) que significam *tornar tal em tal*: *fazer, designar, nomear, escolher, instituir, levantar, reconhecer, coroar, sagrar*, etc.

- c) *deixar, ver, ouvir, encontrar* em construções do tipo:

Viu-o vivo e forte.

OBSERVAÇÃO: Não têm os mestres por vernácula a construção *erigir-se em juiz* ou *erigir-se juiz*, mandando-a substituir por *fazer-se* ou *constituir-se juiz*, *arrogar-se a autoridade de juiz*, *meter-se a julgar*.

"O inconveniente — comenta MÁRIO BARRETO — não está na construção com *em*, pois os nomes predicativos umas vezes se combinam imediatamente com o verbo, e outras vezes os acompanhamos, já necessária, já facultativamente, de uma partícula (*como, para, por, em*):

Adotei-o por filho; Aceitei-o por amigo; Ter alguém por feliz; Considerar uma coisa como justa; Danam-no como incurável; Aclamaram como seu capitão um estrangeiro; Foi sagrado e ungido em rei; Elegeram Pio em Sumo Pontífice; Uma fortuna que quase nos constitui em potentados; Elegeram-no bispo, por bispo, em bispo; Aquêlle que escolhestes por espôso, para espôso, ou aquêlle que escolhestes espôso; Foi alevantado por rei. O inconveniente está em usar-se *erigir* na significação reflexiva, que não concederam nunca ao dito verbo os autores da clássica idade" (*Novos Estudos*², 474).

Pode o predicativo do objeto exprimir resultado ou consequência da ação verbal:

Nós constituímos José nosso advogado.
Os colegas elegeram o Mário secretário do clube.

As vezes podemos indicar no predicativo o estado ou condição anterior do objeto e a mudança por *ê* sofrida depois da ação expressa pelo verbo:

O secretário passou José de auxiliar a chefe.

10 — O pronome O como objeto direto e LHE como indireto

O substantivo que funciona como objeto direto pode ser substituído pela série pronominal *o, a, os, as*:

Eu vi José no cinema. Eu o vi no cinema.
Convidamos Maria para a festa. Convidamo-la para a festa.

Muitos verbos que pedem objeto indireto têm este termo substituído pelas formas pronominais *lhe, lhes*, principalmente quando precedido das preposições *a* e *para*:

Relatei a todos o ocorrido. Relatei-lhes o ocorrido.
O secretário obteve para *ê* bons negócios. O secretário *lhe* obteve bons negócios.
A explicação agradou aos alunos. A explicação agradou-lhes.

11 — O pronome ÊLE como objeto direto

No português padrão moderno, não se usa *ê* como objeto direto:

Eu o vi (e não eu vi *ê*).

No Brasil, salvo nas páginas de alguns escritores modernistas, *ê* só se usa em literatura quando o autor procura imitar o falar inculto, como no seguinte exemplo de M. DE ASSIS em que um prêto diz: "É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei *ê* na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e *ê* deixou a quitanda para ir na venda beber" (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 191).

Se *ê* é acompanhado de *todos* pode aparecer, inclusive no falar culto, como objeto direto, segundo nos atesta o seguinte exemplo extraído da redação da *Gramática Portuguesa* de dois distintos estudiosos, PACHECO DA SILVA JÚNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE: "No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos êles* conserva o português" (pág. 398 da 2.^a ed.).

12 — A preposição e o pronome pessoal oblíquo

A preposição exige a forma pronominal oblíqua tônica:

Para mim tudo vai bem.
A ti sempre dizem a verdade.
Em ti repousam as nossas esperanças.

Daí ser rejeitada a construção *entre eu e tu* em lugar de *entre mim e ti*, uma vez que, sendo *entre* uma preposição, só haverá lugar para as formas oblíquas apontadas:

"Por que vens, pois, pedir-me adoração quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?" (A. HERCULANO, *Eurico*, 46-47 ed. 1864).
"Nenhuma relação estreita existiam *entre mim e ela*" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 85).

Tais pronomes devem aparecer na forma oblíqua ainda que estejam em último lugar da série:

"Desfarei este muro de bronze que está *entre vós e mim*" (A. HERCULANO apud HERÁCLITO GRAÇA, *Fatos da Língua-gem*, 264).

São raros e não conquistaram adeptos, entre o falar culto, exemplos como:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'alma e tão profundamente, / que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" (A. F. CASTILHO, *Misanthropo*, 11-12 apud H. GRAÇA, *ibid.*, 265).

Até como preposição que indica limite pede pronome oblíquo:

As notícias chegaram *até mim*.

Como palavra de inclusão pede pronome reto:

Até eu (= inclusive eu) mereci as críticas dele.

Como preposições acidentais ou palavras denotativas, *afora*, *conforme*, *consoante*, *exceto*, *fora*, *menos*, *salvo* e *segundo* são acompanhados de formas retas:

Todos foram premiados *afora eu*.
Segundo eu as coisas vão bem.

Cumpra lembrar aqui a lição de EPIFÂNIO DIAS: "Uma palavra substantiva ligada a outra por uma partícula exceptiva deve estar na forma correspondente à função que exerce a palavra a que se liga, v. g.:

Sairam todos menos (exceto) eu
Falou a todos menos (exceto) a mim" (Gramática Portuguesa Elementar, § 195 a).

Construções como *não tenho outro amigo SENÃO TU* ou *SENÃO A TI* estão certas, mas talvez seja mais freqüente a segunda maneira de dizer, "porque nela o *senão* transmite ao segundo termo *a ti* o regime do verbo *ter*, debaixo de cuja ação está o primeiro termo *outro amigo*. Nesta construção o *senão* liga casos idênticos. *Ter* pede acusativo; o acusativo da segunda pessoa do singular é *te* ou *a ti*; mas, não se podendo usar *te senão* junto de um verbo, é preciso empregar-se nesta frase a forma *ti* precedida de preposição:

"Ama-me muito e sempre; ama-me como *te eu* amo; que mais ninguém tenho neste mundo *senão a ti*" (A. F. DE CASTILHO, *Camões*, ato IV, cena XVII) *

Senão tu, em tais condições, também está certo, como demonstra a passagem:

"Não tenho ninguém que me estime, *senão tu*" (CAMELO, *O Carrasco de Vitor Hugo José Alves*, 142 apud M. BARRETO, *ibid.*).

Com a preposição *com* dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*; entretanto, emprega-se *nós* e *vós* quando a estes pronomes se junta *outro*, *mesmo*, *tudo*, *ambos* ou outro adjunto (termo ou oração):

Com nós mesmos isso já aconteceu.
Com vós outros nada se fará.
"Filhos meus, queridos filhos, lhes dissera eu, sinto que tenho aqui dentro para *com vós todos* um coração de pai" (Colóquios Aldeões, 23).

* MÁRIO BARRETO, *De Gramática e de Linguagem*, 205.

13 — Os outros pronomes pessoais com função objetiva

As formas pronominais átonas *me, te, se, nos, vos* podem funcionar como objeto direto ou indireto, de acôrdo com o complemento que o verbo pede:

Ele *me* viu (objeto direto. Cf. Ele viu o rapaz).
Ele *me* comunicou a questão (objeto indireto. Cf. Ele comunicou a questão ao irmão).

Observação: É necessário fugir à idéa errada de que *me* é objeto indireto quando pode ser substituído por *a mim*. Ora, toda forma pronominal átona pode ser substituída pela forma pronominal tônica correspondente. Assim, todo *me* é igual a *mim*, *te* a *ti*, *se* a *si*, *nos* a *nós*, *vos* a *vós*, etc.

E o verbo, e somente ele, o elemento que nos indicará a função sintática do pronome átono ou tônico. Note-se que a língua literária usa com mais freqüência a forma átona. Entre *Disse a mim* e *Disse-me*, a última é a mais comum.

14 — Alterações fonéticas das formas pronominais O, A, OS, AS

Pospostos a verbos, os pronomes *o, a, os, as* apresentam as seguintes particularidades gráficas:

- a) mantêm-se inalteráveis se o verbo termina por som oral:

Vejo-o, estimo-a, quero-os, faço-as.

- b) passam a *lo, la, los, las*, se o verbo termina por R, S, Z, consoantes que desaparecem:

vê-lo (ver+o)*, estimá-la (estimar+a), querê-los (querer+os), fazê-las (fazer+as), fi-lo (fiz+o), põe-lo (pões+o).

Observação: Esta particularidade se estende a *nos, vos* e *eis*: no-lo, vo-la, ei-los.

* *Vê-lo* também representa *vês+o*. A história da língua nos revela que o *i* aparece nestes casos porque a forma antiga do pronome era *lo, la, los, las*. A explicação do fenómeno, porém, foge à alçada deste livro.

- c) passam a *no, na, nos, nas*, se o verbo termina por som nasal:

vêem-no, estimam-na, querem-nos, fizeram-nas, dão-no. *

15 — Combinações de pronomes átonos

Em muitas ocasiões o verbo transitivo tem os seus dois complementos sob forma pronominal átona.

Em tais casos o objeto indireto vem em primeiro lugar, seguido do direto:

Ele *no-lo* disse (nos+o).

Esta disposição das formas pronominais átonas exige as seguintes combinações:

me + o: mo; me + a: ma; me + os: mos; me + as: mas;
te + o: to; te + a: ta; te + os: tos; te + as: tas;
lhe + o: lho; lhe + a: lha; lhe + os: lhos; lhe + as: lhas;
lhes + o: lho**; lhes + a: lha; lhes + os: lhos; lhes + as: lhas;
nos + o: no-lo; nos + a: no-la; nos + os: no-los; nos + as: no-las;
vos + o: vo-lo; vos + a: vo-la; vos + os: vo-los; vos + as: vo-las.

Exemplos de combinações de pronomes extraídos de bons escritores:

"Se dizeis isso pela que me destes, tirai-ma: que não vo-la pedi eu" (ALEXANDRE HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, 287, vol. I).

"Tomai-o (o testemunho); mas, antes que o leiais, reparaí em tôdas as circunstâncias que vo-lo tornam solene" (CASTILHO, *Quadros Históricos*, 41).

* Se o verbo se conjugar com o pronome átono da mesma pessoa do sujeito — como, por exemplo, *vestir-se* — só na 1.ª pessoa do plural é que há uma alteração: desaparece o *s* final da forma verbal: *visito-me, vestis-te, veste-se, vestimo-nos, vestis-vos, vestem-se*.

Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos aqui apontados, nenhuma particularidade se dá: *conhecemos-te, chamamos-lhes, requeremos-lhe, etc.*

** A rigor, trata-se apenas de *lhe*, no singular e plural. A forma *lhes* se fixou recentemente no idioma (séculos XVIII-XIX).

"Mósca, êsse refulgir, que mais parece um sonho, Dize, quem foi que te ensinou?" (MACHADO DE ASSIS, *Poesias Completas*, 314, ed. Garnier).

"Mal absorvera a última colherada, a boa senhora, sem consulta prévia, atocha feijão num prato, e passa-mo (MONTEIRO LOBATO, *Contos Leves*, 132).

Entre os escritores portugueses estas combinações ocorrem com mais frequência que nos escritores brasileiros.

OBSERVAÇÃO 1.^a: A nossa língua não tolera a combinação *se o, se a, se os, se as*. Assim está errada a construção:

Não se o diz.

Corrige-se o erro de duas maneiras:

a) ou se omite o pronome objetivo direto:

"Ainda mais: não há gramática elementar que não mencione os verbos defectivos; porque *se não estudam*" (SILVA RAMOS, in *Trechos Seletos*, de SOUSA DA SILVEIRA, 144).

Erraria o autor se dissesse: *porque se os não estudam*.

b) ou se substitui o objeto direto o (*a, os, as*) pelo sujeito *êle* (*ela, êles, elas*):

"Um crime, só um crime, pode unir-nos..." "Fêz-se uma pausa, e prosseguiu: — E porque não se cometerá *êle*!" (HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 295).

OBSERVAÇÃO 2.^a: Note-se que podemos dizer *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando os dois verbos não formam locução verbal e, como independente, *compôr* tem o seu objeto direto *lo*. JÚLIO MOREIRA (*Estudos da Língua Portuguesa*, II, 30-31) nos adianta que em Portugal se dá preferência à segunda construção, enquanto no Brasil é mais usual a primeira: "*Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer, mas nem essa comunhão o obriga, e ei-lo, em breve, um inovador idealista" (JOÃO RIBEIRO, *Fabordão*, 19).

16 — Pleonasmos no emprêgo de pronomes objetivos

Quando se deseja insistir na idéia expressa pelo pronome objetivo, costuma-se usar a forma pronominal tônica seguida da átona correspondente ou vice-versa:

"O mesmo que *êle me* diria a *mim*, se Henrique estivesse como está o conde" (RABELO DA SILVA, *Contos e Lendas*, 185).

"Um avarento cuida que tem dinheiro, e o dinheiro tem-no a *êle*" (HERNANDES PINTO apud EPÍFÂNIO, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 70).

A repetição de um termo da oração por outro de sentido ou função equivalente se denomina *pleonasm*.

O pleonasm

 pode ocorrer com o substantivo e a forma pronominal ou vice-versa:

"Ao avarento não *lhe* peço nada" (RODRIGUES LÓBO, *O Pastor Peregrino*, 25-6). Pleonasm

 do objeto indireto.

"Ao ingrato, eu o não *sirvo*, porque (= para que) me não magoe, ou quando o *sirvo*..." (id., *ibid.*).

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execradas..." (CAMILLO, *A Morgada de Romariz*, 43).

Nestes últimos exemplos, temos o pleonasm

 do objeto direto, onde o substantivo pode também aparecer precedido de preposição.

17 — Emprêgo da vírgula com objetos pleonásticos

Se, proferindo a oração, fizermos pausa depois do substantivo ou pronome que vem no início ou no fim da série pleonástica, podemos indicar esta pausa por vírgula.

Sem pausa:

Aos jovens devemos-lhes falar a verdade.

Com pausa:

Aos jovens, devemos-lhes falar a verdade.

"A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-os tu em tôda a sua sublimidade..." (HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 34).

18 — Verbos em cuja regência frequentemente se erra

- 1)
- Abraçar*
- : pede objeto direto.

Eu o abracei pelo seu aniversário.

- 2)
- Adorar*
- : pede objeto direto.

Ela o adorava.

- 3)
- Agradar*
- : pede objeto direto, quando significa
- acariciar, fazer carinhos*
- .

O pai a agradava.

No sentido de ser *agradável* exige objeto indireto.

A resposta não *lhe* agradou.

- 4)
- Ajudar*
- : pede objeto direto ou indireto.

Nós sempre os ajudamos nas dificuldades.
"Tendes vossos pais; ajudai-lhes a levar a sua cruz" (Colóquios Aldeões, 24).

- 5)
- Aspirar*
- : pede objeto direto, quando significa
- sorver, chupar, atrair o ar aos pulmões*
- .

Aspiramos o perfume das flores.

No sentido de *ambicionar, desejar*, pede objeto indireto.

Aspirávamos a uma vida de sossego.

Em tal caso não admite o seu objeto indireto representado por pronome átono:

Jamals aspirou a *ela* (e não: *lhe* aspirou).
Todos aspiram a *vós* (e não: *vos* aspiram).

- 6)
- Assistir*
- : pede objeto indireto iniciado pela preposição
- a*
- , quando significa
- estar presente a, presenciar*
- :

Ontem assistimos *ao* fogo.

Neste sentido não admite seu objeto indireto representado por pronome átono:

Não pude assistir *a* *êle* (e não: *lhe* pude assistir).

No sentido de *ajudar, prestar socorro* ou *assistência, servir, acompanhar* pede *indiferentemente* objeto direto ou indireto:

O médico assistiu o *doente* (objeto direto).
O médico assistiu *ao doente* (objeto indireto).

Desta maneira, o objeto pode ser substituído por pronome átono, como *o, a, os, as* (se direto) e *lhe, lhes* (se indireto).

O médico *o* assistiu.
O médico *lhe* assistiu.

OBSERVAÇÃO: Este último emprêgo ocorre com mais freqüência.

No sentido de *morar, residir* — emprêgo que é clássico e popular — constrói-se com a preposição *em*:

"Entre os que assistiam em Madri..." (REBELO DA SILVA, História de Portugal, IV, 197).

No sentido de *assistir o direito* pede objeto indireto de pessoa:

Não *lhe* assiste o direito de reclamar.

- 7)
- Atender*
- : pede objeto direto ou indireto:

"...eram as duas pessoas, que o Duque de Bragança costumava consultar na capital sobre todos os assuntos graves, e cujo voto atendia e respeitava" (REBELO DA SILVA, *ibid.*, 129).

"Assevera D. Francisco Manuel de Melo que na criação destes corpos consultivos D. João IV atendera mais os desejos dos que aspiravam aos lugares do que as próprias opiniões" (*id.*, *ibid.*, 190).

"...e ambos capitães, sem atenderem às promessas de Castela, partiram de Cádiz" (*id.*, *ibid.*, 199).

Se o complemento é expresso por pronome átono, a tradição da língua dá preferência às formas *o, a, os, as* em vez de *lhe, lhes*:

"Não querem que el-rei o atenda" (HERCULANO, *O Monge de Cister*, II, 268).

8) *Atingir* não se constrói com a preposição *a* em linguagens do tipo:

A quantia atingiu cinco mil cruzeiros (e não a cinco mil cruzeiros).
O progresso atingiu um ponto surpreendente.

9) *Chamar*: no sentido de *solicitar a presença de alguém*, pede objeto direto:

Eu chamei José. Eu o chamei.

No sentido de *dar nome, apelidar* pede objeto direto ou indireto e predicativo do objeto, com ou sem preposição:

Nós *lhe* chamávamos *Caçula*.
Chamam a isso *heroísmo*.
Chamavam-*lhe* *tolo*.
Chamavam-*lhe* *de tolo*.
Nós *o* chamamos *tolo*.
Nós *o* chamamos *de tolo*.

OBSERVAÇÃO: Atente-se na lição de EPIFÂNIO DIAS quanto à função sintática de *lhe* com o verbo *chamar*: "Em lugar de *o, a, os, as* pode empregar-se *lhe, lhes* como complemento direto (o grifo é nosso) do verbo *chamar* (dar um nome), v. g. *Chama-lhe severo*" (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 187, d). Esta é também a opinião de RIBEIRO DE VASCONCELOS (*Gramática Portuguesa*, 214) e MARTINS DE AGUIAR, em carta particular.

No sentido de *invocar*, pedindo auxílio ou proteção, rege objeto direto com a preposição *por* como posverbo:

Chamava *por todos os santos*.

10) *Chegar*: pede a preposição *a* junto à expressão locativa:

Cheguei *ao colégio* com pequeno atraso.

O emprego da preposição *em*, neste caso, é mais comum na linguagem coloquial: *Cheguei no colégio*.

OBSERVAÇÃO: Em *Cheguei na hora exata*, a preposição *em* está usada corretamente porque indica *tempo*, e não *lugar*.

11) *Conhecer*: pede objeto direto.

Todos conheceram logo *o José*.
Ele *a* conheceu no baile.

12) *Convidar*: pede objeto direto.

Não os convidaram *ao passelo*.

13) *Custar*: no sentido de *ser difícil, ser custoso*, tem por sujeito aquilo que é difícil:

Custam-me *estas respostas*.

Se o verbo vem seguido de um infinitivo, este pode ou não vir precedido da preposição *a*:

Custou-me *resolver* estes problemas.
Custou-me *a resolver* estes problemas.

Por uma valorização da pessoa a quem o fato é difícil, a linguagem coloquial dá essa pessoa como sujeito da oração, e constrói desta maneira:

Custei resolver (ou *a resolver*) estes problemas.

Esta construção, entretanto, não se tornou ainda literária e é reputada de errônea pelos gramáticos.

- 14) *Esperar*: pede objeto direto puro ou precedido da preposição *por*, como posvérbio (marcando interesse):

Todos esperavam *Antônio*.
Todos esperavam *por Antônio*.

- 15) *Esquecer*: pede objeto direto da coisa esquecida:

Eu esqueci *os livros* na escola.
Não *os* esquecemos.

A coisa esquecida pode aparecer como sujeito e a pessoa passa a objeto indireto:

Esqueceram-nos *os livros*.
Esqueceu-te *o meu aniversário*.

Esquecer-se, pronominal, pede objeto indireto encaixado pela preposição *de*:

Esqueci-me *dos livros*.

- 16) *Implicar*: no sentido de *produzir como consequência, acarretar*, pede objeto direto:

Tal atitude não implica *desprezo*.

Observação: Deve-se evitar o emprego da preposição *em* neste sentido: *Isso implicava em desprezo*.

- 17) *Ir*: pede a preposição *a* ou *para* junto à expressão de lugar:

Fui *à cidade*.
Foram *para França*.

Nem sempre é indiferente o emprego de *a* ou *para* depois do verbo *ir* e outros que denotam movimento. A preposição *a* ora denota a simples direção, ora envolve a idéia de retorno. A preposição *para* lança a atenção do nosso ouvinte para o ponto terminal do movimento

ou não condiciona a idéia de volta ao local de partida. Nesta última acepção pode trazer *para* a idéia de transferência demorada ou definitiva para o lugar.

Evite a construção errada: *Fui na cidade*.

Observação: Atente-se na construção *ir-lhe em alguma coisa* com o sentido de "estar interessado", "importar": "Alvaro, por Deus! não zombes comigo. Tu mal sabes quanto *nisto me vai a honra e a vida talvez*" (ARNALDO GAMA, *Um Motim Há Cem Anos*, 3.^a ed., 52 apud M. BARRETO, *Fatos*, 191).

- 18) *Morar*: pede a preposição *em* junto à expressão de lugar.

Atualmente mora *no Méier*.

É ainda esta preposição que se emprega com *residir, situar* e derivados. Assim, deve-se dizer:

Joaquim é residente *na Rua do Ouvidor*.
Prédio sito *na Rua Direita*.

- 19) *Obedecer*: pede objeto indireto.

Os alunos obedeceram *ao professor*.
Nós *lhe* obedecemos.

- 20) *Obstar*: pede objeto indireto.

"É certo que outros entendiam serem úteis os castigos materiais para *obstar ao progresso das heresias...*" (A. HERCULANO, *História da Inquisição*, I, 6).
"Se tenho por muito tempo *obstado a* que Fr. Vasco viesse afligir-vos com os seus queixumes..." (Idem, *ibid.*, 271).
Com objeto indireto oracional pode calar-se a preposição (cf. pág. 137).*

- 21) *Pagar*: pede objeto direto do que se paga e indireto de pessoa a quem se paga.

Pagaram *as compras* (obj. dir.) *ao comerciante* (obj. ind.).
Pagamos-*lhe* a consulta.

* Exemplos extraídos de M. BARRETO, *Novos Estudos*, 392.

- 22) *Perdoar*: pede objeto direto de coisa perdoada e indireto de pessoa a quem se perdoa:

Eu *lhe* perdoei os erros.
Não *lhe* perdoamos.

- 23) *Presidir*: pede objeto direto ou indireto com a preposição *a*:

Tu presidiste *a reunião* (objeto direto).
Tu presidiste *à reunião* (objeto indireto).

Pode-se dizer ainda:

Tu presidiste *na reunião*.

O objeto indireto pode ser substituído por forma pronominal tônica ou átona:

Ninguém *lhe* presidiu.
Ninguém presidiu *a ela*.

- 24) *Proceder*: no sentido de *iniciar, executar alguma coisa*, pede objeto indireto com a preposição *a*:

O juiz vai *proceder ao julgamento*.

- 25) *Querer*: no sentido de *desejar* pede objeto direto:

Eu quero *esse livro*.
Nós *o* queremos.

Significando *querer bem, gostar*, pede objeto indireto de pessoa:

Despede-se o amigo que muito *lhe* quer.

- 25a) *Responder*: pede, na língua padrão, objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e direto do que se responde:

"O marido respondia *a tudo* com as necessidades políticas" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 210).

"Não respondera Cristina senão *têrmos* agradecidos *a escolha*, pôsto que incondescendentes" (CAMILO, *O Bem e o Mal*, 99, ed. M. CASASSANTA).

O objeto indireto pode ser representado por pronome átono:

"Vou responder-*lhe*" (CAMILO, *ibid.*, 161; dois exemplos na mesma página).

Admite ser construído na voz passiva:

"...um violento panfleto contra o Brasil que *foi* vitoriosamente *respondido* por De Angelis" (EDUARDO PRADO *apud* A. NASCENTES, *O Problema da Regência*, 181).

Registram-se, entretanto, exemplos esparsos de objeto direto de pessoa ou coisa a que se responde, que os gramáticos pedem se não imitem:

"Não sabia *respondê-los*" (EUCLIDES DA CUNHA, *Os Sertões*, 506 *apud* NASCENTES, *op. laud.*)

- 26) *Satisfazer*: pede objeto direto ou indireto:

Satisfazo *o seu pedido*.
Satisfazo *ao seu pedido*.
Eu *o* satisfazo.
Eu *lhe* satisfazo.

- 27) *Servir*: no sentido de *estar ao serviço de alguém, pôr sobre a mesa*, pede objeto direto:

Este criado há muito que *o* serve.
Ela acaba de servir *o almoço*.

No sentido de *prestar serviço*, pede objeto indireto com a preposição *a*:

Sempre servia *aos amigos*.

No sentido de *oferecer alguma coisa a alguém*:

Ela nos (obj. ind.) serviu *gostosos bolinhos* (obj. dir.).

No sentido de *ser de utilidade*, pede objeto indireto iniciado por *a* ou *para* ou representado por pronome (átono ou tônico):

Isto não *lhe* serve; só serve *para* ela.

28) *Socorrer*: no sentido de *prestar socorro* pede objeto direto de pessoa:

Todos correram para *socorré-lo*.

Pronominalmente, com o sentido de *valer-se*, pede objeto indireto iniciado pelas preposições *a* ou *de*:

Socorreu-se *ao empréstimo*.
Socorremo-nos *dos amigos* nas dificuldades.

29) *Suceder*: no sentido de *substituir, ser o sucessor de*, pede objeto indireto:

D. Pedro I sucedeu *a D. João VI*.
Nós *lhe* sucedemos na presidência do Clube.

30) *Ver*: pede objeto direto:

Nós o vimos na cidade (*e não: lhe vimos!*).

31) *Visar*: no sentido de *mirar, dar o visto em alguma coisa*, pede objeto direto:

Visavam o chefe da rebelião.
O inspetor visou o diploma.

No sentido de *pretender, aspirar, propor-se*, pede de preferência objeto indireto iniciado pela preposição *a*:

Estas lições visam *ao estudo de linguagem*.

Modernamente já se constrói o verbo, neste sentido, sem preposição:

Estas lições visam *o estudo da linguagem*.

32) *Visitar*: pede objeto direto:

Visitamos a *exposição de arte*.
Ele o visitou no hospital.

19 — Elipse do complemento

No meio da conversação, o conhecimento perfeito do assunto pode dispensar termos, ainda os que servem de complemento:

"Já sabeis quem é.
— Eu não! — disse D. Rosália. E voltando-se para o marido: — E tu?
— Conheço de vista — respondeu Norberto — é um militar, creio eu..." (CAMILO, *Carlota Angela*, 16).

Neste trecho, *conheço* está por *conheço-o*. *

20 — Objeto direto interno

Assim se chama o complemento que, acompanhado de uma expressão qualificativa, serve para repetir a idéia expressa pelo verbo (êste geralmente é verbo intransitivo):

Viver *uma vida de sacrifícios*.

A repetição da idéia expressa pelo verbo se faz através de um complemento da mesma família de palavras ou da mesma esfera de significação:

"Lidei *cruas guerras* (GONÇALVES DIAS, *I-Juca-Pirama*).
Dormir *o sono* da eternidade.
Chorar *lágrimas* de crocodilo.

21 — Complementos de termos de regências diferentes

O rigor gramatical pede que se dê o complemento requerido por cada termo, quando concorrem duas ou mais regências diferentes:

Despede-se o amigo que muito *lhe* quer e o *estima*.

* Cf. MÁRIO BARRETO, *Últimos Estudos*, 132-4.

Querer e estimar pedem, respectivamente, objeto indireto e direto de pessoa. De modo que a gramática recomenda se evite a construção:

Do amigo que *lhe* quer e estima,

deixando o objeto indireto *lhe* como complemento comum a um verbo transitivo indireto e outro direto.

O gênio de nossa língua, porém, tolera tais simplificações, principalmente quando vêm dar ao pensamento uma agradável brevidade e concisão que a construção gramaticalmente lógica nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair* do Colégio de S. Paulo" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Monge de Cister*, I, 154). *Entrar em e sair de*.

"...que se deduz daí *a favor* ou *contra* o pensamento da lei; *a favor* ou *contra* o direito de propriedade literária?" (Id., *Opúsculos*, II, 60). *A favor de e contra o*.

"...te hospedarei na minha cabana, *na qual* podes *entrar* sem temor, *dormir* sem perigo e *sair* sem saudade" (RODRIGUES LÔBO, *O Pastor Peregrino*, 26). *Entrar em, dormir em e sair de*.*

22 — Complementos comuns a mais de um verbo

Se ocorre uma série de verbos com a mesma regência, o complemento expresso junto ao primeiro pode calar-se ou repetir-se junto a cada verbo. A repetição traz ênfase:

"...diante de Deus, que o *ouve* e o *condena*, ousa gabar-se de grande..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Opúsculos*, I, 144).
 "...os capitães experimentados da Arábia os *dirigem* e *movem* como lhes apraz..." (Id., *Eurico, o Presbítero*, 84).
 "O céu *azulejou-se* e *estrelou-se* para galardoar a virtude do mordomo..." (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 114).

* Cf. MARIO BARRETO, *Novos Estudos*, 2.ª ed., cap. XIV; SOUSA DA SILVEIRA, *Máximas do Marquês de Maricó*, n.º 13, págs. 58-61.

23 — Expressões que alternam sua preposição

Se a expressão admite o emprêgo de mais de uma preposição, pode-se, com elegância, variar a partícula, como se vê na seguinte passagem de CAMILO:

"— Que raio de escuro! — dizia, *esbarrando* nos espinheiros perfurantes.
 Em noites assim, o universo seria o mesmo vácuo precedente ao Fiat genesiaco, se os viandantes não *esbarrassem* com as árvores e não *escorregassem* nos silvedos das ribanceiras" (in *Antologia Nacional*, 222).

Usando *esbarrar com*, o ilustre escritor não só alterou regências admitidas do verbo *esbarrar*, mas ainda evitou o acúmulo, desagradável ao ouvido, da preposição, *em*: *não esbarrassem nas árvores e não escorregassem nos silvedos*.

Assim, pode-se preceder o *agente da passiva* (ver adiante) com a preposição *de* (em lugar de *por*, *pelo*, etc.), se vier acompanhado de predicativo encabeçado pela preposição *por*:

"Se a [filosofia] que no seu tempo se costumava é *havia de modernos*, e com razão, *por nebulosa, vã, enredadora e sofisticada* (CASTILHO in *Antologia Nacional*, 184).

Conceito de adjunto. Adjuntos adnominais e adverbiais. Interrogação direta e indireta. Advérbios de base nominal e pronominal. Princípios de concordância nominal. Concordância do verbo com o sujeito seguido de adjunto adverbial de companhia.

1 — Que é adjunto

Tomemos o seguinte pensamento do MARQUÊS DE MARICÁ:

"O maior tesouro da vida é a esperança e confiança em Deus."

O sujeito da oração é "*o maior tesouro da vida*". Vimos que o *núcleo* do sujeito é constituído por um *nome* (substantivo, pronome ou equivalente) a respeito do qual enunciamos alguma coisa.

Em nosso exemplo o núcleo do sujeito é o substantivo *tesouro*. Porém observamos que êle sozinho não integra o sujeito da oração; acompanha-o uma série de termos que o apresentam ao leitor tal qual desejou o MARQUÊS DE MARICÁ. Não se trata de *qualquer tesouro*, mas *do maior tesouro da vida*.

As expressões que giram em torno do núcleo do sujeito (ou de qualquer outro termo expresso por um subs-

tantivo) para caracterizá-lo convenientemente recebem o nome de *adjuntos adnominais*. *

Assim, teremos:

Sujeito: o maior tesouro da vida.

Núcleo do sujeito: tesouro.

Adjuntos adnominais do núcleo do sujeito: o, maior, da vida.

O adjunto adnominal aparece com qualquer termo da oração, podendo acompanhar os substantivos que constituem adjuntos adnominais de outras expressões. Assim, no exemplo apontado, o adjunto adnominal *da vida* tem o seu núcleo representado pelo substantivo *vida* acompanhado do adjunto adnominal *a* (artigo definido).

2 — Exercem função de adjunto adnominal

a) o adjetivo (ou locução adjetiva):

Homem bom. Homem de juízo. Homem sem juízo.

b) os pronomes adjuntos:

Meu livro. Este caderno. Nenhum lápis.
O fazendeiro cujo terreno comprei desapareceu.
Que livro lêste? Cada semana.

c) o artigo (definido ou indefinido):

O céu. Um caso.

d) o numeral:

Três casas. Primeiro lugar.

* *Adnominal* é recomendado pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, naturalmente levada pelo paralelismo com *adverbial*; mas há acúmulo do prefixo *ad* em *adjunto adnominal*. Em *adverbial* também há o acúmulo apontado, porém se trata de uma expressão não só consagrada, mas ainda nela a emenda nos poderia levar a outra conceitualização, porque *adjunto verbal* diferiria consideravelmente de *adjunto adverbial*.

- e) expressões que, além de qualidade (cf. a), denotam *posse* ou *especificação*:

Livro de Pedro. Roda de carro.

OBSERVAÇÃO 1.ª: Às vezes o adjunto adnominal expresso por adjetivo se liga ao substantivo por meio da preposição *de*; principalmente depois de expressões de sentimento como *pobre, triste, feliz, infeliz, etc.*:

O *pobre do rapaz* ficou perplexo.
O *bom do padre* ajudou os humildes.

OBSERVAÇÃO 2.ª: A preposição *em* pode ser empregada, em boa linguagem, com sentido qualificativo, designando o estado ou a comparação: *ouro em pó, prata em barra, general em chefe, etc.* Construções como o último exemplo têm sido injustamente tachadas como errôneas só pela correspondência ou até influxo do francês. Empregam-nas mestres como EPIFÂNIO DIAS (na *Gramática Francesa*, § 173, traduz *général en chef* por *general em chefe*; cf. ainda *Sint. Histórica*, § 188,3, chamando a "expressão afrancesada"), GONÇALVES VIANA (*Seleção de Autores Franceses*, 104), MÁRIO BARRETO, *Últimos Estudos*, 30 e MARTINS DE AGUIAR, *Notas de Português de Filinto e Odorico*, 458 e ss., com grande número de abonações. Conforme lembrei na resenha do último livro citado, na revista *Letras* (Paraná, 1958), o notável latinista suéco E. LÖPSTEDT relaciona a construção francesa *agir en maître* a giros do latim popular e tardio com a preposição *in* seguida de ablativo (cf. V. Väiläninen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, 18 e nota. Helsinki, 1951).

OBSERVAÇÃO 3.ª: Por influxo do francês também se usam em nossa língua as expressões *barco a vela, navio a vapor* ao lado das mais vernáculas *barco de vela, navio de vapor*. M. BARRETO nos adianta que "tanto se nos vai habituando o ouvido à construção com *a* (máquina a vapor, barco a vapor, motor a vapor, lancha a gasolina, um escaler a gasolina, um barco a gasolina, uma nau à vela, um barco à vela, botes à vela, etc), tão vista e tão comum é a prep. *a* em tais exemplos que enfim nos acostumaremos a ela. Já a empregaram GARRETT, CAMILO e REBÊLO DA SILVA" (*Através*, 195 n. 1; cf. ainda *Fatos*², 37).

OBSERVAÇÃO 4.ª: Quando a prep. *de* inicia uma locução para denotar qualidade física ou moral formada de nome acompanhado de adjetivo, pode dar-se a anteposição deste último adjetivo que se acostará ao primeiro substantivo, com o qual concordará em gênero e número. Assim podemos dizer:

- a) sem anteposição do adjetivo: *homem de ombros altos*

- b) com anteposição do adjetivo: *homem alto de ombros*

"Entre os galãs da estôfa de Eleutério mulher de encher ôlho queria-se vermelhaça, alta de peitos, ancha de quadris, roliça e grossa de pulsos..." (CAMILO, *Amor de Salvação*, 61 apud M. BARRETO, *Fatos*², 137).

2a — A vírgula no adjunto adnominal

Em geral não se separa por vírgula o núcleo de seu adjunto adnominal. Entretanto há casos em que a vírgula aparece não tanto para indicar uma pausa, mas para ajudar o perfeito entendimento do contexto. Isto ocorre principalmente nos casos em que o núcleo é constituído por designação de obra literária seguida do nome do autor:

"São êles: *La mare d'Auteuil*, de PAULO DE KOCK, para uso dos conhecedores do francês... e a *Ilha Maldita*, de BERNARDO GUIMARÃES, para deleite dos paladares nacionalistas" (M. LOBATO, *Cidades Mortas*, 10).

3 — Adjunto adnominal comum a mais de um núcleo

Geralmente não se repete o adjunto adnominal comum a mais de um núcleo, conforme podemos ver no seguinte pensamento do já citado MARQUÊS DE MARICÁ:

"O sono da morte exclui os sonhos e pesadelos da vida" = os sonhos da vida e os pesadelos da vida.

O objeto direto tem dois núcleos (é portanto *composto*): *sonhos e pesadelos*, que se acham acompanhados dos adjuntos adnominais: *os e da vida*.

Se ocorrem dois ou mais adjuntos adnominais, os seus núcleos, se forem representados por um mesmo substantivo, podem vir expressos apenas uma vez:

"Era de êxtase o olhar de Negrinha" (MONTEIRO LOBATO) = era olhar de êxtase o olhar de Negrinha.

4 — Inversão nos adjuntos adnominais

Elegantemente, dois ou mais adjuntos adnominais podem não vir seguidos, deixando o substantivo de permeio:

"Assopra-lhe galerno o vento e brando
Com suave e seguro movimento" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, II, 67).

Note-se que no primeiro verso houve a inversão, que não se vê no segundo.

OBSERVAÇÃO: A inversão ocorre com qualquer termo de natureza qualificativa. Assim pode dar-se com o predicativo:

"Tão temerosa vinha e carregada
Que pôs nos corações um grande medo" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, V, 38).

4a — Antecipação do adjunto adnominal

Muitas vezes se tem de subentender, como núcleo de um adjunto adnominal, um termo que só vem aparecer depois:

Faço *minhas* as suas recomendações.
Junto a *minhas* se há de entender o substantivo *recomendações* expresso a seguir.
"Correra Cimódôce aos braços do pai, e misturara as suas com as lágrimas do ancião" (CAMILO, II, *Os Mártires*, 94 apud M. BARRETO, *Fatos*², 121).

5 — Adjuntos adnominais e objetos indiretos de posse

Em lugar de uma expressão possessiva (adjunto adnominal) podemos usar uma forma pronominal átona como objeto indireto de posse:

Levou o *meu* chapéu = Levou-me o chapéu.
Escreveu o *seu* nome = Escreveu-lhe o nome.

OBSERVAÇÃO: Muitos autores analisam o pronome átono como adjunto adnominal.

Para caracterizar o sentido possessivo do pronome átono, é permitido repeti-lo mais adiante por um pronome ou expressão possessiva:

"Seria agravar as meninas de dezoito anos... estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito dela o despropósito de Calisto" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 104).

Podemos também usar, quando a clareza da expressão o exige, uma série pleonástica do tipo *seu... dele*:

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já não podia duvidar, *sua* *houra dele* era.." (id., *ibid.*, 109).

Se o grande escritor português dissesse apenas *sua*, a *honra* poderia ser tanto de Adelaide quanto de Calisto. O pleonasma veio tirar qualquer dificuldade de entendimento.

6 — Adjuntos adverbiais

Se em torno de um núcleo nominal aparece um adjunto adnominal, em torno do núcleo verbal gira o *adjunto adverbial*:

Não chegaremos *amanhã*.

O adjunto adverbial é expresso por advérbio ou locução adverbial que pode referir-se não só ao verbo, mas ainda ao adjetivo e a outro advérbio:

José está *muito* doente.
Eles chegaram *mais* tarde.

O adjunto adverbial — como o próprio advérbio — exprime circunstâncias. Lembraremos aqui as principais:

- 1) *assunto*: O professor dissertava *sobre* *Geografia*.
- 2) *causa*: Tremia *de* *medo*.

- 3) *companhia*: Dançava com Maria.
- 4) *concessão*: Saíram apesar da chuva.
- 5) *condição*: Só sairão com a minha licença. Não sairão sem a minha licença.
- 6) *dúvida*: Talvez aprenda a lição (cf. § 11).
- 7) *fim*: Preparou-se para o passeio.
- 8) *instrumento*: Abriu a porta com a chave.
- 9) *intensidade*: Escreve muito bem.
- 10) *lugar*: Moro no Méier. Vou à cidade. Saiu de casa.
- 11) *modo*: Fala bem. Saiu às pressas.
- 12) *tempo*: Amanhã viajarão. Já não quero sair. Não quero mais sair.*
- 13) *afirmação*: Sim, eles virão.
- 14) *negação*: Não responderam às perguntas feitas.
- 15) *conformidade*: Fêz a casa conforme a planta.
- 16) *referência*: "O que nos sobra em glória de ou-sados e venturosos navegantes, mingua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores" (LATINO COELHO).
- 17) *limitação* (com os adjetivos pátrios seguidos da prep. *de* junto aos substantivos *nascimento*, *origem*, *nação*): "Mas Cristóvão Colon, mestre Tomé, era genovês de nação, e voltou do poente..." (ALBERTO PIMENTEL, *O Descobrimento do Brasil*, 74 apud M. BARRETO, *Através*, 3 105).

* Nas orações negativas usamos no Brasil o advérbio de tempo *mais* para dois sentidos: a) "nunca mais", "outra vez": Não saíu mais; b) cessação ou interrupção: Não chove mais (= parou de chover). Em Portugal emprega-se, na segunda acepção, o advérbio *já*, e não *mais*: Já não chove. JÚLIO MOREIRA (*Estudos da Língua Portuguesa*, I, 155-6) e MÁRIO BARRETO (*De Gramática*, 131) viam no nosso emprego de *mais*, no segundo sentido, imitação do francês, e, por isso, vitanda. SOUSA DA SILVEIRA mostrou, entretanto, que o nosso modo de dizer é românico e está certo, atestado pelos nossos melhores escritores. Lêa-se o que sobre o assunto escreveu GLADSTONE CHAVES DE MELO na sua ed. de *Iracema*, 78-83 (in-fine).

7 — Advérbios interrogativos

Assim se chamam os advérbios que, nas perguntas diretas e indiretas, denotam a *causa*, o *lugar*, o *modo*, e o *tempo*:

Por que chegaram agora?
Onde está construindo a casa?
Como fizeram o trabalho? *
Quando irão os rapazes?

OBSERVAÇÃO: Chama-se *interrogação* ou *pergunta direta* aquela que, na linguagem escrita, é indicada por ponto de interrogação e, na linguagem falada, por uma entoação ascendente interrogativa. Todos os exemplos dados acima são de interrogações diretas.

A *interrogação indireta* não exige resposta imediata, não termina por ponto de interrogação e é proferida em tom comum: **

Quero saber *por que* chegaram agora.
 Perguntei *onde* está construindo a casa.
 Desconheço *como* fizeram o trabalho.
 Dize-me *quando* irão os rapazes.

Nótula ortográfica

O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, nas interrogações diretas ou indiretas, desde que não termine a oração ou esteja sozinho. Se isto acontecer, grafar-se-á *por quê* (com acento circunflexo), por passar a ser pronunciado fortemente:

Por que saíste? Saíste *por quê*?

A resposta será iniciada por conjunção causal, grafada *porque* (numa só palavra).

A rigor, o preceito não tem fundamento científico nem tradição entre os melhores escritores. Melhor seria, portanto, escrever em todos os casos *porque* ou *por que*.

* Adquire ainda valor exclamativo: Como chove! Veja como chove!
 ** Cf. pág. 325, nota de rodapé.

8 — Advérbios de base nominal e pronominal

Advérbios há de base nominal e pronominal que muitas vezes desempenham na oração papéis sintáticos ou particularidades próprias de nomes e pronomes. Já vimos anteriormente que são considerados *complementos nominais* os que aparecem relacionados a advérbios de base nominal como:

Referentemente aos assuntos.

Hoje, que se prende ao substantivo *dia*, aparece nitidamente como sujeito em:

Hoje é segunda-feira (cf. *Este dia é segunda-feira*).

Aqui, de base pronominal, com o valor de *este lugar*, funciona como sujeito em:

Aqui é ótimo para a saúde.

Os advérbios demonstrativos *aqui, cá, aí, ali, lá*, determinam a posição das três pessoas gramaticais e com elas podem concorrer na oração:

- 1.^a pessoa: *eu, nós* *aqui, cá*
 2.^a pessoa: *tu, você, vós, vocês*... *lá, aí, ali*
 3.^a pessoa: *ele, eles, etc.* *lá, ali*

Eu cá desejo que você passe.
Você lá sabe como vai proceder.
Tu lá tens preparo para o serviço.

No valor negativo que o *lá* adquire em muitas dessas construções, pode ocorrer junto a pronome de primeira pessoa como para indicar o afastamento da possibilidade de se realizar a idéia expressa no predicado:

Eu sei lá como me vou arranjar.

9 — Pontos de contacto entre o adjunto adverbial e o adnominal

Em

O presente nos custou caro
O relógio foi comprado barato
Ele fala rápido

os termos *caro, barato, rápido* denotam o modo como se concebem as ações expressas pelo verbo. Nestes dizeres, nem sempre é possível afirmar quando estamos diante de um advérbio ou de um adjetivo. A distinção se dá quando o sujeito está no feminino ou no plural, onde a variação nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo e, em análise sintática, como predicativo: *

"Vamos a falar sérios" (CAMELO, *Vulcões de Lama*, apud MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*², 265).
 "Os monumentos custam caros" (REBELO DA SILVA, apud MÁRIO BARRETO, *ibid.*).

A mesma particularidade de flexão se nota com a palavra *meio*:

Os soldados chegaram *meio* mortos.
 Os soldados chegaram *meios* mortos.

Em construções do tipo "com quanto mais razão, muito mais honra" as palavras *quanto* e *muito* podem sofrer flexão: "com *quanta* mais razão, *muita* mais honra":

"Os hóspedes surgiram do atordoamento, bradando com *tanta* mais veemência *quanto* estavam certos de que o seu caso não era aquêle" (CAMELO, *Vingança*, 233 apud M. BARRETO, *Através*, 20).
 "*Quantas* mais graças lhes faz, *quantas* mais luzes lhes concede, *tanta* mais fidelidade e reconhecimento exige *dêles*" (J. I. ROQUETE, *História Sagrada*, II, 96 apud M. BARRETO, *ibid.*).

* Cf. MEYER-LÜCKE, *Grammaire*, III, 397; MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*¹, cap. XVI; H. MEIER, *Ensaíos*, 80 n.º 6 (até certo ponto em oposição ao que acabo de expor).

10 — Princípios de concordância nominal

Chamamos *concordância nominal* a que se faz entre o adjunto adnominal e o núcleo (substantivo ou pronome) a que pertence:

"Uma boa cabeça não justifica um mau coração" (MARQUÊS DE MARICÁ, *Máximas*, 1143).
Ela mesma foi procurá-lo.

O adjunto adnominal concorda em *gênero* (masculino e feminino) e em *número* (singular e plural) com o núcleo a que se refere.

OBSERVAÇÃO: O adjetivo que serve de predicativo ou expressão qualitativa ao sujeito nós, empregado em vez de *eu*, pode ir para o singular ou plural:

"e chegou (Calisto Elói) a Lisboa ao décimo dia de jornada, trabalhada de perigos, superiores à descrição de que somos capazes" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 27).
"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exatidão histórica, hesitávamos perplexos" (HERCULANO, *Monge*, II, 354 apud EPIFÂNIO, *Sint. Histórica*, § 14, c.)

Se o sujeito for *vós*, em referência a uma só pessoa, o adjunto adnominal aparece no singular:

"Sois injusto comigo" (HERCULANO, *Monge*, II, 34 apud EPIFÂNIO, *ibid.*).
"Vós mesmo haveis de alisar essa fronte sempre enrugada e sombria" (HERCULANO, *ibid.* apud EPIFÂNIO, *ibid.*).

Se houver mais de um núcleo, observar-se-ão os seguintes casos de concordância:

- a) se os núcleos forem do mesmo gênero, o adjunto adnominal irá para o plural e para o gênero comum, ou concordará em gênero e número com o núcleo mais próximo:

A virtude e a valdade *humanas*.
A virtude e a valdade *humana* (concordância atrativa).

- b) se os núcleos forem de gêneros diferentes, o adjunto adnominal irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com o núcleo mais próximo:

A virtude e o egoísmo *humanos*.
A valdade e o egoísmo *humano* (concordância atrativa).
O egoísmo e a valdade *humanos*.
O egoísmo e a valdade *humana* (concordância atrativa).

OBSERVAÇÕES: 1 — Por uma questão de bom som (*eufonia*), é aconselhável que, numa série de núcleos de diferentes gêneros, o masculino venha em último lugar.
2 — Se o adjunto vem antes dos núcleos, a concordância se faz normalmente com o primeiro: *Boa instrução e inteligência*.
3 — Precedendo um substantivo, título ou prenome, dá-se o plural: *Os irmãos Pedro e Paulo. Os apóstolos Barnabé e Paulo.**

Se, por outro lado, houver um só núcleo a que se refiram dois ou mais adjuntos adnominais no singular, ou o núcleo irá ao plural, ou ficará no singular (e a repetição do artigo será facultativa):

As histórias *brasileira e portuguesa*
ou

A história *brasileira e a portuguesa*
ou

A história *brasileira e portuguesa*.

"Li um anúncio, convidando mestra de línguas inglesa e francesa para o colégio" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 128).

Poder-se-ia também dizer: *mestra da língua inglesa e (da) francesa*.

OBSERVAÇÃO: Quando o núcleo é singular seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se se tratasse realmente de sujeito composto:

* Cf. E. CARLOS PEREIRA, *Gramática Expositiva*, § 427, 3.^a. Com rigor exagerado, condena aí este ilustre gramático as passagens: "entre cujos índices e polegar" (HERCULANO), e "destas devoradoras e insaciáveis fome e sede de leitura" (CASTILHO). Odomico, sempre correto, diz: "e os nossos Basílio e Durão", evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e o nosso Durão". Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (MACHADO DE ASSIS, *Papéis Avulsos*, 28), ensina-nos o professor SOUSA DA SILVEIRA (*Trechos Seleto*, 251, n.º 17).

"ainda quando a autoridade paterna e materna fôsem delegadas..." (GARRETT, *Da Educação*², 25).
 "...a falta de gados e de bons métodos de afolhamento explicam a maior parte dos embaraços da grande cultura em Portugal" (HERCULANO *apud* *Fragments*, 98).

11 — A concordância com UM e OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Depois das expressões *um e outro*, *nem um nem outro*, põe-se no singular o substantivo a que fazem referência, e no plural ou singular o verbo:

Uma e outra coisa merece a nossa atenção.
Uma e outra coisa merecem a nossa atenção.

Se se tratar de verbo de ligação pôsto no plural, também se usará no plural o nome que funcionar como predicativo:

Um e outro é inteligente.
Um e outro são inteligentes.

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro foi fácil.
Nem uma nem outra coisa é necessária.

Note-se ainda que, referindo-se a expressão *um e outro* a pessoas de sexos diferentes, é mais comum a permanência do masculino:

"All o teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amôres com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" (HERCULANO, *Fragments*, 35).

12 — A concordância com MESMO, PRÓPRIO, SÓ

Em referência a nome ou pronome, *mesmo*, *próprio* e *só* são variáveis:

Ela *mesma* foi tratar do assunto.
 Os *próprios* homens não sabiam o que acontecia.
 Eles estão *sós*.

Entre os bons escritores aparece *só* como adjetivo variável onde hoje se dá preferência a *só* como advérbio, portanto invariável: *

"E aconselhando-se ao couto que conhecem
 Sós as cabeças na água lhe aparecem" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, II, 27). "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade" (CASTILHO).

13 — A concordância do adjetivo LESO

O adjetivo *leso*, em composição com substantivo, com *êste* concorda:

"Como se a substância não fôsse já um crime de *leso-gôsto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas caíam sobre as botas..." (CAMELO, *A Queda dum Anjo*, 83).

Muita gente, pensando tratar-se de uma forma do verbo *lesar*, emprega erradamente a expressão *crime de lesa-majestade*, ou *crime de lesa-patriotismo*.

14 — A concordância de ANEXO

Anexo, adjetivo, também concorda com o termo a que se refere. Assim sendo, diz-se:

Segue *anexo* a cópia da carta anterior (e não *anexo*).
 Remetemos-lhe *anexos* os processos solicitados.

15 — A expressão A OLHOS VISTOS

É tradicional na língua o emprêgo da expressão *a olhos vistos* (claramente, visivelmente):

"...mas a *olhos vistos* cresceram nêie tôdas as virtudes"
 (Fr. Luís de SOUSA, *Vida do Arcebispo*, II, 39).
 "...padecia calada e definhava a *olhos vistos*" (MACHADO DE ASSIS, *Papéis Avulsos*, 13 *apud* *Tradições Clássicas*, 370).

* Cf. CORREIA DA SILVA, *Ensaio sobre os Latínismos*, 69-75, donde extraiu os exemplos.

Modernamente, principalmente graças ao prestígio de CASTILHO e CAMILO, também se tem usado fazer a concordância de *visto* com a coisa que se vê:

"As minhas forças medravam a olhos vistas de dia para dia" (CASTILHO apud CARNEIRO RIBEIRO, *Serões Gramaticais*, 554).

"O barão desmedrara a olhos visto" (CAMILO, *O que Fazem Mulheres*, 179 apud JOÃO CURIOSO, *Camilo*, 32, onde se colhem numerosos exemplos outros).

16 — A expressão HAJA VISTA

Tem-se construído de modo vário com esta expressão:

- a) considerando *haja vista* equivalente a *veja* e, portanto, invariável. Parece ser este o emprego mais difundido:

"Haja vista os exemplos disso em Castilho" (RUI BARBOSA, *Réplica*, 572).

- b) considerando o termo seguinte a *haja vista* como objeto indireto, regido das preposições *a* ou *de*. Ainda neste caso fica invariável a expressão:

"Haja vista às tangas" (CAMILO, *O Vinho do Porto*, 61).
 "Haja vista dos elos que eles representam na cadeia da criação" (CAMILO apud CARNEIRO RIBEIRO, *Serões Gramaticais*, 376).

- c) considerando o termo seguinte à expressão como sujeito, com o qual necessariamente tem de concordar o verbo *haver*:

"Hajam vista os seguintes exemplos" (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, *Combates sem Sangue*, apud *Tradições Clássicas*, 740).

Evite-se *haja visto*, expressão errônea modelada pelas causais *visto*, *visto que*, *visto como*.

17 — É PRECISO MUITA PACIÊNCIA

As expressões do tipo *é preciso, é necessário, é bom*, podem ter invariáveis o adjetivo predicativo (*preciso, necessário, bom*) e o verbo, que se referem a um sujeito de qualquer gênero e número, quando se deseja designar este sujeito de modo vago ou geral:

É preciso muita paciência.

"É doce ao velho / Sons d'argentina voz" (GONÇALVES DIAS apud SOUSA DA SILVEIRA, *Lições de Português*, § 254.) *

17a — UMA POUCA DE ÁGUA

Do cruzamento sintático das construções *um pouco de água* com *pouca água* resulta uma terceira *uma pouca de água* em que o advérbio sofre a influência do gênero do substantivo:

"Zombo de mim própria; desprezo-me, abomino-me, sou uma pouca de lama amassada em lágrimas" (CAMILO, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 158 apud M. BARRETO, *Novíssimos Estudos*, 232.)

17b — A VIDA NADA TEM DE TRÁGICA

Depois de pronome como *que, nada, algo, pouco*, seguido de locução formada de preposição + adjetivo, costuma este último adjetivo ficar invariável:

A vida nada tem de trágico.
 As invenções pouco apresentam de engenhoso.

Pode, entretanto, o adjetivo concordar por atração com o sujeito:

* Este fato é uma reminiscência do latim, onde, em idêntica situação, se podia juntar um adjetivo predicativo neutro a um sujeito do gênero masculino ou feminino. Assim, em lugar de *paria et mutabilis* disse VÍNCULO: "Varium et mutabile semper femina" (*Enéida*, 4, 569 apud MADRIG, *Gramática Latina*, § 211, b. Obs. 1). Cf. ainda M. BARRETO, 288 e ss.

"Que tinha Ricardina de sedutora" (CAMILO, *A Neta do Arcediago*, 7 apud M. BARRETO, *Fatos*, 146).

18 — Concordância do verbo com o sujeito seguido da preposição COM

Em construções do tipo:

O professor com os alunos foi à excursão,

o verbo pode ficar no singular (como no exemplo) ou no plural, uma vez que a ação por êle expressa foi executada tanto pelo professor como pelos alunos.

A preposição *com* assume o sentido conjuntivo de *e*, e o verbo vai ao plural como se o sujeito fôsse composto.*

O emprêgo do verbo no singular ou no plural é livre, mas não *indiferente*. Com o singular atiramos a nossa atenção apenas para o *professor* (sujeito real), pondo a segundo plano a companhia dos alunos. Neste caso, costuma-se ressaltar o valor secundário do adjunto adverbial de companhia, pondo-o entre vírgulas:

"El-rei, com a côrte e tôda a nobreza, estava fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" (HERCULANO, *Fragmentos*, 84).

Com o plural, ressaltamos igualmente o sujeito e o adjunto adverbial de companhia, pondo êste nas condições do segundo núcleo do sujeito composto (deixando-o ou não entre vírgulas):

"Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, prognosticassem o derrancamento do morgado da Agra..." (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 108).

Esta possibilidade de concordância com verbo no plural não se dá apenas com a preposição *com*, mas ain-

* Entre muitos autores nacionais e estrangeiros esta construção é tida como de sujeito composto.

da com outras expressões que, de sentido aditivo ou não, denotam que a ação do verbo se estendeu ou se poderia estender aos seres por elas lembrados:

"Neste conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome António José da Silva Peixoto, coadjuvado pelo folclórico José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam em "vivas" à rainha nossa senhora, e "morras" aos carbonários, agitando os lenços" (CAMILO, *Livro de Consolação*, 241 apud MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, 206).

Neste trecho o mesmo CAMILO prefere o singular:

"A natureza de Sintra, incluindo os rouxinóis daquelas ramarias, poderia espantar-se: eu, não" (*A Queda dum Anjo*, 136).

19 — Advérbio de oração

Pode o advérbio referir-se não apenas a um termo — como vimos até aqui — mas ao conteúdo de uma oração inteira:

Felizmente êle chegou.

O advérbio *felizmente* não se refere particularmente nem a *êle* nem a *chegou*, mas à declaração total. Chama-se então *advérbio de oração*.

20 — Omissão de preposição em adjuntos adverbiais

Muitas vezes o adjunto adverbial não é introduzido pela preposição que assinalaria a locução adverbial. Isto normalmente acontece com as seguintes circunstâncias:

a) tempo:

Domingo (por *no domingo*) irei à reunião.
Outro dia não consegui encontrá-lo.
Dia treze começarão as provas.

b) modo:

Pedro, chapéu na cabeça, entrou irreverente no escritório

(por de chapéu na cabeça).
O pobre coitado, mãos no bolso, dizia ao guarda que tinha sido roubado.

c) preço:

O livro lhe custou *duzentos cruzeiros*.

d) pêso, medida:

O volume pesava *doze quilos*.
Custava a fazenda *mil cruzeiros o metro*.

21 — Acúmulo de preposições no adjunto adverbial

Não raro duas preposições se combinam para dar maior efeito expressivo à idéia indicada no adjunto adverbial:

"A lua espreitava estas duas pessoas *por entre* as nuvens, que a pouco e pouco se foram *descondensando*" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 114). *

Combinam-se com mais freqüência as preposições *de*, *para* e *por* com *entre*, *sobre* e *sob*:

"Os deputados opositoristas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores..." (CAMILO, *ibid.*, 60).
"ministrou o xarope a Teodora, que o foi bebendo com muito vágados da cabeça, desfalecida *para sobre* a espádua de Lopo, que se ajeitara para ampará-la" (*Id.*, *ibid.*, 161).
"Passemos a esponja *por sobre* Penélopes e Lucrécias" (*Id.*, *ibid.*, 165).

Ocorre ainda com freqüência *até a* nas indicações do ponto terminal do movimento, principalmente quan-

* Não sei porque EPIFÂNIO acha a locução *a pouco e pouco* melhor do que *pouco a pouco*; por certo não se estriba na tradição do idioma, uma vez que antigos e modernos bons escritores as empregam indistintamente. O mesmo EPIFÂNIO usa de *pouco a pouco*, conforme se pode ver no § 126, a, Obs. 4 da sua *Gramática Francesa*. Alguns autores, seguindo mal a lição de EPIFÂNIO, chegam a condenar *pouco a pouco*.

do pode haver confusão com *até* denotador de inclusão. Com *até a* vemos ressaltada a idéia de limite, nos seguintes exemplos:

"e prometeu ser-lhe amparo *até ao fim*" (CAMILO, *ibid.*, 77).
"e tamanho incêndio que me tomou o peito, que o amei *até à morte...*" (*Id.*, *ibid.*, 119).

21a — Preposição redundante nos adjuntos adverbiais

É lícito, em muitos casos, antepor a um advérbio ou locução do mesmo valor uma preposição que serve de exprimir a mesma circunstância adverbial. Assim, encontram-se modos de dizer como *em antes* em lugar do simples *antes*, *afora* ou *em fora* em vez de *fora*:

"Cala-te já, minha filha,
Ninguém te ouça mais falar;
Que *em antes* que o sol se ponha
Vai o conde a degolar" (*Romanceiro* de GARRETT, II, 83
apud M. BARRETO, *Fatos*², 101).
Pela vida *fora* (ou *afora*, ou *em fora*).

Em lugar de *donde* para exprimir origem ou ponto de partida aparece ainda *de donde* que se vai restringindo ao falar popular:

"*De donde* vieste, ó alma gentil" (GARRETT *).

Outras vezes a presença da preposição se explica pelo fato de se considerar como um todo a locução adverbial:

"numa postura *entre de resignação* e de bem-aventurança" (HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, I, 65).
"A janela larga, que se abrisse *desde pela manhã* para deixar entrar o ar novo com muita luz e sol" (*Colóquios Aldeões*, 288 *apud* M. BARRETO, *De Gramática*², 112).
"Arrastou-o *para ao pé do catre* com força *sobre-humanas*" (HERCULANO, *Monge*, II, 195).

* Na língua antiga *onde* valla por *donde*; com o nascimento desta última forma, *onde* passou a exprimir a idéia de repouso, desbancando o arcaico *hu*. Fenômeno idêntico ocorreu com o francês antigo *onf*. Houve época em que *onde* e *donde* se usaram como sinônimos.

22 — Adjuntos adverbiais expressos por pronomes átonos

Já vimos que uma forma pronominal de objeto indireto pode funcionar ao lado do adjunto adnominal com idéia de posse. O adjunto adverbial também pode vir representado por pronome átono objetivo indireto:

Pôs-se *diante dele*.
Pôs-se-lhe *diante*.

"Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.
Pulsa-lhe (= nêle, no coração) aquêlê afeto verdadeiro"
(MACHADO DE ASSIS).

A sorte fugiu-me (*fugiu de mim*), enquanto *me* andava
perto a doença (*andava perto de mim*).

Com os verbos *tocar, pegar, bater, mexer, causar* (impressão) e sinônimos, substituímos freqüentemente a preposição *em* seguida de pronome pessoal tônico por um pronome átono objetivo indireto:

Bateram <i>nêle</i>	Bateram-lhe.
Tocaram <i>em tí</i>	Tocaram-te.
Pegou <i>no livro</i>	Pegou-lhe.
Sua resposta <i>causou</i>	Sua resposta <i>causou-</i>
<i>sensação em nós</i>	<i>-nos sensação.</i>

23 — Verbos que se constroem com objeto direto ou adjunto adverbial

Certos verbos se podem apresentar construídos com objeto direto ou podem ter êste complemento transformado em adjunto adverbial, sem que o sentido se altere essencialmente:

Estão neste caso, entre outros, os verbos *avaliar, averiguar, dizer, indagar, informar, contar* e sinônimos:

Dizer a *história* (objeto direto).
Dizer *da história* (adjunto adverbial de assunto).

"Avaliei *dos presos* pelo pisar das suas espôsas, e manas e meninos" (CAMILLO, *Memórias do Cárcere*, I, 9 *apud* M. BARRETO, *Últimos Estudos*, 314).

"Anda cá, Maria, *conta-me do teu jardim, das tuas flôres*"
(A. GARRETT, *Frei Luis de Sousa*, *apud* M. BARRETO, *ibid.*)

Sujeito como agente da ação verbal.
Sujeito como paciente da ação verbal: passividade. O agente da passiva. Preposições que iniciam o agente da passiva. Sujeito como agente e paciente. Vozes verbais: ativa, passiva e medial. Só os verbos transitivos diretos admitem voz passiva: erros freqüentes. Conversão da voz ativa em voz passiva e vice-versa. O pronome reflexivo SI.

1 — Sujeito como agente da ação verbal

O predicado pode encerrar uma ação que o sujeito pratica:

Pedro *estuda*.
Maria *visitou* duas colegas.

Dizemos então que o sujeito é o *agente* da ação verbal.

2 — Sujeito como paciente da ação verbal: passividade

Nem sempre, porém, o sujeito pratica a ação; êle pode também recebê-la:

Duas colegas foram *visitadas* por Maria.
Os vadios sempre *recebem* o merecido castigo.

Dizemos então que houve *passividade*, isto é, o sujeito se nos apresenta como *paciente* da ação verbal.

Portanto, *não devemos confundir sujeito com agente*.

3 — O agente da passiva

Assim se chama o termo da oração que denota quem praticou a ação sobre o sujeito paciente.

No exemplo dado:

Duas colegas foram visitadas por Maria,

a expressão *por Maria* indica o *agente* da ação; daí chamar-se *agente da passiva*.

Note-se que na passividade nem sempre se expressa o agente da ação verbal: *O aluno foi aprovado*.

O agente da passiva é iniciado pelas preposições *por (per)* e *de* (sendo esta última de mais raridade): *

Isto foi sabido *por todos*.
Isto foi sabido *pelo pessoal*.
Isto foi sabido *de todos*.

4 — Sujeito como agente e paciente

Há casos em que o sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo:

Ele se vestiu às pressas.

Aqui o sujeito *Ele* pratica a ação de *vestir-se* a si mesmo; é, portanto, agente e paciente.

* Alguns autores apresentam mais preposições, mas evidentemente elas exercem outros encargos. Em "As árvores *balouçavam-se* com o vento", com o *vento* é adjunto adverbial de causa. Por outro lado, em: "ser a vós *aceito*", *poder-se-á* ver em a vós, melhor do que um agente da passiva, um complemento nominal de *aceito*.

5 — Vozes verbais: ativa, passiva e medial

Chamamos *vozes verbais* às formas em que se apresenta um verbo para indicar o sujeito como agente ou paciente da ação verbal.

Em português temos três vozes verbais: *ativa*, *passiva* e *medial*. *

A voz ativa é a forma usual simples do verbo pela qual *normalmente* se indica que o sujeito é o agente da ação expressa pelo verbo:

Maria visitou duas colegas.

Dissemos *normalmente*, porque um verbo na voz ativa pode ter *sentido* passivo, isto é, exprimir *passividade*:

Os vadios sempre *recebem* o merecido castigo.

A voz passiva é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que o sujeito é o paciente da ação verbal:

Duas colegas foram visitadas por Maria.
Alugam-se casas.

Pelos exemplos dados, vê-se que em português o verbo pode apresentar duas formas para exprimir a passividade:

- a) *voz passiva analítica*: em que se junta um verbo auxiliar temporal (*ser*, *estar*, *ficar*) ao particípio do verbo principal:

Fomos procurados pelos amigos.
O artigo estava assinado pelo chefe.
O colega ficou prejudicado pelo irmão.

Na voz passiva analítica o verbo pode aparecer em qualquer pessoa e geralmente vem acompanhado do agente da passiva.

* A NGB prefere considerar *ativa*, *passiva* e *reflexiva*, criando alguns problemas de ordem morfológica e sintática.

C 4286

- b) *voz passiva pronominal*: em que se junta a um verbo na forma ativa o pronome átono *se*:

Alugam-se casas.
Viu-se o erro da última parcela.

O sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo.

Na voz passiva pronominal o verbo só pode estar na 3.^a pessoa (singular ou plural) e, na língua moderna, não vem expresso o agente da passiva.

O pronome átono *se* que se junta ao verbo para formar a voz passiva pronominal denomina-se *partícula apassivadora*.

OBSERVAÇÃO 1.^a: A maioria dos gramáticos estende o sentido passivo aos pronomes átonos da 1.^a e 2.^a pessoas em expressão do tipo: *Chamo-me Antônio, Chamas-te Aurora, Batizei-me*, etc. Pensamos que se pode "ver aí, de preferência, um idiotismo no emprêgo da voz reflexiva, indicando ela uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" (MATOSO CÂMARA JR., *Dicionário de Fatos Gramaticais*, pág. 36). Cf. ainda SANDBELD, *Syntaxe du Français*, I, 133 n.º 1.

OBSERVAÇÃO 2.^a: No português de outros tempos se punha claro o agente da voz passiva pronominal:

"Por êle o mar remoto navegamos
Que só dos feios focas se navega" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 52).

A voz medial consiste no emprêgo da forma ativa do verbo conjugado com pronome átono da mesma pessoa do sujeito. A voz medial assume diversas significações, entre as quais são mais importantes:

- a) *reflexiva*: em que o sujeito pratica a ação verbal sobre si mesmo:

Ele se vestiu.
Nós nos penteamos.

- b) *recíproca*: em que, havendo mais de um sujeito, um pratica a ação verbal sobre o outro:

Os colegas se abraçaram.
Os noivos se amam.
Nós nos cumprimentamos.

OBSERVAÇÃO 1.^a: Na voz medial de sentido reflexivo ou recíproco os pronomes átonos podem funcionar como objeto direto ou indireto (este mais raramente), conforme o verbo com que se acham combinados:

Ele se vestiu (objeto direto reflexivo).
Os colegas se abraçaram (objeto direto recíproco).
Elas se gostam (objeto indireto recíproco).
Ele se reservou o melhor lugar (objeto indireto reflexivo).
"Onde rosto e narizes se (= a si) cortava" (CAMÕES, Os Lusíadas, III, 41; se é objeto indireto e não partícula apassivadora).

OBSERVAÇÃO 2.^a: Em português, ao contrário do espanhol e francês, por exemplo, o pronome átono da forma verbal medial é normalmente objeto direto; assim dizemos *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho de fazê-lo* (obj. indireto), enquanto aquelas línguas constroem *me* (obj. ind.) *doy el trabajo de hacerlo* (obj. direto) e *je me* (obj. ind.) *donne la peine de le faire* (obj. direto). É por isso que se há de traduzir o espanhol *ella se peina las trenzas* ou o francês *elle se peint les cheveux* por *ela penteia os cabelos*, e não *ela se penteia os cabelos*. Cf. MÁRIO BARRETO, *Novíssimos Estudos*, 94 e ss.

- c) *dinâmica*: em que se indica um movimento executado pelo sujeito ou um ato em que "aparece vivamente afetado" (SAID ALI):

Sentamo-nos comodamente na poltrona.
Atirou-se com vontade ao trabalho.
Foram-se embora.
Partimo-nos bem cedo.
Orgulho-me do meu país.
Arrependeram-se do que disseram.
Atrevestes-vos a penetrar nos segredos da vida.
Todos se queixaram sem razão.
Lembraste-te um pouco tarde dos teus amigos.

OBSERVAÇÃO: Em todos estes casos já não se sente a função do pronome átono que constitui peça essencial do verbo; por isso não recebe em análise sintática denominação especial. No caso dos verbos de movimento, costumam alguns gramáticos

chamar ao pronome átono *partícula de realce* ou, mais imprópriamente, *partícula de espontaneidade*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não cogitou neste caso.

6 — Mais de um sentido em certas construções

Se dissermos:

Pedro e Paulo se estimam,

podemos dar à construção uma interpretação de voz medial recíproca (um estima o outro) ou reflexiva (cada um estima a si mesmo).

Desejando-se esclarecer melhor o pensamento, junta-se ao verbo de sentido recíproco uma expressão do tipo *um ao outro, reciprocamente*:

Pedro e Paulo se estimam um ao outro.

Se o verbo tem sentido reflexivo emprega-se *a si mesmos* (*a mim mesmo, a ela mesma, a nós mesmos, etc.*):

Pedro e Paulo se estimam a si mesmos.

7 — Só os verbos transitivos diretos admitem voz passiva

Rigorosamente só pode admitir voz passiva o verbo transitivo direto:

Maria visitou duas colegas (voz ativa).
Duas colegas foram visitadas por Maria (voz passiva).

Observando os exemplos acima, notamos que o objeto direto da ativa (*duas colegas*) passou a sujeito da passiva, e o sujeito (*Maria*) passou a agente da passiva (*por Maria*).

Nem todo verbo transitivo direto pode, entretanto, ser construído na voz passiva; é questão de uso a que nem sempre se aplicam normas rígidas. Diz-se tão-sómente:

Eu quis o livro.
Creio isso.
Eles puderam tudo.

Repugna ao gênio da língua empregar:

O livro foi querido por mim.
Isso é crido por mim.
Tudo foi podido por eles.

Os verbos transitivos apenas indiretos não se constroem na passiva, porque, segundo vimos, só o objeto direto da ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Assim estão condenadas pela gramática as seguintes orações:

A missa foi assistida por todos.
Os trabalhos foram obstados pela chuva.

Não obstante, estas construções passivas tendem a ser usadas com mais freqüência e algumas delas já se toleram nos meios cultos:

Os operários foram pagos.	A sentença foi apelada.
As cartas serão respondidas.	As faltas seriam perdoadas.
O professor deve ser obedecido.	Tôdas essas coisas poderão ser ajudadas por êle.

OBSERVAÇÃO: Na realidade, os verbos acima apontados e outros passaram a ser empregados na linguagem coloquial como transitivos diretos (fato que a gramática também condena), e assim possibilitaram a ocorrência das construções passivas. É curioso observar que em outras línguas os verbos deste mesmo tipo procedem de igual maneira. Vejam-se, por exemplo, em francês, *obéir, désobéir, pardonner*.

8 — Conversão da voz ativa em passiva e vice-versa

Tomemos o seguinte exemplo:

Ontem o professor repreendeu os alunos.

Na conversão da voz ativa para a passiva só nos interessam três termos da oração: o sujeito, o verbo e o objeto direto.

O sujeito, porque êle será o agente da passiva; o verbo, porque terá de sofrer o acidente que caracteriza a forma passiva dos verbos; o objeto direto, que será o sujeito da passiva:

Sujeito: o professor
Verbo: repreendeu
Objeto direto: os alunos

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
<i>Sujeito:</i> o professor	→	<i>Agente da passiva:</i> pelo professor
<i>Verbo:</i> repreendeu	→	<i>Verbo:</i> foram repreendidos
<i>Objeto direto:</i> os alunos	→	<i>Sujeito:</i> os alunos

Os outros termos da oração continuam sem alteração.

Voz ativa: Ontem o professor repreendeu os alunos.
Voz passiva: Ontem os alunos foram repreendidos pelo professor.

Se, na ativa, o sujeito fôr constituído por pronome reto, na passiva passará a pronome oblíquo tônico equivalente, precedido das preposições *por* ou *de*.

Por outro lado, se, na ativa, o objeto direto fôr constituído por pronome oblíquo (átono ou tônico), na passiva passará a pronome reto equivalente:

Eu o vi → *Ele foi visto por mim*

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
<i>Sujeito:</i> eu	→	<i>Agente da passiva:</i> por mim
<i>Verbo:</i> vi	→	<i>Verbo:</i> foi visto
<i>Objeto direto:</i> o	→	<i>Sujeito:</i> êle

Se, na voz ativa, o verbo aparecer na terceira pessoa do plural, para indicar sujeito indeterminado, a passiva não se acompanha do seu agente:

Roubaram-me → *Eu fui roubado.*

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
<i>Sujeito:</i> X	→	<i>Agente da passiva:</i> X
<i>Verbo:</i> roubaram	→	<i>Verbo:</i> fui roubado
<i>Objeto direto:</i> me	→	<i>Sujeito:</i> eu

Em todos os exemplos apontados, notamos com facilidade que o verbo da ativa *conserva seu tempo e modo*, na passagem para a passiva. Naturalmente, não coincidindo o sujeito da ativa com o sujeito da passiva, é claro que quase sempre não se dá a conservação da pessoa gramatical.

Se, na voz ativa, o verbo é um tempo composto, na passagem para a passiva basta acrescentar-lhe o particípio *sido*, variando-se em gênero e número o último particípio. Se se tratar da passagem da passiva para a ativa, nas condições apontadas, basta retirar o particípio *sido* e tornar invariável em gênero e número o último particípio:

Nós temos ouvido bons programas → *Bons programas têm sido ouvidos por nós.*

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA
<i>Sujeito:</i> nós	→	<i>Agente da passiva:</i> por nós
<i>Verbo:</i> temos ouvido	→	<i>Verbo:</i> têm sido ouvidos
<i>Objeto direto:</i> bons programas	→	<i>Sujeito:</i> bons programas

Desde a antiguidade a madeira tem sido aproveitada pelo homem → *Desde a antiguidade o homem tem aproveitado a madeira.*

VOZ PASSIVA		VOZ ATIVA
<i>Sujeito:</i> a madeira	→	<i>Objeto direto:</i> a madeira
<i>Verbo:</i> tem sido aproveitada	→	<i>Verbo:</i> tem aproveitado
<i>Agente da passiva:</i> pelo homem	→	<i>Sujeito:</i> o homem

Finalmente, se a voz passiva é indicada pela partícula *apassivadora se*, para passar à voz ativa basta suprimir do verbo esta partícula, e pô-lo no plural, se não estiver:

Alugam-se casas → *Alugam casas.*

VOZ PASSIVA

Sujeito: casas
Verbo: alugam-se
Agente da passiva: X

VOZ ATIVA

← Objeto direto: casas
← Verbo: alugam
← Sujeito: X

OBSERVAÇÃO: Lembre-se de que o verbo na 3.^a pessoal do plural serve de indicar sujeito indeterminado. Ora, na passiva pronominal não vem expresso o agente, razão por que não se pode determinar o sujeito da ativa.

Outro exemplo com verbo no singular:

Vende-se este apartamento → *Vendem este apartamento.*

VOZ PASSIVA

Sujeito: este apartamento
Verbo: vende-se
Agente da passiva: X

VOZ ATIVA

→ Objeto direto: este apartamento
→ Verbo: vendem
→ Sujeito: X

OBSERVAÇÃO: Em *alugam-se casas*, o verbo obrigatoriamente aparece no plural para concordar com o sujeito (*casas*).

Já em *precisa-se de empregados*, não há voz passiva; *de empregados* é objeto indireto, e não obriga a que o verbo vá ao plural. O *se*, neste caso, se diz índice de indeterminação do sujeito.

8a — Evolução da conjugação reflexiva

Num resumo lúcido o Prof. MARTINZ DE AGUIAR nos traça a evolução da conjugação reflexiva à indeterminação do sujeito. Ensina-nos o mestre que cinco são os casos que se põem à nossa consideração:

"1.º CASO) *Pronome reflexivo*. A função inicial e própria do pronome *se* é, como em latim, a de reflexivo, isto é: faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou. Ex.: *O homem cortou-se*. Indica, pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade. O homem cortou, mas foi cortado, pois a si próprio é que cortou. Se penetrarmos bem na inteligência das diversas frases reflexivas, veremos que a passividade chama mais a nossa atenção, impressiona mais a nossa sensibilidade do que a atividade. Quando temos notícia de que *alguém se suicidou*, o primeiro quadro que se nos apresenta ao espírito é o do indivíduo pálido, inerte, sem vida. Daí, poder o pronome *se* vir a funcionar como:

2.º CASO) *Pronome apassivador*. É o segundo estágio de evolução. Sendo reflexivo, o pronome indica, como vimos, atividade e passividade, e esta nos impressiona mais do que aquela, pelo que pode chegar a ser índice da passividade. Ex.: *Vendem-se casas*. *Fritam-se ovos*.

3.º CASO) *Pronome indeterminador do agente*. Como no segundo caso o agente nunca foi expresso na linguagem comum, tendo-se tornado obsoleto o seu emprego até na linguagem literária, o pronome *se* acabou por assumir a função de indeterminador do agente. Ex.: *Estuda-se*. *Dança-se*.

4.º CASO) *Pronome indeterminador do sujeito de verbos intransitivos*. Como, no terceiro caso, não se dá objeto direto aos verbos, apesar de transitivos, e como o agente oculto, se presente, seria o sujeito, o pronome *se* pode vir a indeterminar o sujeito de verbos intransitivos. Ex.: *Dorme-se*. *Acorda-se*.

OBSERVAÇÃO: O 3.º e 4.º casos são idênticos na prática; mas, no terreno científico, é imprescindível separá-los, pois servem para demonstrar, à luz da lingüística psicológica, a contigüação sucessiva de funções do pronome. Os mesmos casos matam de vez a questão chinesa de saber se o pronome *se* pode ou não ser sujeito. Não o é nunca, não pelas razões dadas nas gramáticas, mas porque assim o demonstra o estudo da sua evolução.

5.º CASO) *Pronome indeterminador do sujeito de qualquer verbo*. Como no caso anterior o pronome *se* indetermina o sujeito dos verbos intransitivos, pode, por extensão, indeterminar o sujeito de qualquer verbo, transitivo, intransitivo ou atributivo (isto é, de ligação). Ex.: *Está-se bem aqui*. *Quando se é bom*. *Vende-se casas*. *Frita-se ovos*. "A Bernardes admira-se e ama-se." *

9 — Diferença entre voz passiva e predicativo

É preciso distinguir, cuidadosamente, entre:

- a) *A casa foi destruída*
- b) *A casa está destruída.*

O aluno tende a classificar igualmente o vocábulo *destruída* dos dois exemplos, considerando-o predicativo.

No 1.º exemplo, entretanto, não temos predicativo. Anunciamos com *foi destruída* uma ação que o sujeito

* *Notas e Estudos de Português*, 181-183. Modifiquei, na transcrição, alguns pontos da grafia de que o Autor se serve. Sobre a construção *vende-se casas* cf. a observação da pág. 44.

casa sofreu; logo, estamos diante de um predicado verbal. *Foi destruída* é voz passiva, e *destruída* é particípio.

No 2.º exemplo, exprimimos um estado do sujeito *casa*, e não mais uma ação. O predicado aqui é nominal e *destruída*, como adjetivo, exerce a função de predicativo. *

10 — O pronome reflexivo Si

Normalmente usa-se o pronome *si* em referência ao sujeito da oração, ou, em outras palavras, em sentido reflexivo:

Ele é um egoísta; só pensa em si.
Guardou o melhor para si.
Na viagem, levava a máquina consigo.

Em Portugal (com a aprovação de seus melhores gramáticos) e, esporadicamente, no Brasil, *si* e *consigo* são empregados, mais na conversação familiar do que no falar culto, em referência à pessoa com quem falamos e a quem damos o tratamento de 3.ª pessoa. Assim, tais formas pronominais se usam sem significação reflexiva:

* Há casos de difícil distinção. Para GIL Y GAYA existe perfeita identidade: "Uma oração passiva, com ou sem expressão do agente da passiva, é simplesmente uma oração atributiva. Entre *esta mulher é formosa* e *esta mulher é admirada* não existe nenhum diferença gramatical; num e noutro caso temos um sujeito a que se atribui uma qualidade por meio de um predicado nominal composto do verbo de ligação e atributo adjetivo; que este adjetivo proceda ou não de um verbo não altera em nada o caráter atributivo da oração; sua origem será na essência uma reflexão gramatical, inexistente para a espontaneidade do falante. Quando queremos expressar o ablativo agente e dizemos *esta mulher é admirada por todos*, acrescentamos ao predicado um complemento, como o faríamos se disássemos *esta mulher é formosa para todos*, ou *é formosa por suas virtudes*, ou *é admirada entre seus conhecidos*; o valor funcional do elemento sintático acrescentado será o mesmo, qualquer que sejam os matizes de significação que cada complemento expresse. As orações continuarão sendo atributivas" (*Curso Superior de Sintaxis Española*, 3.ª ed., pág. 109.).

Tenho dó de si (em lugar de *de você, do senhor*).
Ela espera casar-se consigo (por *com você, com o senhor*).
 "Pois então! cuida que eu me esqueci de si?" (CAMILO apud MÁRIO BARRETO, *De Gramática e de Linguagem*, 256).

Entre nós, os professores insistem no emprêgo correto e tradicional do *si* em sentido reflexivo, aconselhando se evitem as construções naturalmente devidas à imitação do falar lusitano, em que o pronome não denota reflexividade.

O apôsto. Tipos de apôsto. Pontuação no apôsto. Casos de concordância.

1 — Que é apôsto

Tomemos o seguinte exemplo:

Paulo ganhou dois presentes.

Gramaticalmente esta oração está completa: possui sujeito (*Paulo*) e o verbo transitivo direto (*ganhou*) é acompanhado de seu complemento (*dois presentes*).

Mas a pessoa com quem falamos pode desejar conhecer quais foram realmente os *dois presentes*: para tanto, acrescentaremos à expressão um adendo explicativo:

Paulo ganhou dois presentes: *um relógio e uma bicicleta.*

A nova expressão encerra dois substantivos que vêm explicar melhor a idéia expressa pelo substantivo *presentes*.

Outro exemplo:

Ela — a aluna — saiu por último.

Aqui temos o pronome *ela* melhor determinado pelo substantivo *aluna*.

A êste tipo de explicação chamamos *apôsto*, que pode ser assim definido: uma expressão de natureza

substantiva ou pronominal que se refere a outra expressão de natureza substantiva ou pronominal para melhor explicá-la, ou para servir-lhe de equivalente, resumo ou identificação.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o sujeito aparece repetido sob forma de apôsto, quando nêle queremos que recaia a atenção de quem nos ouve ou lê. Nestes casos empregamos os demonstrativos *êsse* (mais freqüente), *isso*, *êste*, *aquêle* (raro e hoje antiquado), e fazemos pausa (indicada ou não por vírgula) entre o sujeito e o apôsto:

"Ora, o meu espírito *êsse* fica sempre na boêmia, a desvairar no seu livro" (CAMILO, *Boêmia do Espírito*, 6).

"O Sr. Rodrigues, *êsse* então ganhou tal birra ao epicurista que até faz troça a quem lhe escreve o nome" (id., *ibid.*, 333).

"mas a *mordedura* que o remorso lhe fez no coração, *essa* ainda foi muito mais funda" (MENDES LEAL *apud Seleta Nacional*, I, 32).

"Alegre parece a guerra de fora, mas quem a experimenta, *êste* conhece bem os trabalhos de uma e os bens da outra" (JOÃO DE BARROS, *Panegíricos*, 24, ed. RODRIGUES LAPA). *

"o que era contra a honra de Deus, e em dano das almas, *isto só* o affligia e lhe tirava o gosto da vida" (SOUSA, *Vida do Arcebispo apud EPIFÂNIO, Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 477,b).

2 — Tipos de apôsto

São várias as acepções em que o apôsto pode aparecer:

a) *apôsto explicativo* ou *identificativo*:

Pedro II, *imperador do Brasil*, desejava ser professor (apôsto do sujeito).

Muito devemos a Gutenberg, *o inventor da imprensa* (apôsto do objeto indireto).

O livro foi escrito por Machado de Assis, *uma das maiores glórias da literatura brasileira* (apôsto do agente da passiva).

* MÁRIO BARRETO, *Últimos Estudos*, 310, explica êste exemplo — a meu ver sem razão — dizendo que o relativo se acha separado do demonstrativo antecedente, aproximando-o de uma construção que julgo diferente da que se ocupa esta nota: "Mas *aquêle* se chamará bom prelado que tiver letras, reputação e virtudes" (Fr. HERRÓX PINHO). Aqui realmente se trata da separação lembrada pelo ilustre mestre.

- b) *apôsto enumerativo*: quando enumera as partes constitutivas de uma expressão anterior:

Duas notas foram as mais altas, as notas 8 e 9 (apôsto do sujeito duas notas).

Apresento-lhes dois bons amigos: Antônio e João (apôsto do objeto direto).

O *apôsto explicativo* e o *enumerativo* podem vir precedidos das expressões *a saber, por exemplo, isto é, verbi gratia* (abreviado *v. g.* = por exemplo), *convém a saber* (ou *a saber*):

Compraram dois livros, *convém a saber*: o de Geografia e o de História.

- c) *apôsto recapitulativo*: quando serve de recapitular ou resumir o que foi expresso anteriormente. Este *apôsto* é quase sempre representado por um pronome indefinido como *tudo, nada, ninguém, qualquer*:

Tristezas, dores, dificuldades, *nada* impedia seus planos.

- d) *apôsto distributivo*:

Gonçalves Dias e José de Alencar são grandes escritores brasileiros, *um na poesia e outro* (ou *o outro*) *na prosa* (*um e outro* são apostos distributivos de Gonçalves Dias e José de Alencar).

Se no *apôsto distributivo* usamos os pronomes demonstrativos *este* e *aquêle*, o primeiro se refere ao nome ou pronome mais próximo e *aquêle* ao mais distante:

Gonçalves Dias e José de Alencar são grandes escritores brasileiros, *este na prosa e aquêle na poesia*.

Menos comum é a série *este... êle* em lugar de *este... aquêle*:

"*Delinquir* não está nas condições fonéticas de *atribuir*, como ensina SÁ NOGUEIRA. Neste, o *u* é vogal; *nêle*, consoante" (M. DE AGUIAR, *Filinto e Odorico*, 362).

3 — Apôsto em referência a uma oração inteira

O *apôsto* se refere não apenas a um termo da oração, mas ainda ao conjunto de idéias de uma oração inteira.

Depois da prova, José estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como *apôsto* de uma oração inteira costumam aparecer o pronome demonstrativo *o* ou um substantivo como *coisa, razão, motivo, fato* (acompanhados sempre de uma expressão modificadora):

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o patrão zangado*.

A revolução trouxe muitas mortes, *coisa lastimável*.

4 — Apôsto circunstancial

O *apôsto* não só designa uma qualidade de um ser, mas ainda "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou coisa," na época da ação expressa pelo verbo. *

Neste caso pode vir ligado imediatamente ao nome a que pertence ou por meio de uma expressão adverbial usada preposicionalmente:

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" (БОЦАРЪ) (isto é: como *rainha* esquece o que sofreu *quando era vassala*).
Quando *presidente*, nunca fugiu aos debates.
Como *candidato* prometeu, mas como *chefe* não cumpriu as promessas.

No sentido temporal, em lugar do advérbio *quando*, pode aparecer a preposição *em*:

* EPIFÂNIO, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 45, b.

Em criança fazia o que em pai escondia aos filhos.
 "Em pequeno, apareceu em casa..." (FELICIANO RAMOS, *Trindade Coelho*, 2).

Em

"Ainda quando princesa do Brasil eram notórias as devoções a que entregava o seu espírito" (LATINO COELHO, *História Política e Militar de Portugal*, I, 263).

o apôsto circunstancial *ainda quando princesa do Brasil* só precisa do verbo para se constituir em oração adverbial: *ainda quando era princesa do Brasil*. Por isso, muitos professores preferem completar o predicado e ver aí orações. Assim, em: "Católica exaltada, a rainha respeitava no clero o oráculo absoluto das intenções de Deus..." (LATINO COELHO, *ibid.*, 262), tais mestres não consideram *católica exaltada* como apôsto, mas oração adverbial a que se omitiram o conectivo e o verbo de ligação: *porque era* (ou *por ser*) *católica exaltada*. *

5 — Apôsto especificativo

Um nome próprio pode juntar-se a um nome comum que indica a espécie a que pertence:

Rio Amazonas
 Montes Pireneus
 O poeta Castro Alves
 O Rei D. Manuel
 O irmão Joaquim
 Tecidos Aurora
 Loja Paulista

Este tipo de apôsto se chama *especificativo* e, na nossa língua, corre paralelo às expressões especificativas onde os termos se acham subordinados pela preposição *de*:

* MÁRIO BARRETO é dos que preferem subentender um verbo e ver aí oração. Cf. *De Gramática*, 199-201.

Praça da República
 Serra da Mantiqueira
 O nome de pátria
 A cidade de Lisboa

Não há determinações rígidas para o emprego de uma ou outra construção, e, como bem acentua EPRFÂNIO DIAS, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se por exemplo: *o nome de Augusto*, mas: *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas: *o rio Tejo*" (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 154, Obs. 1.^a).

Alguns autores consideram que há aposição nos dois casos e a preposição *de* é mera *palavra de realce* ou *expletiva*. Outros preferem classificar a expressão iniciada por *de* como adjunto adnominal. Ambas as análises são perfeitamente aceitáveis.

6 — Pontuação no apôsto

Normalmente o apôsto se separa do termo a que se refere por uma pausa que, na escrita, é representada por mais de um sinal de pontuação.

O sinal mais comum é a vírgula:

Iracema, *a virgem dos lábios de mel*, tinha os cabelos negros e longos.
 O filósofo invocou a única verdade, *a morte*.

OBSERVAÇÃO: Note-se que o apôsto só vem entre vírgulas quando a oração continua depois dele, como ocorreu no primeiro exemplo.

Os dois pontos aparecem principalmente no apôsto enumerativo:

"A vida não tem mais que duas portas: *uma de entrar*, pelo nascimento; *outra de sair*, pela morte" (RUI BARBOSA).

Podem ainda separar o apóstro o travessão e os parênteses:

O último romance de Alexandre Herculano — *O Bôbo* — ficou incompleto.
Dois de seus irmãos (*José e Manuel*) foram nossos alunos.

O apóstro especificativo não se separa por pausa da expressão a que se refere, e por isso não vem assinalado por vírgula:

O Imperador Pedro II.
A palavra pátria.

7 — Casos de concordância

Ocorrendo um apóstro recapitulativo, o verbo da oração não leva em conta a série de sujeitos, para concordar com o pronome indefinido que serve de apóstro:

Os conselhos e as derrotas na vida, *nada* o levava ao caminho do dever.

OBSERVAÇÃO: Se o verbo da oração fôr *ser*, fica naturalmente a possibilidade já estudada de poder haver a concordância com o predicativo plural:

Lamentações, choro e rogos, *tudo eram fingimentos*.

Tratando-se de apóstro enumerativo do tipo: *tudo, alegrias, tristezas, saudades...*, o verbo concorda com o sujeito, e não com o apóstro:

Tudo, alegrias, tristezas, saudades, o ajastava da luta.

10^a

Expressões exclamativas: as exclamações, a interjeição e o vocativo.

1 — As exclamações

Vimos, no início dêste livro, que o homem pode traduzir seus pensamentos com acentuado predomínio emocional. Pertence à linguagem das emoções não apenas a oração que se pode bipartir em sujeito e predicado, mas ainda aquela que representa um fragmento de oração, incapaz de permitir a separação dêstes dois termos e, por isso mesmo, inanalísável:

Que beleza!
Impossível!
Socorro!

As orações exclamativas bimembres, isto é, aquelas que se podem bipartir em sujeito e predicado, geralmente começam por *que, quão, quanto, como* (tôdas com sentido intensivo):

Que elegante está você!
Quanto é bela a vida!

Assim também as orações sem sujeito:

Como chove!

2 — As interjeições

Outro elemento da linguagem emocional é a *interjeição*, que traduz os estados da alma por si mesma.

Ocorrem as interjeições ora sôzinhas, ora numa oração exclamativa:

"Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!" (CASIMIRO DE ABREU).

Distinguimos três tipos de interjeições: *

a) certos sons vocálicos:

oh! ah! ué! hem! hum!

Tais interjeições são proferidas com tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme o sentido que se queira traduzir. Assim, *oh!* denotará dor, alegria, surpresa, impaciência. *Hum!* exprimirá paciência ou suspeita. *Hem!* traduzirá simples pergunta ou uma pergunta impaciente. "Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!" CASTRO ALVES (MATOSO CÂMARA JR., obra citada. O grifo é nosso).

b) verdadeiros vocábulos já correntes na língua:

arre! olá! flau! upa! xô! alô! oxalá! bis! viva! bravo! puxa!*

c) uma locução interjetiva, constituída de duas ou mais palavras existentes na língua:

aqui del-rei! ora, bolas!

* MATOSO CÂMARA JR., *Curso de Língua Pátria, Gramática*, I, 65.

** O Vocabulário Oficial preceitua *puxa* (com x), mas a interjeição nada tem com o verbo *puxar*. A melhor grafia será com *ch*.

3 — O vocativo

É a expressão de natureza exclamativa através da qual chamamos ou pomos em evidência a pessoa a que nos dirigimos:

José, vem cá!
Tu, meu irmão, precisas estudar!

O vocativo pode vir precedido de interjeição, principalmente *ó*:

"Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?" (CASTRO ALVES).
Olá, meninos!

Para insistir na pessoa com quem falamos, usamos do vocativo *senhor* (*senhora*), depois de uma afirmação ou negação. Não há pausa entre o advérbio e o vocativo (embora assinalemos este último por vírgula,) se o vocativo vier desacompanhado de adjunto:

— Entregaste a carta?
— Sim, *senhora*.

Mas com pausa:

— Entregaste a carta?
— Sim, *minha senhora*.

O vocativo pode aplicar-se às coisas inanimadas como se lhes emprestássemos vida:

"O' mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz, de que surgiste.
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compeliste" (GONÇALVES DIAS).

OBSERVAÇÃO: A esta personificação chamamos *prosopopéia*.

4 — Um caso de concordância: VIVAM OS CAMPEÕES!

A tradição da língua pede que o verbo vá ao plural em construções do tipo:

Vivam os campeões!

Entretanto a língua moderna revela acentuada tendência para deixar o verbo no singular, embora a gramática persista em ver aí erro de concordância:

Viva os campeões!

Para tal procedimento concorreram, sem dúvida, três ordens de fatores:

- a) o emprêgo quase interjetivo da oração, em que o verbo é normalmente seguido de nome no singular, transformou o verbo no singular num *cliché*, isto é, de emprêgo fixo;
- b) a influência de construções como *salve os campeões*, onde *salve* é interjeição e, portanto, invariável;
- c) a só anteposição do verbo ao sujeito é responsável por numerosas infrações na concordância recomendada pela gramática.

Assim, apesar de correr vitoriosa na linguagem coloquial, esta concordância no singular deve ser cuidadosamente evitada na língua padrão.

11^a

Período composto. Orações independentes e dependentes. Classificação das orações quanto à ligação entre si. Tipos de orações independentes: coordenadas e intercaladas. Tipos de orações dependentes: subordinadas. Subordinação concorrente: oração equípole. Subordinação decorrente: mais de uma oração principal.

1 — Período composto

Na tradução de nossos pensamentos, o período pode encerrar uma só declaração:

Ontem fomos ao cinema

ou mais de uma:

Ontem fomos ao cinema, mas hoje apresentamos todos os deveres escolares.

Quando o período encerra uma só oração dizemos que é *simplex*; quando encerra duas ou mais orações, dizemos que é *composto*.

As orações se caracterizam pelo seu *sentido* ou pela sua *forma*. Pelo seu *sentido*, porque é oração aquela que tiver *sentido completo*; pela *forma*, porque toda oração se biparte normalmente em sujeito e predicado. Assim:

Começaram as aulas.

constitui oração porque tem sentido completo. E em:

Desejo que as aulas comecem

há duas orações: *Desejo* e *que as aulas comecem*, porque, se *Desejo* não tem sentido completo, apresenta sujeito e predicado.

2 — Orações independentes e dependentes

As orações de *sentido completo* se chamam *independentes*:

Saímos cedo e voltamos na hora marcada.

Temos aqui duas orações de sentido completo: *saímos cedo e voltamos na hora marcada*.

As orações apenas pela *forma* se chamam *dependentes*:

Espero que sejas feliz.
O aluno que estuda aprende.
Saíremos quando ele chegar.

Nos três exemplos dados temos períodos com duas orações:

1 2
Espero | que sejas feliz.

1 2 1
O aluno | que estuda | aprende.

1 2
Saíremos | quando ele chegar.

A 2.^a oração de todos os exemplos *depende gramaticalmente* da 1.^a, porque exerce uma função sintática desta. *Que sejas feliz* é o objeto direto do verbo transitivo direto *esperar*: *espero o quê? — que sejas feliz*.

A oração *que estuda* serve de adjunto adnominal do substantivo *aluno*: *aluno que estuda = aluno estudioso*.

A oração *quando ele chegar* representa o *adjunto adverbial* da ação de *sair*: *sairemos quando ele chegar = sairemos à sua chegada*.

Podemos assim definir, em termos de sintaxe, as orações *independentes* e *dependentes*:

Independente é a oração que não exerce função sintática de outra a que se liga.

Dependente é a oração que exerce função sintática de outra a que se liga e vale por um substantivo, adjetivo ou advérbio.

A oração que exige uma dependente se denomina *principal*.

Nos exemplos dados, *espero, o aluno aprende e sairemos* são orações principais. *

3 — As orações quanto à ligação: conectivas e justapostas

As orações se classificam ainda quanto à sua ligação, e podem ser *conectivas* e *justapostas*. **

São *conectivas* as que se prendem à anterior por palavras especiais de ligação de que dispõe a nossa língua. Estas palavras especiais — denominadas *conectivos* — são as *conjunções* e o *pronome relativo*:

"As flores e as mulheres enfeitam e guarnecem a terra" (MARQUÊS DE MARICÁ).
"A ignorância tudo exagera, *porque* não conhece o justo meio" (id.).
"O futuro se nos oculta *para* que nós o imaginemos" (id.).
"A experiência *que* não dói pouco aproveita" (id.).

* É preciso insistir nesse conceito sintático de oração *independente, dependente e principal*. Nunca é demais lembrar que a procura da oração principal nem sempre coincide com a determinação da *idéia* ou *sentido principal* do contexto. São aspectos de naturezas diferentes que cumpre distinguir. Oração principal não é a que encerra o *sentido principal*, mas a que tem um dos seus membros sob forma oracional; daí a possibilidade de haver, no período, mais de uma oração principal. Diz bem SANDELO (*Syntaxe du Français Contemporain*, II, 1936, pág. IX): "Une proposition subordonnée est un membre de phrase qui a la forme d'une proposition".

Sobre oração principal e sentido principal pode o leitor consultar ainda as justas ponderações de BRUNOT, em *La Pensée et la Langue*, pág. 29.

** Cf. SILVIO ELIA, *Justaposição* (in *Jornal de Filologia*, n.º 8, 107-112).

As conjunções coordenativas e subordinativas se podem apresentar, na expressão de nossas idéias, *simples e enfáticas* ou *correlatas*. São conjunções coordenativas simples:

Pedro estudou Matemática e se aplicou ao Desenho.
Estudas ou brincas.

Poderíamos expressar enfaticamente as mesmas idéias utilizando as formas correlatas:

Pedro *não só* estudou Matemática *mas também* se aplicou ao Desenho.
Ou estudas ou brincas.
Quer faça bom tempo, quer chova, não sairei de casa.

Entram nas orações subordinadas adverbiais as expressões correlatas fixas que denotam *comparação* e *conseqüência*, do tipo de *tão... como, mais... que, menos... que, tanto... que, tão... que*

Ele é *tão* inteligente *quanto* o pai.
Ele é *mais* inteligente *que* o pai.
Ele é *tão* inteligente *que* surpreendeu o professor.

Pertencem ainda ao grupo de expressões enfáticas os advérbios que, nas orações principais, coordenadas ou subordinadas, mostram a relação em que essas orações se acham com o que se disse anteriormente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" (MARQUÊS DE MARICÁ).
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" (Id.).
"Estudemos, *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" (RIBEIRO DE VASCONCELOS, *Gramática Portuguesa*, 251).
"...pois era de razão que pôsto Deus se achasse de conselho pronto em tôda a parte, *todavia* mais êle fulgurava nos exemplos que escolhia neste mundo" (JOÃO RIBEIRO, *Floresta de Exemplos*).

Tais advérbios se referem a todo um pensamento anterior e se classificam entre os *advérbios de oração* estudados na lição 7.^a, § 19.

São *justapostas* as que se apõem a outra oração sem auxílio de conectivo:

"O mundo intelectual deleita a poucos, o material agrada a todos" (Id.).
"É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu amigo" (ALVÍLIO AZEVEDO).
"Há quanto tempo não aspirava o pobre órfão essa flor ideal do amor, essa flor sonora, o beijo!" (id.).

Pelos exemplos dados podemos facilmente observar que *tanto as orações independentes, como as dependentes, podem ser conectivas ou justapostas*.

NOTA SÔBRE NOMENCLATURA GRAMATICAL

As expressões correlativas aditivas, comparativas e consecutivas (*não só... mas também, tão... quanto, não só... senão que, não só... como também, tão... que, etc.*) * levaram o Prof. JOSÉ OITÍZICA a colocar, ao lado das orações *coordenadas* e *subordinadas*, mais dois tipos diferentes: as *correlatas* e as *justapostas*. No presente trabalho sinto não adotar a lição do mestre por julgar que *coordenação* e *subordinação*, como tipos de oração (melhor diríamos aqui orações *independentes* e *dependentes*), não estão no mesmo plano da *correlação* e *justaposição*. Os dois primeiros conceitos dizem respeito ao *valor sintático de independência ou dependência* em que se acham as orações dentro do contexto; *correlação* e *justaposição* se referem ao *modo de se ligarem entre si essas mesmas orações*. Poderíamos dizer que, quanto ao *valor sintático*, as orações podem ser *independentes* e *dependentes*; quanto à ligação, exercem o papel de conectivo as conjunções coordenativas, as conjunções subordinativas, os pronomes relativos, as con-

* Têm-se repudiado, sem razão, as correlativas *não só... como, não só... como também*, que os bons escritores modernos empregam: "...*não só* rompera o degrêdo, *como* ousara introduzir-se a ocultas em Lisboa" (RESENHA DA SILVA, *Hist. de Portugal*, I, 465); "O duque não só escrevera a Filipe II, *como* também enviara ao duque de Medina um recado seu" (Id., *ibid.*, II, 80). Para estes e outros exemplos ver M. BARRETO, *Através*, 155-6.

junções e expressões correlativas, ao lado das orações que não se ligam por palavras especiais, isto é, as justapostas. Só quanto à ligação, teríamos: orações *coordenadas*, *subordinadas*, *correlatas* e *justapostas*. Ora, como os termos *coordenadas* e *subordinadas* atendem, por tradição, ao valor sintático, a proposta do Prof. José ORTICICA nos levaria a confusões. Por tudo isto, julguei melhor seguir a lição adotada no presente compêndio. Quanto à *justaposição*, isto é, ligação de orações sem conectivo, ela pode abranger a tradicional *coordenação assindética* (*vim, vi, venci*) e as subordinadas do tipo de *Espero SEJAS FELIZ*.

O professor pode ver a discussão do assunto em JOSÉ ORTICICA, *Uma Gramática*, 44-48, e *Teoria da Correlação*; SÍLVIO ELIA, *Orientações da Linguística Moderna*, apêndice. GLADSTONE CHAVES DE MELO, *Iniciação à Filologia Portuguesa*, 242 e ss., e *Nôvo Manual de Análise*, 108 e ss., aceita a correlação.

4 — Tipos de orações independentes

As orações independentes podem ser, quanto à natureza sintática: *coordenadas* e *intercaladas*.

- a) São *coordenadas* as orações de uma série sintaticamente equivalente ligadas por conjunção coordenativa ou por mera justaposição:

"As circunstâncias fazem ou descobrem os grandes homens" (MARQUÊS DE MARICÁ).

"Os moços apaixonam-se pelo bonito e lindo, os homens experientes e maduros pelo belo" (id.).

OBSERVAÇÃO: Pelo 2.º exemplo vemos que a conjunção, ligando expressões do mesmo valor, pode juntar não só orações, mas também palavras e expressões equivalentes. Assim dois substantivos, dois adjetivos, dois pronomes, dois advérbios, etc. podem ser ligados por conjunção coordenativa:

Pedro e Paulo
Bonito e lindo
Eu ou ela
Amanhã ou depois

Estas considerações nos levam a dois pontos importantes:

- 1) as conjunções não só ligam orações, pois as coordenativas ligam ainda expressões do mesmo valor:
- 2) o *e* (ou qualquer conjunção coordenativa) entre duas expressões (Pedro e Paulo, no dia de ontem e no de hoje) é *conjunção*, e não *preposição*.

A coordenada justaposta recebe também o nome de *coordenada assindética*:

Vim, vi, venci.

Numa série de coordenadas, a primeira se diz apenas *coordenada*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não lhe fixa nome especial.

- b) Oração *intercalada* é aquela que, não pertencendo propriamente à seqüência lógica das orações do período, aí aparece como elemento adicional que o falante julga ser esclarecedor.

Há vários tipos de oração intercalada*; as mais freqüentes denotam:

- a) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

Dê-me água, me pediu o rapaz.**
Quem é ele? — interrompeu a jovem.

- b) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

* Segundo o Prof. José ORTICICA. A que chamamos de *desejo* é denominada de *exclamação*.

** Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração como principal. Assim, analisam:

Em 1945 — isto aconteceu no dia de meu aniversário — conheci um dos meus melhores amigos.

- c) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
"Comíamos, é verdade, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 198).

- d) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

José — *Deus o conserve assim!* — conquistou o primeiro lugar da classe.
"É bem felozinho, benza-o Deus, o tal teu amigo! (ALVÍSTO AZEVEDO).
O teu primo — *raios que o partam!* — pôs-me de cabelos brancos.

- e) *escusa*:

"Pouco depois retirou-se; eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filólogos essa frase bárbara*) murmurei consigo..." (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 325).

Oração principal: me pediu o rapaz.
Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: dê-me água.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse (cf. KURY, *Pequena Gramática*, pág. 103):

[Perguntando] *Quem é ele?* — interrompeu a jovem. Instato em adotar a lição exposta acima, porque vejo duas intenções diferentes em: *O rapaz me pediu: dê-me água* (onde a 2.ª oração é subordinada à 1.ª) e *Dê-me água, me pediu o rapaz* (onde a 2.ª oração é mero acréscimo adventício, mera explicação que o falante houve por bem dar), embora se note entre ambas as expressões certo paralelismo de sentido. Elemento adicional, a intercalada de citação, a meu ver, pode perfeitamente figurar ao lado das outras intercaladas aqui referidas. Deste modo, melhor harmonizamos a análise linguística com a intenção de quem fala. Custa-me ver dependência sintática em intercaladas como: "Não se altere, sr.ª abadessa — apasigou o vigário-geral" (CAMILO, *Filha do Reptilista*, 65); "Você que tem, sr. Bernardo?! — tornou o cuteleiro" (Id., *ibid.*, 77); "Querem ver que vocês — golpei o locandeiro — vão ver pernejar na força o tal pifão que quis matar el-rei" (Id., *ibid.*, 74); "Diga este cadáver, sr.ª abadessa — emendou o médico" (*ibid.*, 74).

- f) *exortação*:

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem*, Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" (CAMILO, *Boémia do Espírito*, 300).
Os livros, *podê-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

- g) *permissão*:

"Meu espírito (*permitam-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" (MACHADO DE ASSIS, *ibid.*, 282).

- h) *ressalva*:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço, e ela transpôs, *ao que parece*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 123).
Ele, *que eu saiba*, nunca veio aqui.*

Por todos os exemplos apontados vemos que as orações intercaladas são sempre justapostas.

As intercaladas se separam por vírgula, travessão ou parêntese. Note-se que, se tivermos de separar por vírgula a intercalada que figura entre travessão ou parêntese, o sinal de pontuação é pôsto depois do travessão ou parêntese.

5 — Conjunções coordenativas

As conjunções coordenativas se dividem em:

- a) *aditivas*: estabelecem a ligação de pensamentos, sem outra idéia subsidiária: *e* e *nem*.

Estudou *e* passou.
Não estudou *nem* passou.
Nem estudou *nem* passou.

Em lugar de *sem... e sem* diz-se também *sem... nem*:

* Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações, que copiavam *sem* o entender *nem* fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avas-saladas" (LATINO COELHO *apud* Antologia Nacional, 215).

Note-se o emprego do *e* intensivo junto a uma con-junção ou palavra aditiva:

e nem, e mais:

"Saiu às nove horas *e mais* a senhora" (CAMILO, *O Con-denado*, 17 *apud* M. BARRETO, *Últimos Estudos*, 393).

Segundo o Prof. JOSÉ ORTIGUEIRA,* porém, só estará certo o encontro *e nem* quando *nem* fizer parte de ex-pressões (claras ou não) como *nem sequer, nem por isso, nem assim, nem ao menos, nem sempre, nem to-dos* ou se ocorrer a série aditiva negativa *nem... nem:*

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* sabia o nome desse brinquedo" (MONTENHO LOBATO, *Negrinha*, 9).

"mas o primo Nicolau está a dormir até tarde, *e nem* à missa vai" (CAMILO, *O Esqueleto*, 73 *apud* P. A. PINTO, *op. laud.*). *E nem = e nem ao menos.*

"Duas bastam para oferecer quatro variedades como fazem os irlandeses que comem pão e batatas, pão sem batatas, batatas sem pão, *e nem* pão *nem* batatas" (JOÃO RIBEIRO, *Floresta de Exemplos*, 138).

- b) *adversativas:* ligam expressões estabelecendo uma oposição, contraste, compensação, res-salva:

Eles foram, *mas* eu fiquei.

Chegaram, *porém* não me viram.

Estudou, *entretanto* não conseguiu boas notas.

Trabalhou, *mas* juntou dinheiro.

A língua coloquial emprega *mas* no início do pe-riodo, sem nenhuma idéia de oposição, para chamar a atenção do ouvinte:

Mas, meu amigo, o que você tem com isso?

* Cursos do I.N.E.P., sùmula n.º 8, págs. 1 e 2. O Prof. PESSO A. PINTO, entretanto, não faz estas restrições para o emprego de *e nem*, no seu livro *Notas de Adoocia Gramatical*, 73-80. Normalmente pre-valece a lição deste último mestre, sendo *e nem* utilizado em caso de ênfase.

Porém indica a oposição com mais ênfase do que *mas*, e pode ser colocado no início (principalmente na ênfase), no meio ou no fim da oração:

Esperai-o, *porém* ele não veio.

Esperai-o, ele, *porém*, não veio.

Esperai-o, ele não veio, *porém*.

Senão, depois de uma negação, vale por uma con-junção adversativa em linguagem do tipo:

"E agora as entregas desta maneira, não a pastores *senão* a lobos" (ANTÔNIO VIEIRA *apud* ANTONIO NASCENTES, *Difi-culdades de Análise Sintática*, 7).

Precedido de *não*, também equivale a *só:*

Ele não quer *senão* o livro = ele só quer o livro.

- c) *alternativas:* marcam uma separação ou exclu-são do termo ou termos anteriores:

Ficava em casa *ou* saía.

Pode aparecer repetido:

Ou ficava em casa *ou* saía para as compras.

Às vezes pode denotar a consequência se a ação anterior não se cumprir:

Trás à festa *ou* ficarei zangado contigo.

Já... já e *ora... ora* marcam uma alternativa em relação ao tempo:

Já estudava Matemática, *já* se preocupava com Português.

- d) *conclusivas:* denotam uma conclusão: *logo, pois* (no meio ou no fim da oração), *portanto, por isso, por conseguinte:*

Recebeu a carta, *logo* atenderá ao nosso pedido.

OBSERVAÇÃO 1.ª: Distinga-se a conjunção conclusiva *logo* do advérbio de tempo *logo*:

Recebeu a carta, *logo* atenderá *logo*.

OBSERVAÇÃO 2.ª: Como conclusivas podemos usar *por isso* ou *por isto*, sendo a primeira mais freqüente.

- e) *explicativas*: denotam que a 2.ª oração explica a razão de ser da primeira: *que* (= *porque*), *porque*, *pois* (no início de oração), *porquanto*:

Venha cedo, *porque* desejo conversar com você.
Que Deus o ajude, *pois* a empresa que você pretende realizar é difícil.

As explicativas *porque* e *que* aparecem normalmente depois de orações imperativas e optativas.

OBSERVAÇÃO: É preciso não confundir as conjunções explicativas com as partículas e locuções explicativas do tipo de *a saber*, *isto é*, *por exemplo*, que se não enquadram nas classes de palavras estabelecidas pela gramática tradicional e vão constituir um grupo à parte a que José ORRICO chamou *denotativas*.*

6 — Tipos de orações dependentes

As orações dependentes exercem funções sintáticas de sua principal e equivalem a um *substantivo*, *adjetivo* ou *advérbio*:

- a) Vi *que* *ele* tinha chegado = vi a chegada *dêle* (objeto direto).
b) O menino *que* estuda aprende = o menino estudioso aprende (adjunto adnominal).

* Melhor seria que abolissemos a distinção entre as coordenadas explicativas e as subordinadas causais, uma vez que normalmente não se traçam linhas rigorosas de demarcação entre os dois campos de idéias. São frágeis os critérios de pausa, dentro do texto escrito, e fora do alcance do falante comum a comparação com o inglês *for* / *because*, com o francês *car* / *parce que*, com o alemão *denn* / *weil*. E os alcerces desta comparação estreitam quando se vê, nos escritores, *car* ao lado de *parce que* sem que se note qualquer vestígio de distinção, como no exemplo de FLAUBERT: "Les femmes l'aiment, car il les courtise; les hommes lui sont dévoués, car il les sert; on le craint parce qu'il se venge; on lui fait place parce qu'il bouscule; on va au-devant de lui parce qu'il attire" (cf. BROUËT, *Syntaxe du Français Moderne*, II, § 1463).

- c) Saímos *porque* estava chovendo = saímos *por causa da chuva* (adjunto adverbial de causa).

Assim, as orações subordinadas serão *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*.

7 — Funções sintáticas da oração subordinada substantiva

Vimos que a oração subordinada exerce uma função sintática da principal. Ora, se a oração for substantiva, exercerá todas as funções sintáticas que, na oração, pode desempenhar um substantivo. Destarte, a oração substantiva aparecerá como:

- a) *sujeito* (diz-se *subjativa*):

É bom *que* estudes (que é bom?).
Quem corre cansa (quem cansa?).

- b) *objeto direto* (diz-se *objetiva direta*):

Desejam *que* sejam felizes (desejam o quê?).
Desconheço como se chama (desconheço o quê?).

- c) *objeto indireto* (diz-se *objetiva indireta*):

Ela precisava *de que* a ajudássemos (ela precisava de quê?).
Ele necessita *de que* o ajude (ele necessita de quê?).

- d) *apôsto* (diz-se *apositiva*):

Digo-lhe apenas isto: você perdeu minha confiança.
Uma coisa lhe desejo, seja feliz (apôsto dos objetos isto e uma coisa).

- e) *complemento nominal* (diz-se *completiva nominal*):

Todos tínhamos necessidade *de que* nos auxiliássemos.

- f) *predicativo* (diz-se *predicativa*):

A verdade é *que* tinham saído.

8 — Subordinadas substantivas conectivas e justapostas

Pelos exemplos dados, concluiremos que as subordinadas substantivas podem ser *conectivas* — ligadas por conjunção — e *justapostas*.

A conjunção que liga a substantiva à oração principal se diz *integrante*. A nossa língua possui duas conjunções integrantes: *que* (nas declarações certas) e *e* (nas declarações incertas):

Sei *que* virá hoje.
Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas levando-se em conta a preposição necessária:

Subordinadas	a) sem preposição necessária serão	1) <i>subjativa</i>
		2) <i>objetiva direta</i>
		3) <i>predicativa</i>
		4) <i>apostiva</i>
Substantivas	b) com preposição necessária serão	1) <i>objetiva indireta</i> (complemento de verbo)
		2) <i>completiva nominal</i> (complemento de substantivo ou adjetivo)

OBSERVAÇÃO: Continuamos a insistir no termo *necessária* (*preposição necessária*), porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que iniciaria uma oração indireta ou completiva nominal:

"Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que em conselho se decidira que o fôsem cercar..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 94).

em que o avisava que está por em que o avisava de que.

Estava desejoso que ele viesse agora

ou

Estava desejoso de que ele viesse agora.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir d'este alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

"...fizeram (os cortesãos) com que el-rei se retirasse para Sintra..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 93),

onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

"Desaire real seria de a deixar sem prêmio" (A. GARRETT). Registrem-se ainda as construções *dizer de sim*, *dizer de não*, em lugar de *dizer que sim*, *dizer que não*: "Eu me abalanco a lhes dizer e redizer de não" (RUI BARBOSA apud M. BARRO, *De Gramática*, 225).

9 — Características da oração subjetiva e predicativa

A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.^a pessoa do singular e *num destes três casos*:

a) verbo na voz passiva:

1) *pronominal*: verbo com pronome *se*;
Sabe-se que tudo vai bem.

2) *analítica*: *ser*, *estar*, *ficar* seguidos de *participio*:

Ficou provado que estava inocente.

- b) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de *substantivo* ou *adjetivo*:

É verdade que sairemos cedo.
Foi bom que fugissem.
Está claro que consentirei.
Ficou certo que me telefonariam.

- c) verbo do tipo de *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, cumpre, dói, punge, acontece*:

Parece que vai chover.
Urge que estudem.
Cumpre que façamos com cuidado todos os exercícios.
Acontece que todos já foram punidos.

A oração substantiva predicativa tem a conjunção integrante completando, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade é que não ficaremos aqui.

OBSERVAÇÃO: O Prof. SOUSA LIMA (*Gramática Portuguesa*², § 530) acha que só se pode considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro*". Creio que neste exemplo a melhor análise é aquela que tem o verbo *parecer* como auxiliar modal (indicando aparência), constituindo com *ser* uma locução verbal. Por braquilogia, *pareces ser* passou a *pareces*, em virtude de assumir o verbo *parecer* valor de verbo de ligação, acompanhado de predicativo: *tu pareces estrangeiro*. Mas na seguinte passagem do MARQUÊS DE MARICÁ o verbo *parecer* se enquadra perfeitamente à lição do citado mestre: "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando parecemos que mais nos ocupamos dos outros" (*Máximas*).

10 — Omissão da conjunção integrante

Se o período encerra mais de um *que*, podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas:

"Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo

pelas conseqüências que se vão descrever, com um certo pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena..." (CAMILLO, *Carlota Angela*, 223).
Esperamos tomem está por *esperamos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui elegância a omissão da conjunção integrante:

"Frequentes vêzes me disse esperava lhe anulassem no supremo tribunal o processo" (CAMILLO, *Memórias do Cárcere*, I, 51).

Evitou o grande escritor português o emprêgo de duas conjunções integrantes: "...me disse que esperava que lhe anulassem o processo".

"Pôsto que, dizia êle, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, aconselhava-o não tentasse nada de leve..." (ALEXANDRE HERCULANO, *História de Portugal*, I, 262 apud *Fragmentos*, 149).

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse*.

Também se dá a elipse da integrante *que* depois da conjunção comparativa *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

"Antes Deus quer
"Que se perdoe um mau, que um bom padeça" (ANTÔNIO FERREIRA, Castro, ed. SOUSA DA SILVEIRA, *Textos Quinhentistas*, 198),

isto é: *antes Deus quer que se perdoe um mau que (quer que) um bom padeça*.

Pode-se ainda fugir ao *que* que pondo-se o verbo no infinitivo: *que padeecer um bom*.

10a — Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer,

momento no falar coloquial, o pleonasma da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" (CAMILO, *Os Brilhantes do Brasileiro*, 45).

"O meu amor me disse ontem *Que eu que* andava coradinha" (*Mil Trovas*, ed. A. DE CAMPOS e A. DE OLIVEIRA).*

11 — Subordinada substantiva justaposta

A subordinada substantiva justaposta ocorre quando:

a) funciona como *apôsto*:

Papai deu-nos um belo presente — *levou-nos à fazenda do tio Vera*.**

b) encerra uma interrogação indireta com *quem*, *tanto*, *por que*, *como*, *quando*, *onde*, *que*, *qual*:

* Para estes e outros exemplos ver M. BARRETO, *Novos Estudos*,² 181-183.

** As orações apostivas admitem ainda uma expressão resultante do cruzamento da construção conectiva com a construção justaposta. Dizendo: *uma coisa vos confessarei, que os portugueses são homens de ruim língua*, misturam-se dois tipos:

a) *uma coisa vos confessarei: os portugueses são homens de ruim língua* (justaposição);

b) *Eu vos confessarei que os portugueses são homens de ruim língua* (conexão).

Nestas circunstâncias, a pontuação pode ser diferente da do trecho acima. A oração que contém o substantivo pode terminar por ponto, e o *apôsto*, encabeçado por *que*, iniciar com letra maiúscula, dando impressão de oração à parte: "O noctívago sente na sua individualidade, nos seus calos e no seu nariz, a doce impressão panteísta das árvores e dos calhaus. *Que este globo está muito bem feito*" (CAMILO, *A Brasileira de Pratinz*, 314, ed. 1882).

A oração *que este globo está muito bem feito* é, parece-me, *apôsto de doce impresso*, e não subordinada causal como pensa o Prof. DALMO SANTOS no comentário de n.º 289 da *Antologia Nacional*.

A oração subordinada pode vir anunciada na principal através de um pronome oblíquo:

"Eu o vi certamente — e não presumo

Que a vista me enganava — *levantar-se*

No ar um vaporzinho e *sufil fumo*

E do vento trazido *rodar-se*" (CAMÕES, *Os Lusitadas*, V, 19).

Não sabemos	<i>quem</i>	comprou.
	<i>quanto</i>	
	<i>por que</i>	
	<i>como</i>	
	<i>quando</i>	
	<i>onde</i>	
	<i>que</i>	
	<i>qual</i>	

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo *saber*.

Desconheço *que admiráveis presentes ganhaste*.
Ignorava *quais os alunos que haviam perturbado as aulas*.

c) encerra palavras de natureza pronominal ou adverbial intimamente relacionadas com os relativos, mas sem que venham referidos a antecedentes: *

QUEM tudo quer tudo perde (oração *subjéctiva*).**
Falava a *QUEM* lhe pedia conselhos (oração *objectiva indirecta*).
"O rei pagão os fortes navegantes
Não sabia *EM QUE modo festejasse*" (*Os Lusitadas*, 6, 1)
(oração *objectiva directa*).
Fizeram *QUANTO* lhes pedi (oração *objectiva directa*).
Reconheço *QUÃO enganados nos achávamos a seu respeito*
(oração *objectiva directa*).
Peço que anote *QUAIS foram os responsáveis* (oração *objectiva directa*).
A polícia descobriu *QUANDO foi o roubo* (oração *objectiva directa*).
Os jornais explicaram *COMO os ladrões conseguiram fugir*
(oração *objectiva directa*).
Os garotos não descobriram *ONDE os pais tinham pôsto os presentes* (oração *objectiva directa*).
Os vizinhos não entenderam *POR QUE o fogo foi violento*
(oração *objectiva directa*).
Ele é *QUEM* os avisa (oração *predicativa*).
Não sabia *por QUEM tinha sido enganado* (oração *objectiva directa*).

* OLDMAN GUYENNES, *Orações Subordinadas sem Conectivo*, 25.

** Estas orações de quem apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

Observação: Há quem prefira desdobrar estas palavras dos tipos b) e c) e dar outra análise à expressão, considerando adjetiva a oração subordinada. Assim, substituem quem por a pessoa que, aquele que; quanto por o tanto que; quando por o momento em que; como por o modo pelo qual; onde por o lugar em que; por que por o motivo pelo qual.

Analisam Quem tudo quer tudo perde desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: — principal: a pessoa tudo perde

2.ª oração: — subordinada adjetiva: que tudo quer.

A análise que adoto tem a vantagem de encerrar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.*

12 — Subordinada adjetiva: seus tipos

A oração subordinada adjetiva funciona como adjunto adnominal de um termo chamado antecedente (substantivo ou pronome) pôsto na oração a que se prende:

O menino *que estuda* aprende.

A pessoa *a quem nos referimos* é nossa vizinha.

A casa *onde moras* é espaçosa.

Devemos reconhecer as qualidades *de quem as tem*.

As orações adjetivas podem ser *restritivas* ou *explicativas* conforme a sua missão no período:

- a) as *restritivas* servem para delimitar ou definir mais claramente o seu antecedente, o qual, sem a oração adjetiva, pode ou não fazer sentido ou dizer coisa diferente do que temos em mente:

* Ensina-nos mestre SAM ALI: "Em proposições como quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança, servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo quem aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a quem quer que, expressão ampliativa do mesmo pronome quem nestas proposições: quem quer que o disse; não faças mal a quem quer que te ofenda. SWERT propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo condensado "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELSBÜCK e BRUOMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo quem nas interrogativas indiretas e ao indefinido quem" (Gramática Histórica, I, 114-115).

"Os velhos *que seguem as modas* presumem remoar com elas" (MARQUÊS DE MARICÁ).

"A ambição é um enredo *que nos enreda* por tôda a vida" (id.).

Não se fala aqui senão de um tipo de *velhos* e de *enredo*; as orações adjetivas delimitam ou definem melhor o antecedente.

- b) as *explicativas* encerram uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitidas sem prejuízo:

Afonso, *que está aqui*, ficará conosco por algum tempo.
Iracema, *que é um dos grandes livros de José de Alencar*, exalta a terra americana*.

A adjetiva restritiva ocorre freqüentemente quando o antecedente se apresenta como pertencendo a uma classe, depois de um superlativo ou de palavra de sentido restritivo (de natureza adjetiva e pronominal) como *todo, algum, nenhum, o, aquele*, etc.:

"A fortuna é cega somente para aqueles *que a não compreendem*" (MARQUÊS DE MARICÁ).

"A mocidade é um sonho *que deletta*, a velhice uma vigília *que incomoda*" (id.).

Quando a subordinada adjetiva explicativa é constituída de predicado nominal, pode transformar-se num apôsto explicativo:

Iracema, *que é um dos grandes livros de José de Alencar*, exalta a terra americana.

Iracema, *um dos grandes livros de José de Alencar*, exalta a terra americana.

* Não constitui verdade inteira aplicar-se às orações adjetivas restritivas e explicativas as antigas definições do adjetivo restritivo e explicativo, dizendo-se que adjetiva restritiva "indica qualidade acidental" e explicativa "indica qualidade essencial." Se a distinção é válida para O menino *que estuda aprende* ou O homem *que é mortal, deve corrigir-se*, que diremos de Afonso, *que veio aqui, procurou por você?*

As orações adjetivas explicativas separam-se do antecedente por forte pausa e aparecem normalmente com vírgula.

A oração adjetiva não assume apenas sentido qualificativo, mas pode ainda exprimir uma relação de *fim*, *condição*, *causa*, *conseqüência*, *concessão* ou *adversativa*:

"O general mandou parlamentares *que* pedissem tréguas" (ANTENOR NASCENTES, *Dificuldades de Análise Sintática*, 26).
 Tu, *que és* bom, deves ajudar-me nesta campanha (*que és bom = porque és bom*).
 "Com palavras soberbas o arrogante
 Despreza o fraco mção mal vestido
Que rodeando a funda o desengana
 Quanto mais pode a Fé que a força humana" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 111. Cf. o comentário de EPIFÂNIO DIAS: "a oração adjetiva tem sentido adversativo").

As vèzes não se traçam limites rigorosos para mais de uma interpretação.

13 — Subordinada adjetiva justaposta

Assim como as substantivas, também ocorrem as adjetivas justapostas, quando não há referência a antecedente algum. Na seguinte máxima do MARQUÊS DE MARCÁ a 1.^a oração adjetiva é justaposta e a 2.^a é iniciada por pronome relativo:

"Não vemos os defeitos *de quem amamos*, nem os primores *dos que aborrecemos*".
 Nem sempre conhecemos os segredos *de quantos nos cercam*.

14 — Funções sintáticas do conectivo das orações adjetivas

As orações adjetivas conectivas iniciam-se por pronome relativo *que*, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence*. Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" (MARQUÊS DE MARCÁ)

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? — *enganos* representados na oração subordinada pelo *que*): o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? — *desenganos*, representados na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que a *função sintática do pronome relativo nada tem que ver com a função do seu antecedente, mas é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence*.

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *cristir* é impessoal!) e os *quês* são *sujeitos*.

- a) *Que* — não precedido de preposição necessária — pode exercer as funções de *sujeito*, *objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).
 O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).
 Somos o *que* somos (*predicativo*).

- b) *Que* — precedido de preposição necessária — pode exercer as funções de *objeto indireto*, *adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*objeto indireto*).
 A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*adjunto adverbial de lugar*).
 A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).
 Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprêgo do pronome relativo precedido da preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconhecéis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconhecéis".

- c) *Quem* — sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas — só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Apresento-te o amigo a quem hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor a quem te referes (*objeto indireto*).

As companhias com quem andas são péssimas (*adjunto adverbial de companhia*).

O amigo por quem fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

- d) *Cujo (s), cuja (s)* — precedidos ou não de preposição — significam sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número:

O homem cuja casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro sobre cuja matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: Erros no emprego de *CUJO*

Constitui erro empregar *cujo*:

- como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais*:
Aqui está o livro cujo livro compramos (= o qual);
- precedido ou seguido de artigo:
Este é o autor a cuja obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).
Compramos os livros de cujos os autores nos esquecemos.

15 — Emprego de relativos

Em lugar de *em que, de que, a que*, nas referências a lugar, empregam-se respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial):

O colégio onde estudas é excelente.

A cidade donde vens tem fama de ter bom clima.

A praia aonde te diriges parece perigosa.

Modernamente os gramáticos têm tentado evitar o

uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a idéia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar onde estudas...

O lugar aonde vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros ou portugueses.

O *qual* — e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente — substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, o qual, habitando na ilha de Caez, dominava tôdas as ilhas daquele estreito" (HERCULANO, *Fragmentos*, 54).

Ao livro ninguém fez referência, o qual livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*:

"Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto da qual cidade destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" (HERCULANO, *História de Portugal*, I, 94, ed. 1853).

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que* ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual*, mas só ocorrem *apesar do qual*, *conforme o qual*, *segundo o qual*, *entre o qual*, *fora dos quais*, *perante os quais*, etc. A razão se deve ao movimento rítmico da frase e a

uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

15a — Posição do relativo

Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprêgo de *o qual*, de *e éste* ou se repete o antecedente:

"Arrastaram o saco para o paiol e o paiol ficou a deitar fora" (COELHO NETO, *Apólogos*, 12).

Poderia também dizer o autor:

Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
Arrastaram o saco para o paiol e *éste* ficou...

Note-se como CAMILO evita o equívoco nesta passagem:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dêle, como a borboleta é da chama..." (*Doze casamentos Felizes*, 18 apud M. BARRITO, *De Gramática*², 303).

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de JOÃO RIBEIRO:

"No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" (*Floresta de Exemplos*², 219).

Era comum nos clássicos:

"...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" (FR. HEITOR PINTO, *Imagem da Vida Cristã*, I, 178-9).

Por fim cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de VIEIRA:

"O padre Francisco Gonçalves, *provincial que* acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." (Pe. ANTÔNIO VIEIRA in *Antologia Nacional*, 289).

16 — Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido, Não façam a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei, que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.^a) e objeto direto (na 2.^a).

Esta construção é correta e corrente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.*

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora dêste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se êste pronome depois

* O fato ocorre também em francês, inglês, alemão e linguas escandinavas, conforme observa NRSOF, *Grammaire Historique*, VI, § 377 e RZMASQUZ: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem wate sagen, was ich glaube, dass du wünschest." (LESSING).

da expressão por êle determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições: "O jugo da obediência, para lhes impor o qual muitas vezes faltava a força"* (HERCULANO, *História de Portugal*, I, 244). Todavia evita-se esta construção quanto possível, e diz-se por ex.: *É problema para cuja resolução são necessárias duas condições*" (EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 367).

17 — O que, a que, os que, as que

No exemplo:

"De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" (MARQUÊS DE MARICÁ)

as orações adjetivas *que reclamam mais liberdade* e *que menos a merecem* referem-se aos pronomes demonstrativos *os* e *os*, respectivamente sujeito e predicativo da primeira oração:

- 1.^a oração — *principal*: de ordinário os (= aquêles) são os (= aquêles)
- 2.^a oração — *subordinada adjetiva restritiva*: que reclamam mais liberdade
- 3.^a oração — *subordinada adjetiva restritiva*: que menos a merecem.

Em

José partiu, o que deixou a casa triste

o pronome demonstrativo *o* é apôsto de toda a oração e se achá modificado pela oração adjetiva:

- 1.^a oração — *principal*: José partiu, o (= fato, coisa).
- 2.^a oração — *subordinada adjetiva restritiva*: que deixou a casa triste.

OBSERVAÇÃO 1.^a: Foge do plano de interpretação sintática o entender-se o *que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se E. CARLOS PEREIRA, *Gramática Expositiva*, § 510.

OBSERVAÇÃO 2.^a: Em lugar de o *que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "...depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar, *que* [= o que] foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou" (A. F. DE CASTILHO, *Livraria Clássica* — MANUEL BERNARDES, II, 278 *apud* M. BARRETO, *Através*, 139. Cf. ainda *De Gramática*², 234).

Com o *que*, a *que*, os *que*, as *que*, pode ocorrer uma preposição regendo o demonstrativo, o relativo ou ambos ao mesmo tempo:

- a) Gostei *do* | *que* disseste.
- b) Li o | *a que* vos referistes.
- c) O professor dissertou *sobre o* | *de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente dêste relativo:

Não sei *no que* pensas (por o em que).
"Agora já sabe a fidalga *no que* êle estraga dinheiro"
(CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 148).

Estas migrações de preposição para o antecedente do relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de RUI BARBOSA, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, os *a quem* tenho agravado, os *com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." (Oração aos Moços, 23).
"e daí, com estúpida mudança, começa a deixar ver o *a que* era destinada..." (Ibid., 36).
"Os meus serão os *a que* me julgo obrigado..." (Ibid., 61).

17a — O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o

relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é de que começemos, se por el-rei houvermos de esperar" (A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, I, 222).
 "No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que forma do estilo de Addison" (A. GARRETT, *Catão*, 35). *

18 — Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que*, *as que*, sendo o *a* pronome demonstrativo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as formas acentuadas *à que*, *às que*:

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* = *àquela que*).
 Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* = *àquelas que*).

É claro que se *o a* antes de *que* fôr apenas preposição não levará acento grave indicativo da crase:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

19 — Relativo universal

Freqüentes vêzes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento conectivo oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem *QUE* eu falei *COM ELE*

em vez de:

O homem *COM QUEM* (ou *COM QUE*) eu falei.

* Para estes e outros exemplos ver M. BARNETO, *Através*, 239-246.

A amizade é coisa *QUE* nem sempre sabemos *SEU SIGNIFICADO*

em vez de:

A amizade é coisa *CUJO SIGNIFICADO* nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento lingüístico extremamente prático". *

20 — Concordância com os relativos QUE e QUEM

Na oração adjetiva que tem o *que* como sujeito, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

Tu, *que fôste* premiado, deves dar a melhor contribuição (o pronome *tu* é sujeito de *deves dar a melhor contribuição*).
 Faziam referências *a mim que* não tinha nenhuma culpa no caso (*a mim* é objeto indireto de *faziam referências*).
 Passou *pelas ruas que* estavam em conserto (*pelas ruas* é adjunto adverbial de lugar de *passou*).
 "Ó *tu, que tens* de humano o gesto e o peito" (CAMÕES) (*ó tu* é vocativo).

Se o antecedente do *que* funciona como predicativo do verbo *ser*, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de *ser* ou *ir* para a 3.^a pessoa:

Tu és o aluno *que ganhaste* o prêmio
 ou
 Tu és o aluno *que ganhou* o prêmio.

"Sou eu o primeiro *que não sei* classificar este livro"
 (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 311).

Usamos a concordância com o sujeito de *ser* nas expressões do tipo *eu sou que*, *fui eu que*, *és tu que*, *fôste tu que*, etc.:

* NITROP, *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, pág. 330.

Não fui eu *que* contei as novidades.
Fomos nós *que* lemos o romance.

Ocorrendo o pronome *quem*, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.^a pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo:

Fui eu *quem* fez isso.
Fomos nós *quem* fez isso.

Pode, entretanto, haver a concordância com o antecedente de *quem*:

"És tu *quem* das rumor à quieta noite,
És tu *quem* das frescor à mansa brisa,
Quem das fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas" (GONÇALVES DIAS
apud SAM ALI, *Gramática Histórica*, II, 77).

21 — Observações finais:

- 1.^a) É freqüente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem*... *lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aquêles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem *quem* *lhe* dói a fazenda" (MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, I, 70).

Quem *lhe* dói a fazenda = a *quem* dói a fazenda.

"A Natureza, negando-se-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que* *lhe* tiram a merenda" (*Vários Tratados*, II, 354 apud MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*², 254).

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise,

- 2.^a) Não é costume repetir sob forma pronominal a função sintática expressa pelo relativo, como ocorre nos seguintes exemplos:

"(nome) *que* to dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flôres" (CASIMIRO DE ABRU, *Obras*, ed. de SOUSA DA SILVEIRA, pág. 29).
"o homem *que* se destina, ou *que* o destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-lettras e os clássicos" (ALMEIDA GARRETT, apud SOUSA DA SILVEIRA, *ibid.*).
"Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dição, com frase nova,
Que a *fez*, ou adotou a nossa idade" (PEDRO CORREIA
GARÇÃO apud SOUSA DA SILVEIRA, *ibid.*, 36).

- 3.^a) As vezes, o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *idéia* que êle traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas
Que eu já de muito longe favoreço" (CAMÔES, *Os Lusíadas*, IX, 38).

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, idéia que, ensinamos bem EPIFÂNIO DIAS, está contida no adjetivo *lusitânicas* (*Os Lusíadas*, II 171). *

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgraçoso é perfeitamente racional e belo — belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" (MACHADO DE ASSIS apud SOUSA DA SILVEIRA — artigo na *Revista de Filologia e de História*, I, 28)

que diz: "Quando leio êsse trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a idéia de *nós*, encerrada no

* O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum, est, quibus Sabini arma conjunxerant" (TITUS LÍVIO, 2, 53 apud MAURÍCIO EPIFÂNIO, *Gramática Latina*, § 317, d) Obs. 1.^a). Cf. ainda M. BARRETO, *Através*, 25.

adjetivo *nossa*. Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest" (CÍCERO pro Sall. 28 *apud* MADVIG, *Gramática Latina*, § 317, a).

22 — Tipos de oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, quando terminam as aulas
(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais conectivas iniciam-se pelas conjunções subordinativas adverbiais que são:

- 1) *causais*: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque*, *como* (= porque), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque* precisou ir à cidade.
Como *está chovendo*, transferiremos o passeio.
Desde que *assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES: 1 — Evite-se o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2 — A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

- 2) *comparativas*: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qua-

lidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida". *

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, re-vertem logo" (MARQUÊS DE MARICÁ).

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos". **

Há três tipos de comparação quantitativa:

- a) *igualdade*, introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nada conserva e resguarda *tanto a vida como a virtude*" (MARQUÊS DE MARICÁ).

- b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que* muitos, porém nunca tanto como todos" (id.).

- c) *inferioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (id.).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

* MATOSO CÂMARA JR., *Gramática*, II, 48.

** MATOSO CÂMARA JR., *ibid.*

Os importunos são como as moscas são...
 Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude
conserva e resguarda...
 Um homem pode saber mais do que muitos sabem...
 O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda dura
 menos que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro
dura omitido não está em oração comparativa).
 Ocorre a presença do verbo em:
 "Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais em-
 perrado e mais doméstico do que é teu amor-próprio"
 (M. BERNARDES, *Luz e Calor*, 213).

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem e mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor e pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios):

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" (MARQUÊS DE MANTOÁ).
 "Não há escravidão *pior* que a dos vícios e paixões" (id.).
 "Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" (id.).
 "Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" (id.).
 "Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" (id.).

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande, etc.*), em vez dos sintéticos (*melhor, maior, etc.*):

Ele é mais grande do que pequeno e não Ele é maior do que menor.

Para evitar confusões de sentido, usam-se as conjunções comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito, e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição):

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).
 Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" (ALEXANDRE HERCULANO apud MÁRIO BARRETO, *Fatos da Língua Portuguesa*, 2.^a ed., 172).

Para realçarmos a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* podemos usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bóbo*, 255). Entenda-se: a luz do dia parecia dobrar para afagar...
 "Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." (id., *Cartas*, I, 19).
 Nota — *Como que*, neste caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como* orvalho do céu.
 Aproximou-se dele *uma como* visão fantástica.
 Nota — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeu *como se* acordasse sobressaltado" (RIBELLO DA SILVA, *Contos e Lendas*, 174). Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÃO: A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira comparativa e a segunda condicional: O velho fidalgo estremeceu *como* estremeceria se acordasse sobressaltado.

Em vez de *como, do mesmo modo que, tanto como*, empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* nos sugere uma idéia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia ao campo.
Preferia estudar a não fazer nada.

A aproximação de *preferir a querer mais e querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

- a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou Prefiro mais...

- b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelas conjunções comparativas *que* ou *do que*:

Prefiro a praia do que o campo.
Preferia estudar do que não fazer nada.
Preferiam mais mentir do que dizer verdade.

ALUÍSIO AZEVEDO poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o erro no seguinte trecho de *O Coruja*:

"E que, no caso de erro, é preferível sempre nos enganarmos contra, do que a favor de quem quer que seja...?" (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da expressão *antes preferir* do seguinte exemplo do MARQUÊS DE MARICÁ:

"Ninguém quer passar por tolo, antes prefere parecer velho" (*Máximas*).

- 3) *concessivas*: quando a subordinada exprime que um obstáculo — real ou suposto — não

impedirá ou modificará, de modo algum, a declaração da oração principal — *ainda que*, *embora*, *pôsto que*, *se bem que*, *conquanto*, etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" (MARQUÊS DE MARICÁ).

Ao lado destas concessivas comuns, empregamos ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" (SAID ALI):

Por *inteligente que seja*, encontrará dificuldades em entender o problema.
Por *mais que estude*, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que*, *por menos... que*, *por muito... que*, onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais*, *menos*, *muito*.

Em vez de *ainda que*, *ainda quando*, podemos empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com o verbo no subjuntivo, exprimem a idéia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.
E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos para comprovar que só enunciarei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, damos preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam*, merecem a nossa consideração.
 Aquêles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.
Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante* ou equivalente) que serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a idéia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, todavia ficarei.
Embora não me queiram acompanhar, ainda assim não deixarei de ir à festa.

Tais expressões memorativas pertencem ao grupo dos *advérbios de oração* estudados na lição 7.^a, § 19.

Pensamentos concessivos podem vir iniciados por conjunções alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.
Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relêvo.

- 4) *condicionais*: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

- a) *falando-se do presente*:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

- b) *falando-se do passado*:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usamos na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou repetimos o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usamos na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregamos o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio*, a linguagem coloquial realça a idéia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio*.

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as idéias de *hipótese, eventualidade, concessão, tempo*, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre êsses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação; o *que não* (= *sem que*) flutua entre a condição e o tempo freqüentativo (repetido) em: *Não lê que não cometa vários enganos; o quer... quer (ou... ou, etc.)* é um misto de concessão

e condição (Cf. por exemplo as ponderações do Prof. JOSÉ OTTICICA, no *Manual de Análise*, págs. 64-6), e tantos outros casos que fogem à alçada de um compêndio escolar como este. *

- 5) *conformativas*: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante*:

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.
Todos precederam *conforme exigia* o ocasião.

- 6) *consecutivas*: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pela conjunção *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho*, termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde*.
Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada*.
É feio *que mete medo* (= é tão feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso servimo-nos, na oração principal, das expressões *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*: convenceu-se *de tal maneira*, que surpreendeu a todos. **

Estando completo o sentido da primeira oração, empregamos as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira*

* Cf. E. BRONARA, *Pensamento Concessivo*, 9-18.

** Pode ainda aqui faltar o *tal*:

Palaste de modo que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

que, de sorte que, de forma que, de modo que, como locuções conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada como coordenada conclusiva:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa colocação*.
O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada*.

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto-e-vírgula ou por ponto, valendo assim a expressão conjuntiva por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, conseqüentemente, daí*:

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que elas devem ser aproveitadas inteligentemente*.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar os campos da subordinada consecutiva e da coordenada conclusiva, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes sentidos com outros, como, por exemplo, a idéia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar dois erros freqüentes com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo):

- 1) pôr no plural o substantivo nas locuções de *maneira que, de modo que, etc.*, dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente, *de maneiras que não pude vê-lo*.
Estudou *de formas que conseguiu aprender*.

- 2) substituir as locuções *de maneira que*, *de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, por *de maneira a*, *de modo a*, etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa à oração consecutiva uma idéia subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser elogiado pelo patrão*.
Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar*.

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção da frase, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados, ponho a construção acima referida *de modo a*, *de maneira a* + infinitivo. Com tais fórmulas, realmente procuramos traduzir uma consecutiva intencional. Em vez de: *Estudou de modo a poder passar* prefere-se: *Estudou de modo (a) que passasse*.

Prêsa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais*, *demasiado*, *muito* (= *assaz*, *bastante*, *demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para* + infinitivo, para indicar a idéia de proporção ou desproporção:

"É *demasiado esperto para que caia em tal*, equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" (EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 395).

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português aponta o fato como imitação do francês; creio, entretanto, que o problema exige uma revisão.

- 7) *finalis*: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que*, *a fim de que*, *porque* (= *para que*), * *que* (= *para que*):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio*.
Reclamou *a fim de que o nomeassem*.
Trabalhou *porque fosse promovido*.
Falta pouco *que isto suceda*.

Abreviadamente usa-se de *não* + subjuntivo com o valor de *para que não*, *de modo que não*, quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" (ANTÔNIO FERREIRA, Castro, vv. 770-773 apud SOUSA DA SILVEIRA, *Lições* § 485-a).

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma idéia final: "Deixa-o amaldiçoar (Ihes disse), *por se* acaso se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." (M. BERNARDES, *Nova Floresta*, III, 51 apud M. BARRETO, *Através*, 227).
Por se acaso compadece = *para ver se acaso compadece*.

- 8) *proporcionais*: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do que se declara na principal — *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, *tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais*, etc.:

À medida que a idade chega a nossa experiência aumenta.
Aprendia à proporção que lia o livro.
Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

* Hoje raro.

OBSERVAÇÃO: A locução *ao passo* que pode ser empregada sem idéia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e consequentemente faz andar a civilização" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 260).

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

- 9) *temporais*: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais conjunções e locuções conjuntivas temporais são:

- a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saia *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." (RUI BARBOSA).

- b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando*:

Saia *depois que* ele chegou.

- c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que*:

Saia *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." (A. ARINOS, *Pelo Sertão*, 183).

- d) para o tempo freqüentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *tôdas as vêzes que, (de) cada vez que, sempre que*:

Tôdas as vêzes que saio de casa, encontro-o à esquina. *Quando o vejo*, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *tôdas as vêzes em que*.

- e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"...e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (CONTADOR DE ARGOTE, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÃO: 1 — *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste interim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente *entretanto* passou a valer por uma conjunção adversativa, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no: no entretanto*. Muitos puristas não aprovam esta última construção.

OBSERVAÇÃO: 2 — A rigor, as conjunções proporcionais também indicam tempo concomitante: por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *proporcionais*, enquanto outros incluem as *proporcionais* nas *concomitantes*, fazendo destas classe à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

- f) para o tempo terminal: *até que*:

Brincou *até que* fôsse repreendido.

Assume valor de conjunção temporal o *que* posposto a expressões que designam desde que época um fato acontece: *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que, etc.*:

Agora, *que* conseguí aprender a lição, passarei adiante. Esta foi a última vez *que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e a conjunção (*agora que, então que, etc.*), estabelece-se uma unidade de sentido semelhante ao que existe em *depois que, etc.*, e se pode passar a considerar o todo como locução conjuntiva:

Agora que tudo está certo vou embora.

1.^a oração — *subordinada adverbial temporal*: agora que tudo está certo

2.^a oração — *principal*: vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar a palavra *que* depois de expressões que denotam desde que tempo uma coisa acontece, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquêle dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (há dias que, faz dias que) a conjunção *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante) * adquiriu, por contacto, a idéia de tempo, com o valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.
Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Nestes casos, a análise sintática se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento lingüístico. Considerar o *que* conjunção temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.^a oração — *principal*: Há quatro dias

2.^a oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo. **

* Cf. LÖPSTEDT, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, 56 e ss.; NORSBERG, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittelalters*, 239; SVENNING, *Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach- und Volkssprache*, 505, n.º 4. MAXIMINO MACIEL, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120; MÁRIO BARRETO, *Estudos de Língua Portuguesa*, 93 e ss. MARTINS DE AQUINO (em carta particular), CÂNONO JUCK (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91, KURY (Pequena Gramática) consideram a oração de *fazer* como subjetiva.

** Assim fazem os mestres SAID ALI e EPIFÂNIO DIAS.

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, como fazem os autores patricios lembrados na primeira nota.

Cremos, também, ser bom caminho considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa*, relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por conectivo, será considerada justaposta:

1.^a oração — *subordinada adverbial temporal justaposta*: Há quatro dias

2.^a oração — *principal*: (que) não o vejo. *

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÃO 1.^a — Empregam-se como substantivos *há muito*, *há pouco*, *há tantos anos*, etc., que, precedidas da preposição *de*, valem como adjetivos (adjuntos adnominais):

Um testamento *de há cem anos*.
Modas *de há trinta anos*.
Meninos *de há pouco*. **

* Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de gramaticalização, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, MAXIMINO MACIEL nos ensina a respeito deste último verbo:

"Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, n.º 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, págs. 343 e 395.

** EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 423 e MÁRIO BARRETO, *Novíssimos Estudos*, 158 e ss.

OBSERVAÇÃO 2.^a — A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco*, assinala melhor a idéia temporal. ADOLFO COELHO considera, sem razão, viciosa a linguagem de *há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão freqüente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (para cá, até hoje), *de ontem, de muito*" (*A Língua Portuguesa*, I, pág. 82, 3.^a ed.).

OBSERVAÇÃO 3.^a — Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e EPIFÂNIO DIAS as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* (*Sintaxe Histórica*, § 182). JÚLIO MOREIRA (*Estudos da Língua Portuguesa*, II, 68) e com ele MÁRIO BARRERO (*Novíssimos Estudos*, pág. 230 e ss. da 2.^a ed.) explicam o fenómeno por cruzamento sintático das duas expressões: *quando foi a vez dele* e *da vez dele*, de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda a *quando de* (a *quando da vez dele*), onde EPIFÂNIO DIAS vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid.*). Preferimos a explicação de JÚLIO MOREIRA por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

OBSERVAÇÃO 4.^a — Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este carácter pronominal em certos casos hoje se prefere *em que* ao *simples que* da linguagem antiga" (SARA ALI, *Gramática Secundária*, pág. 197 da 4.^a ed.). Dá-se com freqüência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que*, *ao tempo que*, mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprêgo de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *tôdas as vêzes em que*. Prefira-se *tôdas as vêzes que* ou *em tôdas as vêzes em que* (ou simplesmente *que*).

OBSERVAÇÃO 5.^a — O verbo *haver* (*HA*) e a preposição *A* em sentido temporal.

Atente-se no emprêgo correto destas duas formas. *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e *a*, preposição, a tempo no futuro:

Há três dias não o vejo.
Daqui a três dias o verei.
Este produto é famoso há mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:
Estamos a cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de*, onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou a *cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).
Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a*:

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado* (*s*) que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*
Há três dias passados ou *Há três dias.*

- 10) *modais* (não arroladas pela *Nomenclatura* oficial): quando a oração subordinada denota o modo da oração expressa na principal: *sem que*:

Saiu *sem que* chamasse seus colegas.

23 — Análise de SEM QUE

De modo geral, os compêndios têm cômodamente enquadrado a locução *sem que* no grupo das conjunções condicionais. A verdade é que a locução assume variados sentidos, entre os quais lembrarei:

- 1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

- 2) nega uma *conseqüência* (subordinada consecutiva):

Saiu *sem que fosse percebido*.

- 3) exprime uma *conseqüência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (tôdas as vêzes que brinca acaba chorando).

- 4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba*, por tôdas essas coisas erradas.

- 5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho pedissem*).

- 6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da idéia de modo (subordinada modal):

Cavalejou *sem que dissesse uma palavra*.
Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento*.
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas*.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* entretanto desprezou as tradicionais orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem* + *infinitivo*:

Saiu *sem ser percebido*.
Estes foram os melhores teatrólogos da época, *sem falar em Machado de Assis e Franklin Távora*, mais illustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de sentido negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a *conseqüência* se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando*.
Não brinca *que não acabe chorando*.
"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*"
(GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, II, 255).

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. ALFREDO GOMES, *Gramática Portuguesa*, 19.^a ed., pág. 420 e MÁRIO BARRETO, *Fatos da Língua Portuguesa*, 48-9.

23a — QUE depois de advérbio ou conjunção

Muitas vêzes emprega-se *que* depois de advérbio ou conjunção onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que*, *apenas que*, *felizmente que*, *oxalá que*, *quase que*, *enquanto que*, *embora que*:

"Assim, sem mais preâmbulos,
e apenas *que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" (A. F. DE CASTILHO, *Sonho de Uma Noite*, 96 apud M. BARRETO, *Novos Estudos*², 176).
"Mas eu creio *que* Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava de veras o chão..." (M. DE ASSIS, *Dom Casmurro*, 130 apud M. BARRETO, *ibid.*, 177).

Sem forte razão os puristas têm condenado tais modos de dizer.

24 — Orações subordinadas adverbiais justapostas

Os seguintes tipos de oração subordinada adverbial não se ligam à sua principal por meio de conectivo, sendo, por isso, justapostas:

- a) *agente da passiva*: Fomos enganados *por quem não esperávamos*.
- b) *concessivas*: tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que fôr, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como fôr*, etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.
Saíremos, *aconteça o que acontecer*.

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

- c) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.
Não *fôra* a escuridão, veria o perigo.
"Eu *quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" (J. GUILMARÊS ROSA, *Sagarana*, 97).

Em tais casos, a oração principal pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e* não me dariam o prêmio.
Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

- d) *locativas* *: iniciadas pelo advérbio *onde* (*para onde, donde, aonde*), sem nenhuma referência a antecedente:

* Cf. OLMAR GUTERRES, *Orações Subordinadas sem Conectivo*, 22.

"Onde me espetam, fico" (MACHADO DE ASSIS).
Dirigiu-se *para onde estávamos*.

- e) *temporais*:

Há dias não o encontro.
Chegara àquela cidade *havia pouco*.
Não lhe escrevia *fazia meses*.

- f) *finais*:

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te ouça mais falar*"
(GARRETT, *Romanceiro*, II, 83).
"Mudemos, porém, de tecla, *não vá alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas*" (C. DE FIGUEIREDO, *apud* M. BARRETO, *Últimos Estudos*, 321).

25 — Uso da vírgula na oração subordinada adverbial

Separa-se, normalmente, por vírgula a oração subordinada adverbial nos seguintes casos:

- a) quando a subordinada vem enunciada antes de sua principal:

"*Depois que anoiteceu*, foi fechado o trânsito pelas ruas que o rodellam" (RAUL POMPEIA).
Como todos se retirassem, acabou a festa.

- b) quando a subordinada vem enunciada depois de sua principal que tem certa extensão:

"Bastante tempo se passou depois deste incidente, *antes que de novo fosse alterada a monotonia do sossego da noite*" (RAUL POMPEIA).

Não há regras fixas para o cálculo da extensão das orações, de modo que se pode encontrar sem vírgula um trecho como este:

"Todos se tinham pôsto em pé *quando el-rei se erguera*..."
(ALEXANDRE HERCULANO).

- c) quando a oração adverbial se intercala na sua principal:

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se..." (ALEXANDRE HERCULANO).

26 — Composição do período

O período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e intercaladas) e dependentes (subordinadas):

- a) *coordenada e subordinada:*

"Todos se tinham pôsto em pé quando el-rei se erguera, e esperavam ansiosos o que diria o velho" (ALEXANDRE HERCULANO).

- 1.^a oração — *principal de 1.^a categoria:*

Todos se tinham pôsto em pé

- 2.^a oração — *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera

- 3.^a oração — *coordenada à principal e principal de 2.^a categoria:*

e esperavam ansiosos o

- 4.^a oração — *subordinada adjetiva restritiva:*

que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade nossa o achar mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *que diria o velho* funciona como adjunto adnominal do objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.^a categoria, de 2.^a categoria, etc.*, já se acham nas excelentes

noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a tradicional *Antologia Nacional*, devidas a FAUSTO BARRETO.

- b) *intercalada e subordinada:*

"Lembrai-vos, cavaleiro — disse êle — de que falais com D. João I" (ALEXANDRE HERCULANO).

- 1.^a oração — *principal:*

Lembrai-vos, cavaleiro

- 2.^a oração — *intercalada justaposta de citação:*

disse êle

- 3.^a oração — *subordinada substantiva objetiva indireta:*

de que falais com D. João I.

- c) *coordenada e intercalada:*

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! — atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (REÍS DA SILVA).

- 1.^a oração — *coordenada:*

El-rei manda nos vivos

- 2.^a oração — *coordenada aditiva:*

e eu vou morrer!

- 3.^a oração — *intercalada justaposta de citação:*

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

- d) *coordenada, intercalada e subordinada:*

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (PE. MANUEL BERNARDES).

- 1.^a oração — *coordenada:*

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o vôo

2.^a oração — *intercalada justaposta de citação:*

disse então aquela cotovia astuta

3.^a oração — *coordenada aditiva:*

e mudemos a casa

OBSERVAÇÃO: Seria principal da 1.^a categoria, se considerássemos a seguinte *subordinada causal*.

4.^a oração — *coordenada explicativa e principal:*

que vem

OBSERVAÇÃO: Seria principal de 2.^a categoria, se a considerássemos *subordinada causal*.

5.^a oração — *subordinada substantiva subjetiva justaposta:*

quem lhe dói a fazenda.

NOTA: Quanto a quem...lhe veja o que se disse na página 153, § 21, Obs. 1.^a.

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos mistos.

27 — *Decorrencia de subordinados*

Vimos que oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de oração. Ora, no período, mais de uma oração — qualquer que seja o seu valor sintático — pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.^a principal pede a oração subordinada objetiva direta se *José disse*, que, por sua vez, pede a terceira

que viria hoje. Assim sendo, a 2.^a oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.^a e principal em relação à 3.^a:

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.^a categoria*, de *2.^a categoria*, de *3.^a categoria*, etc.:

1.^a oração — *principal de 1.^a categoria:*

Não sei

2.^a oração — *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.^a categoria* (em relação à seguinte):

se José disse

3.^a oração — *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

- a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*
- b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me diga se vai embora (indicativo e subjuntivo).

- c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos, coordenativos ou subordinativos:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." (MACHADO DE ASSIS).

A oração coordenada aditiva e consente é também principal da subordinada que vá acima, pois esta lhe serve de objeto direto.

28 — Concorrência de subordinadas: oração equípolete

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (objetiva direta)
e
que sejas feliz (objetiva direta)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se as orações exercem a mesma função, elas estarão coordenadas entre si, porque a coordenação se dá com expressões do mesmo valor.

No exemplo dado, a 3.^a oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: é coordenada em relação à 2.^a (porque são do mesmo valor) e subordinada em relação à principal (espero), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (ordenada à anterior e subordinada à principal), dizemos apenas que a 3.^a oração é equípolete à 2.^a oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A equípolete pode ser:

a) substantiva:

Espero que estudes e que sejas feliz.

b) adjetiva:

O livro que li e que lhe devolvi é ótimo.

c) adverbial:

Quando chegou e quando me disse o ocorrido, não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o conectivo subordinativo da oração equípolete (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes e sejas feliz.
O livro que li e lhe devolvi é ótimo.
Quando chegou e me disse o ocorrido, não acreditei.
Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte: "Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, a que cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" (M. DE ASSIS, *Memorial de Aires*, 37 apud M. BARRETO, *Últimos Estudos*², 102. Cf. ainda EPIFÂNIO, *Sint. Histórica*, § 375, c).

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equípolentes uma conjunção adverbial simples (geralmente quando e como) por meio da conjunção que: *

Quando chegou e que me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a conjunção anterior, ou se omite: quando chegou e (quando) me disse...

Se se trata, porém, de locução conjuntiva, é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o que:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e que me disse o ocorrido...

* Este emprêgo de que é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equípolentes:

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, que assista ao almoço e ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete" (MACHADO DE ASSIS).

1.^a oração — *coordenada*:

Rubião passa muitas horas fora de casa

2.^a oração — *coordenada adversativa*:

mas não o trata mal

3.^a oração — *coordenada aditiva e principal*:

e consente

4.^a oração — *subordinada substantiva objetiva direta*:

que vá acima

5.^a oração — *equípolente à 4.^a, justaposta*:

que assista ao almoço ou ao jantar

6.^a oração — *equípolente à 5.^a, justaposta*:

que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

29 — Concorrência de termo + oração

As vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

"conheci a violência das suas paixões e que a do clúme devia ser terrível naquele coração" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bôbo*, 119).

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do clú-*

me devia ser terrível naquele coração, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de MACHADO DE ASSIS (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 242):

"Virgília tragou raivosa esse malôgro, e disse-mo com certa cautela, não pela coisa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela coisa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham coordenadas pela série *não...senão*.

Orações reduzidas. Reduzidas coordenadas e subordinadas. Subordinadas reduzidas: substantivas, adjetivas e adverbiais. Suas vantagens estilísticas. O emprêgo de preposições nas orações reduzidas. Orações reduzidas fixas. O emprêgo de pronomes oblíquos como sujeito de infinitivo: fatos sintáticos daí decorrentes. As construções PEDIR PARA, PARA EU FAZER. A posição do sujeito nas orações reduzidas. A construção É DA GENTE RIR. Reduzidas decorrentes e concorrentes. A constituição da locução verbal: tipos de auxiliar. Emprêgo do infinitivo flexionado e sem flexão. Colocação de pronomes átonos.

1 — Que é oração reduzida

Em

Estuda agora, porque, quando o verão chegar, entraremos de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*) * e no indicativo (*entraremos*).

* O aluno deve distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo; esse aparece nas orações iniciadas por *quando* e *se*, de

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão;
quando o verão chegar = chegando o verão;
quando o verão chegar = chegado o verão.

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão*, *chegando o verão* e *chegado o verão*, são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, êste último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

NOTA SOBRE NOMENCLATURA GRAMATICAL

Há duas corretas maneiras de se conceituar a oração reduzida, que divergem radicalmente. A primeira considera *reduzida* toda oração que tenha infinitivo, gerúndio e particípio, independentes de uma locução verbal ou de certas construções de infinitivo substantivado ou qualificativo como *recordar é viver*, *sala de jantar*. Esta é a opinião seguida pela maioria de nossos mestres. A segunda, levando em conta o problema histórico, considera dois empregos das formas nominais: um como *nome* e outro como *verbo*. Assim sendo, não há *adjetivas reduzidas de particípio* porque êste assume aí valor nominal, nem *oração de gerúndio* com idéia de *modo*, *meio* e *instrumento*, porque também estas assumem valor nominal, representantes que são do ablativo de gerúndio que, como sabemos, foi o único caso desta forma a persistir no português.

sentido temporal ou condicional. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo: "Se do céu, onde estais, abaterdes os olhos e os puserdes em Amaranthe..." (VIZINA, *Sermões*, 7, VII, 294 apud *Antologia Nacional*, ed. antiga).

ADOLFO COELHO é dêste parecer quando nos ensina: "Os participios passivos só constituem proposição quando não estão ligados a um substantivo (ou expressão equivalente) duma proposição que tem verbo próprio, e tem portanto sujeito próprio; no caso contrário são simples atributos [adj. adnominal], como nos seguintes exemplos: *As obras escritas por Camões são o maior tesouro dos portugueses. D. Afonso Henriques, ajudado por uma armada de cruzados, conquistou Lisboa*". E mais adiante: "O... gerúndio referido a um substantivo (ou expressão equivalente) de proposição que tem verbo próprio deve ser considerado como complemento circunstancial [adj. adverbial], ex.: *O Nilo fertiliza os campos do Egito, inundando-os*" (= com inundá-los, adj. adv. de meio) (*Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, 121).

Nos modelos de análise que EPIFÂNIO DIAS nos oferece e que transcrevo no *Apêndice II*, pode o professor ver a orientação que dava o mestre no tocante às orações reduzidas. GLADSTONE CHAVES DE MELO (*Nôvo Manual*, 118 e ss.) é de opinião que "não devemos falar em orações reduzidas", fazendo entretanto certas concessões para o gerúndio que denota tempo posterior e efeito de uma causa (pág. 122). Há ainda os que seguem a opinião tradicional a que acima aludi, excetuado o caso do gerúndio modal de verbo intransitivo, quando preferem ver simples adjunto adverbial.

Dentro desta diversidade de doutrina, preferi adotar neste livro o critério tradicional que, além de um padrão de coerência, apresenta, sem dúvida, maior comodidade didática.

OBSERVAÇÃO 1.ª: Havendo uma locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de

participio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar*.

OBSERVAÇÃO 2.ª: A oração reduzida também não é encabeçada por conectivo; mas é preciso acentuar que nem toda oração desprovida de conectivo é reduzida, uma vez que esse conectivo pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz*. Em ambos os exemplos, a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e participio*.

OBSERVAÇÃO 3.ª: A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as formas nominais do verbo, desfazendo uma sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões.

1ª — Orações reduzidas coordenadas

Até aqui vimos exemplos de subordinadas reduzidas, mas existem ainda coordenadas que se podem apresentar com o seu verbo na forma nominal. Entre as coordenadas reduzidas lembremos:

- a) de *gerúndio*, quando exprime um fato imediato e equivale a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

- b) de *infinitivo*, quando exprime uma adição enfática, precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" (CAMILLO, *A Queda dum Anjo*, 108) (*sobre ser* = além de ser; a fumarada do charuto dava solidez e era purificante).

2 — O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são na maioria subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações de-

desenvolvidas.* O emprêgo de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gôsto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros conectivos, enfim, elegante.**

Vejamos os seguintes exemplos:

- a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado*.
- b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.
- c) *Chovendo* não sairei = *se chover* não sairei.
- d) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa* retirou-se.

Êstes desdobramentos são meros artificios que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado* que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta*.

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover* não sairei
se chover: *subordinada adverbial condicional*.

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

* Com razão insiste ADELRO COELHO, *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, 121, nota:

"Não deve nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

** Leta-se a respeito o cap. XI dos *Novos Estudos*, de MÁRIO BARRETO.

- e) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal*.

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participial*).

3 — Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjativa*:

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" (MACHADO DE ASSIS, *Memória Póstuma de Brás Cubas*, 208).

b) *objetiva direta*:

"...como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta*" (LATINO COELHO *apud* *Seleta Nacional*, 38).

c) *objetiva indireta*:

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal a *tentar uma expedição para aquê lado*" (ALEXANDRE HERCULANO *apud* *Fragmentos*, 148).

d) *predicativa*:

"O primeiro ímpeto de Luisa foi *atirar-se-lhe aos braços*, mas não se atreveu" (MENDES LEAL *apud* *Seleta Nacional*, 31).

e) *apositiva*:

"Dois meios havia em seguir esta empresa: ou *atacar com a armada por mar*, ou *marchar o exército por terra e sitiá-la naquela cidade*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 69).

f) *completiva nominal*:

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 145).

OBSERVAÇÃO 1.ª Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria de a deixar sem prêmio" (ALMEIDA GARRETT, *Camões*, pág. 122 da 5.ª ed.).

"mas não era assaz difícil de reconhecer um cadáver coberto de feridas..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 72).

"Custou-lhe muito a accitar a casa" (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 194).

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu de voltar hoje às três horas" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 118).

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio de me não intrometer..." (ALMEIDA GARRETT, *Tio Simplicio*, 173 apud MÁRIO BARRETO, *Novíssimos Estudos*, pág. 212 da 2.ª ed.).

OBSERVAÇÃO 2.ª Não raro também a oração substantiva reduzida do infinitivo vem precedida de artigo ou pronome demonstrativo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"o haver de marchar em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era consideração muito grave..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 69).

"Daí nasce o trabalharem os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" (id., *ibid.*, 145).

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses o reconquistá-la" (id., *ibid.*, 62).

4 — Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo*:

"O orador lhavo não era homem de se dar assim por derrotado" (ALMEIDA GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, 14 apud EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica*, § 308).

Está marcada a festa a realizar-se na próxima semana.

OBSERVAÇÃO 1.ª: "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de a (v. g.: livros a consultar) em vez de uma oração relativa (v. g.: livros que se não de consultar), ou de um infinitivo precedido de para (v. g.: roupa para consertar), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria:

Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" (ALEXANDRE HERCULANO, *Opúsculos*, IV, 177) (EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica* § 304). Cf. MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, 490, 515).

OBSERVAÇÃO 2.ª: Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição a depois de adjetivos como primeiro, único, último, derradeiro, além dos numerais ordinais. Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição em, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: o primeiro em fazer ou o primeiro que fez, e não o primeiro a fazer. EPIFÂNIO DIAS, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 299), no que concordo com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome*:

1) uma atividade passageira:

"Foi banhado em azeite e pez fervendo" (MANUEL BERNARDES apud SAIB ALI, *op. laud.*).

"A costa (= costela) de que se havia de formar Eva a tirou Deus a Adão dormindo, e não acordado..." (ANTÔNIO VIENA apud *Seleta Nacional*, 336).

"...cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão ribombando no vale" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bôbo*, 218, ed. de 1878).

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da môça, trajando garridamente um vestido fino..." (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 260).

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a idéia de tempo transitório muito acentuada, "servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação". *Pez fervendo é pez que naquele momento fervia ou fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas cir-

cunståncias, por uma expressõo formada de preposiçõo *a* + *infinitivo*: *pez a ferver*:

"Tambem algumas vizes foram dar com ela *a abraçar a cadelinha*" (MENDES LEAL *apud Seleta Nacional*, 32).

- 2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas (SAID ALI):

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquêlo que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformaçõo" (LATINO COELHO, *História Política e Militar de Portugal*, I, 288).

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de sêda que não fôssem pretas, e decreto de 2 de agôsto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II..." (id., *ibid.*, 298).

"Algumas comédias havia com êste nome *contendo* argumentos mais sólidos" (FRANCISCO JOSÉ FREIRE *apud SAID ALI, Gramática Secundária*, 249).

Êstes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprêgo do gerúndio * corre vitorioso na língua culta-portuguêsa, desde longos anos, dando-nos a impressõo de se tratar de uma evoluçõo normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam êste uso como galicismo: EPIFÂNIO DIAS, JÚLIO MOREIRA, LEITE DE VASCONCELOS, MÁRIO BARRETO, entre outros. Defendem-no OTONIEL MOTA, SAID ALI, EDUARDO CARLOS PEREIRA, CLÁUDIO BRANDÃO, entre outros.

Para os que têm a expressõo como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oraçõo adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposiçõo conveniente:

* CLÁUDIO BRANDÃO, *O Participio Presente*, 52; SAID ALI, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, II, 151 e ss.

Livro *contendô* gravuras
passaria a
Livro *que contém* gravuras
ou
Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construçõo vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gôsto. Em muitos casos, como bem pondera RODRIGUES LAPA, "não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oraçõo relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dêle, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever". *

c) *participio*:

"Os anais ensangüentados da humanidade estão cheios de facinoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratiçõo injuriosa de mulheres muito amadas, e *perversíssimas*" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 120).

"Não ouvia os instantes *perdidos* (= que se perderam, que foram perdidos), mas os minutos *ganhados* (= que se ganharam, que foram ganhos)" (M. DE ASSIS, *Memórias Póstumas*, 155).

5 — Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

- A) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposiçõo adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposiçõo ou locuçõo prepositiva por uma conjunçõo conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de tôda conveniêcia conhecermos as

* *Estilística*, 227.

principais preposições que correspondem a conjunções subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adentra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as conjunções *causais* temos:

a) *com*:

"Porém, deixando o coração cativo,
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me traidor..." (S. RITA DUNÃO, *Caramuru*, c. VI).

com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

"Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade" (LATINO COELHO *apud Seleta Nacional*, 38).

"Senhor, disse o velho, tenho grande contentamento *em a estar plantando*, sem inquirir se serei eu ou outros depois de mim quem lhe colherá os frutos" (id., *ibid.*).

em estar a plantar = porque está a plantar;
em a estar plantando = porque a está plantando.

c) *por*:

"...é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" (SILVA RAMOS, *Revista de Cultura*, n.º 1, pág. 22).

d) *visto*:

"Desejava vingar-se por arte, *visto não poder fazê-lo por força*, como lhe pedia o ânimo" (FR. LUIS DE SOUSA *apud Dicionário Contemporâneo*, s. v.). *

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, etc.*:

"A *força de se tornar trivial*, esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de o ser para muitos" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 159).

2) para as conjunções *concessivas*:

a) *com*:

"...ele só, *com trabalhar mais* que todos, sofria desasombradamente tôdas as incomodidades..." (FR. LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, 95, ed. de 1818, vol. I).

com trabalhar = embora trabalhasse.

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a concessão:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que coplavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avas-saladoras" (LATINO COELHO *apud Antologia Nacional*, 215).

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai*.

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, e do duque *haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" (RÊMULO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 96).

3) para as conjunções *condicionais* (e *hipotéticas*):

a) *a*:

* Falando-se com rigor, funciona como sujeito de um participio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante, visto, posto, etc.* Cf. BRIZÂNIO, *Sintaxe Histórica*, § 288 a) e E. BUCHANA, *Estudos*, 35 e ss.

"...houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo, que a *ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 83). *

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"...depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, a repetir: — Isto, isto — e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 209). **

b) *sem*:

Não sairá *sem* apresentar os exercícios.

4) para a conjunção *consecutiva*: *de*:

É feio *de* meter medo.

5) para as conjunções *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se a falar ao imperador..." (RAUL POMPEIA apud *Antologia Nacional*, 145).

OBSERVAÇÃO 1.ª: O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição:

"Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 92).

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permiti-

* Melhor fóra pontuar: que, a *ser verdadeiro*, devia...

** Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. CARNEIRO RIBEIRO (*Sermões Gramaticais*, pág. 454 da 5.ª ed.), embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cómodo, mas enganador, recurso da elipse.

riam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprêgo antigo da preposição *a*, suplantado depois pela preposição *em*, no adjunto adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico*, temos ainda vestígio da fase em que o sentimento lingüístico levava em consideração o verbo de movimento: *vai ao Atlântico desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, sendo que esta última, sem razão, já foi recriminada por certos gramáticos:

"Veio embarcar-se (D. João) a *Aldeia Galega*, aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" (RIBEIRO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 171); "Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragments*, 70); "...enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio*, a que deu nome aquela povoação" (id., *ibid.*).

OBSERVAÇÃO 2.ª: Sobre a construção *questão a resolver*, cf. acima, § 4, a, Obs. 1.ª.

b) *de*:

"...porque tive fome e me destes *de comer*, tive sede, e me destes *de beber*" (ANTONIO VIEIRA, *Sermões*, VIII, 270).

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: "...se lhe não despedaçou membro por membro o corpo em tão miúdos retalhos, que os *desse a comer*, como ele dizia, às aves" (id., *ibid.*, 267). MÁRIO BARRETO, entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de*: *donner à boire et à manger*, *dar de comer e beber*; *donner à diner à quelqu'un*, *dar de jantar*; *elle lui donna à souper*, *deu-lhe de cear*. Nessas construções *dar de comer*, *dar de almoçar*, *dar de mamar*, *pedir de beber*, *pedir de almoçar*, *ganhar de comer*, o complemento

formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de carácter adjectivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível*. Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a acção do infinitivo: *dê-me de comer* = *dê-me coisa que comer*" (Novíssimos Estudos, 2.ª ed., 269). Apesar do voto do ilustre mestre, julgo ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. EPIFÂNIO DIAS (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 293, a, 1) não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*. *

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir*, entendimento *para perceber*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 165).

d) *por* (hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes):

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" (ALEXANDRE HERCULANO, *ibid.*, 105).

Compare-se este exemplo com:

"Pera com mais vontade trabalharem *De contentar a quem se afelçoarem*" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, IX, 22).

e) *em*:

"e por isso pôsto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" (ALEXANDRE HERCULANO, *ibid.*, 102-3). "Dois meios havia *em seguir esta empresa*" (*id. ibid.*, 69).

f) locuções prepositivas: *a fim de*, *com o fim de*, etc.

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de* se exercitarem nos verbos e

* Tenho minhas dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver MARIO BARRATO, *Novos Estudos*, e EPIFÂNIO, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 325, a). Obs. 1. Para fontes de estudos remeto o leitor a MEXICO-LÜNKKE, *Grammaire des Langues Romanes*, III, §§ 331 e 505 e DAS NOBIS, *Syntaktische Forschungen*, 211 e ss.

adquirirem outras noções básicas, é, como tais, indispensáveis..." (SILVA RAMOS, *Revista de Cultura*, n.º 1, pág. 22).

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é que anda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" (CASTILHO *apud Seleta Nacional*, I, 37). *

7) para as idéias de *meio e instrumento*:

a) *com*:

"...até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" (ALEXANDRE HERCULANO, *ibid.*, 91).

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro, Que viva *de guardar alheio gado*" (GONZAGA, *Poesias*, ed. R. LAPA, I, 15).

8) para as conjunções *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos morreremos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" (CASTILHO *apud Seleta Nacional*, 35).

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo vem precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões ao *afastar-me* do pobre..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 190).

c) tempo posterior: *depois de*, *após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 99). **

* Pode-se enquadrar este tipo no § 7, a).

** CARLOS DE LAER já condenou a CAMILO o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de CASTILHO (cf. *Eco's Humorísticas do Minho*, n.º 2, p. 11). RUI

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a:*

"...e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou da Belmonte, *prestes a soço-brar*" (OURO PRÉTO *apud Antologia Nacional*, 84).

e) duração, prazo: *até:*

"...o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies...*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 236, ed. 1876).

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto), em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina JOSÉ OITICICA, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de, etc.*, a oração de infinitivo não deve ser tida por complementar. Exemplo: "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria complementar se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".* E mais adiante continua o mestre: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de; etc.*, as orações são complementares, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Dessarte é completiva nominal a reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguissem o Duque de Coimbra o abandonassem" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 96).

B) *gerúndio* e aí equivale a:

1) uma oração causal:

"*Vendo este os seus maltratados*, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 97).

Bassosa comenta na *Réplica* (pág. 159 da 1.ª ed.): "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esboçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho António essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda João CuriOSO, *Camilo e as Catirricas*, pág. 16, n.º 3. Na *Queda dum Anjo* (pág. 56, ed. de P. A. Pinho) colho *softar-se*: "...a pomba que se *volta da arca...*"

* Curso dado no I.N.E.P., 1949. Súmula 14.ª p. 2.

vendo = porque visse.

2) uma oração consecutiva:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" (id., *ibid.*).

rompendo-o: e como consequência o rompeu.

3) uma oração concessiva:

"E quem são estes? são aqueles que *sendo* hoje tanto mais do que eram, e *tendo* mais do que tinham, e *estando* tanto mais levantados do que estavam, ainda se queixam e se chamam mal despachados" (ANTÔNIO VIEIRA, *Sermões*, I, 303).

sendo = embora sejam: *tendo* = embora tenham: *estando* = embora estejam.

4) uma oração condicional:

"Desculpado por certo está Fernando
Pera quem tem de amor experiência;
Mas antes, *tendo livre a fantasia*,
Por muito mais culpado o julgaria" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 143).

tendo livre a fantasia = se tiver a fantasia (= imaginação).

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando* sons mal articulados" (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero apud* EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 316, b, 1).

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando* cidadãos em lugar de farragiais, e *enfeitando* com mão robusta povos" (CASTILHO, *Fastos apud* EPIFÂNIO DIAS, *ibid.*, 2).

6) uma oração temporal:

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?" (REBÊLO DA SILVA *apud Antologia Nacional*, 205).

voltando-se = enquanto se voltava.

No seguinte exemplo se acha reforçado por um adverbio de tempo:

"*Desviando depois* a mão que o suspendia, baixou mais dois degraus" (id., *ibid.*, 209).

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

OBSERVAÇÃO: O gerúndio pode aparecer precedido da preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer: "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" (RUI BARBOSA *apud Antologia Nacional*, 126).

Aqui o gerúndio indica tempo e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio; em Bernardes o amor, que, *em sendo* verdadeiro, é também gênio" (CASTILHO *apud Antologia Nacional*, 186).

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *participio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforçar uns e degolar outros..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 96).

2) uma oração *condicional*:

"Entramos em uma batalha, onde, *vencidos*, honraremos nosso Deus com o sangue" (FREIRE, 221 *apud* EPIFÂNIO DIAS, *Gramática Elementar*, § 241, 1).

vencidos = se formos vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade científica dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" (JOÃO RIBEIRO, *Floresta de Exemplos*, pág. 42 da 2.^a ed.).

OBSERVAÇÃO 1.^a: Nestes empregos do participio, observam-se as regras de concordância já estudadas, entre o verbo e o seu sujeito.

OBSERVAÇÃO 2.^a: Alguns participios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" (REBÊLO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 67).

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 327).

"Podê a miséria ser tanta, que *não obstantes* tôdas as diligências apontadas ainda resvalemos" (MANUEL BERNARDES, *Luz e Calor*, 126).

"Pôs Deus a Adão no Paraíso com jurisdição e poder sôbre todos os viventes, e com senhorio absoluto de tôdas es coisas criadas, *exceto* sômente uma árvore" (ANTÔNIO VIEIRA, *Sermões*, III, 329).

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão", é, como bem pondera EPIFÂNIO, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 220, a).

OBSERVAÇÃO 3.^a: Elegantemente podemos empregar, para a idéia de tempo, o participio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

"*Acabado que foi* o prazo destinado pelo tirado" (MANUEL BERNARDES *apud* SAIB ALI, *Gramática Secundária*, 196).

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para MAXIMINO MACIEL (*Gramática Descritiva*, 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: "A idéia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que fôsse* o esplêndido luzelro que até então lhe serviu de fanal" (LATINO COELHO, *República e Monarquia*).*

Para EPIFÂNIO, o *que* é pronome relativo, e acho que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 91, c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou participios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*". Cf. ainda a *Gramática Francesa*, § 282, 2, Obs. 1.^a.

6 — Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

- a) as que contêm certos verbos seguidos de orações subjetivas:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).
 Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto...*).
 Impediu-nos a *viagem ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*). **

- b) as que contêm os verbos *agradecer*, *perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) seguidos de oração objetiva direta:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" (EPIFÂNIO DIAS, *Gramática Portuguesa Elementar*, § 228, b).
 "E lá se vão: *não há mais contê-los ou alcançá-los*" (EULÍDES DE CUNHA, *Os Serões*, 128).

* F. BRUNOT dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledici conte* (cf. *La Pensée et la Langue*, 767).

** Exemplos de JOSÉ ORTIGUEIRA, *Curso do INEP*.

- c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de *que a fumarada do charuto, sobre ser purificante e antipútrida*, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 108).

- d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

- 1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"Em vez (diziam) dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa... são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." (REBELLO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 533).
Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

- 2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 201).

- 3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" (REBELLO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 244).
 Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.
 "procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os modos, *prendendo-o* ou *matando-o*" (REBELLO DA SILVA, *ibid.*, 244).
 Enfrenta a vida *sorrindo*. *

* "As *vêzes* procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" (SANT'ALZ, *Gramáticas Secundária*, 183).

7 — Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

- a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

- b) quando faz parte de uma locução verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

- c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

- 1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

- 2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

*É de esperar que todos se saiam bem (esperável).
Pareciam menos de louvar (louvável).
Foi caso muito de recear (receável).*

- d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom, etc.*), o infinitivo tem sentido limitativo (com certo aspecto passivo ou ativo):

*Osso duro de roer (de ser roído ou de alguém roer).
Poesia fácil de decorar (de ser decorada ou de alguém decorar).*

- e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Alvaro se ouvissem outras palavras senão estas: Fartar, rapazes!" (ALEXANDRE HERCULANO, Fragmentos, 98).

- f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"Pôr-me a mim lá fora?! — bradou Teodora" (CAMILO, A Queda dum Anjo, 175, ed. P. A. PINTO).

"Tu, Hermengarda, recordares-te?!" (ALEXANDRE HERCULANO, Eurico, o Presbítero, pág. 47, ed. de 1864).

- g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas) e adjetivas:

*Que fazer? **

Não sei que fazer.

Nada tinha que dizer.

* Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Das Nozzeno, *Zum Infinitiv in lat. Frage — und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, págs. 261-270) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexactidão de expressão (para usar as palavras de MEYER-LÜHMKE, *Grammatik*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para EPIFRÂNIO DIAS (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2.ª e 307), por uma elipse de *poder, dever ou haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (possamos) perder. Não sabia que (havia de) fazer.

Não me foi possível fixar a opinião definitiva de MÁRIO BARRATO, pois que, através de sua extensa obra, encontro as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, págs. 277-279, em artigo de 1929, o mestre pensa como EPIFRÂNIO DIAS e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2.ª edição dos *Novíssimos Estudos*, pág. 132, nota, anterior, portanto, ao artigo antes citado, contraria a EPIFRÂNIO DIAS, visivelmente influenciado que estava pelo § 132, b) dos excelentes *Elements de Linguistique Romane*, de E. BOUQUET, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetição:

"Quando se trata da interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma

- h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquêlê que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento. *

"Choviam tormentos nos mártires, e êles a viver e zombar" (FREI JOÃO DE CRITA, *Sermões*, cit. por EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica*, § 309, 3); "Os santos a pregar pobreza, e seguiu-a em tudo" (FR. LUÍS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo apud EPIFÂNIO DIAS*); "E os médicos a insistirem que saísse de Lisboa (JÚLIO DINIS); "Ela a voltar costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça (id.); "E êle a rir-se, êle a regalar-se (EÇA DE QUEIRÓS); "O senhor a dizer-lhe uma palavra, e eu a provar-lhe que..." (id.).

NOTA: Não estão acordes os mestres quanto à origem do infinitivo de narração. A hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam QUINTILLIANO, para o latim,

frase como *nescio quid dicam*, aproximada ao nosso espírito de *nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer. Idêntica contaminação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer. — Buscou aquêlê lugar onde fizesse penitência + buscou aquêlê lugar para fazer penitência = buscou aquêlê lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não aceitavam de esmola, porque não achavam que comprar com êle" (SOUSA, *Anais de El-Rei D. João Terceiro*, publicados por A. HERCULANO, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei que fazer ao teu coração" (CAMILO, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3.ª ed., p. 171); "Não sabia escrever, não tinha a quem pedir a esmola de uma carta" (id., *Maria Moisés*, 1.ª parte, p. 49 ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu que poderá ela ter. — Pergunta-lhe que tem. — Não sei que notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre êles o ilustre filólogo Sr. EPIFÂNIO DIAS na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se dêste exemplo: Não lhe ocorreu que poder replicar-me. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com a diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador balzeas, nem diamantes, de que poder valer-se: assi recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valla, a Natureza não" (JACINTO FERREZ, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem de quem se valer; lançou olhos pela casa, não viu coisa que dar, e viu-se obrigado a acudir" (*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

* ALF. LOMBARO, *L'Infinitif de Narration*, 9-10 e 93 e ss., donde extralô os exemplos.

e BURGUX, LITTRÉ, KASTNER, PLATTNER, LUKER, entre outros, para o francês. E a opinião que expande M. BARRERO para o português: "Na frase: — *Eu falo, e êles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) — temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado um infinito histórico deve considerar-se como *elíptica*, com predicado perifrásico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão DIXZ, SCHULZE, DARMESTETER, STROHMAYER e BRONDAL. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de WACKERNAECKL, para o latim, e MARCOU, SPITZER e LEUCH, para o francês). Esta LOMBARO (op. cit. 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 198-243 do citado livro do romanista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme, com que, na linguagem efetiva, enunciamos réplicas e objeções*. EPIFÂNIO (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e BELLO-CUERO (*Gramática Castellana*, § 926 e *Notas*, pág. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*. MEYER-LÜBKE crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do *terno* de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcées sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do sábio romanista é assaz sugestiva, apesar de EPIFÂNIO achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (ibid.).

8 — O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

- a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições foram aprendidas sem esforço.

- b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro encadernado.

9 — Um tipo especial de substantivas reduzidas: DEIXEI-OS FUGIR

Atenção especial merecem as substantivas reduzidas de infinitivo depois dos verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (auxiliares causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (auxiliares sensitivos). Em

Deixei que eles fugissem

a oração subordinada *que eles fugissem* funciona como objeto direto de *deixei*, e tem por sujeito o pronome *êles*.

Passando-a para a forma reduzida de infinitivo, teremos:

Deixei-os fugir.

A 1.^a oração principal continua sendo *deixei*; *os fugir* (= que eles fugissem) é seu objeto direto. O pronome *os*, correspondente a *êles* da oração desenvolvida, é sujeito do infinitivo.*

Note-se que é este o único caso em que um pronome oblíquo funciona como sujeito.

* Não parece ser boa lição a que diz que nestas construções o pronome *os* é objeto direto do verbo *deixei* e sujeito de *fugir*. O pronome objetivo na função de sujeito é fenômeno que ascende ao latim e se prende às construções de acusativo com infinitivo. Trata-se de um exemplo de mudança de função sintática de um termo. Na origem o era objeto direto do primeiro verbo, e passou, com o tempo, a ser sentido como sujeito do infinitivo. Cf. BRUGMANN, *Abrégé*, § 807 e BASSOLA, *Sintaxis Latina*, I, 4-5.

Quando ocorrem estas construções devemos levar em conta os seguintes pontos:

- a) o verbo na forma nominal constitui oração à parte:

1.^a oração: *deixei.*

2.^a oração: *os fugir.*

- b) a oração do infinitivo é *sempre* substantiva e *quase sempre* objetiva direta:

1.^a oração: *principal* — *deixei.*

2.^a oração: *subordinada substantiva objetiva direta*: *os fugir.*

- c) o sujeito do infinitivo aparece, quando pronome pessoal, constituído por forma oblíqua:

os fugir (= que eles fugissem): *os* é sujeito de *fugir* como *êles* o é de *fugissem*.

Assim ocorre com os outros pronomes pessoais oblíquos: *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*:

"Felizmente, Sabina *fêz-me* sentar ao pé da filha do Damasceno..." (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 250). *Fêz-me sentar* = *fêz que eu me sentasse*. "Marcela *deixara-se* estar sentada, e estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore" (id., *ibid.*, 58) = Marcela *deixara que ela mesma estivesse sentada*. "*Deixemo-nos* estar, que de mandar ele os criados e fazer-se a obra vai ainda muito tempo" (MANUEL BERNARDES *apud Antologia Nacional*, 296).

- d) o infinitivo normalmente aparece não flexionado, ainda que o seu sujeito seja plural:

Deixei-os fugir (e não: *os fugirem*).

Com os causativos (*deixar, mandar, fazer*) esta é a norma; com os sensitivos (*ver, ouvir, olhar, sentir* e sinônimos) encontramos o infinitivo ora flexionado, ora sem flexão:

"Este, apenas os viu desaparecer, dirigiu-se para Hermenegarda" (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 246). "Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os ouvia chamarem-lhe traidor e hipócrita" (Id., *Fragmentos*, 96).

- e) merece cuidado a divisão de orações, porque o pronome oblíquo sujeito pode vir na oração anterior, e deve ser transposto para junto do verbo a que pertence:

Eu os deixei fugir

1.^a oração — eu deixei

2.^a oração — os fugir.

10 — LHE por O como sujeito de infinitivo

Em

"El-rei comprometia-se a deixar-lhes levar quanto possuíam" (ALEXANDRE HERCULANO *apud Fragmentos*, 75)

o pronome *lhes* é sujeito de *levar*: *el-rei comprometia-se a deixar que eles levassem quanto possuíam*.

O pronome *lhe* pode entrar em lugar de *o* somente quando o infinitivo, depois dos verbos causativos e sensitivos, vem acompanhado de objeto direto, constituído por substantivo, pronome ou expressão equivalente. *

No exemplo dado, o objeto direto de *levar* é a oração justaposta *quanto possuíam*. Nos seguintes, o pri-

* Os desvios desta norma são raros e não merecem limitados:
"A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastos" (CASTILHO, trad. de *As Geórgicas* de Virgílio, pág. 181, ed. de O. MOTA).

meiro objeto direto é um substantivo e o segundo um pronome pessoal átono:

"Sancho II deu-lhes depois por válida a carta e mandou-lhes erguer de novo os marcos onde eles os haviam pôsto" (ALEXANDRE HERCULANO *apud Fragmentos*, 64).

"...pôsto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos fizera* perder..." (Id., *ibid.*, 76), isto é: *a desgraça fizera que ele (= lhe) os (= vários lugares) perdesse*.

Assim sendo, se o infinitivo vier acompanhado de objeto direto, o seu sujeito pode vir representado por *o* ou *lhe*:

Eu *o* deixei ouvir a canção

ou

Eu *lhe* deixei ouvir a canção.

"Este ruído *o fez* erguer a cabeça e lançar os olhos para o lado donde partira aquêle som duvidoso" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bôbo*, 133).

Se o objeto direto é constituído por pronome pessoal, o normal é o emprêgo de *lhe* como sujeito do infinitivo; dessarte é raro exemplo como o seguinte:

"...a tia Domingas *ouviu-o* chamá-la de novo mansamente" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 76), isto é: a tia Domingas ouviu que *ele (= o) a (=la)* chamava de novo.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, como sujeito de infinitivo pronominal:

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo o não comprimia e *o deixava* esparramar-se pelos paus e juncaís..." (ALEXANDRE HERCULANO *apud Fragmentos*, 76-77).

OBSERVAÇÃO 1.^a: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar* e *fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido das preposições *por* ou *de*:

"D. João de Castro, sem *deixar-se* vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveu enviar o socorro" (FREIRE, 133 *apud* EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 289, a), Obs. 2.^a).

OBSERVAÇÃO 2.ª: A seguinte passagem de ALEXANDRE HERCULANO:

"Súbitamente a chuva fustigou as vidraças: o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e senti-o que se abismava debaixo das arcarias de pedra" (Opúsculos, I, 139, ed. 1878 apud Fragmentos, 172)

apresenta-nos uma curiosa particularidade sintática em que depois de *ver*, *ouvir*, *sentir*, *encontrar* e sinónimos, se pode empregar uma oração adjetiva em vez de uma substantiva, considerando objeto direto daqueles verbos o que haveria de ser sujeito da oração substantiva. Em vez de *senti que ele se abismava* ou *senti-o abismar-se*, transformou-se o pronome *ele* ou o em objeto direto do verbo *sentir*, seguido de oração adjetiva.*

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente pede objeto direto:

"...apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas, semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las que pareciam rolar-se pelas encostas...*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero*, 57, ed. 1876, apud Fragmentos, 172).

O normal seria: *eis que elas pareciam rolar-se* ou *ei-las parecer rolar-se*.

11 — A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por sujeito um pronome átono:

"Deixei-o embrenhar e transpus o rio após *ele*" (ALEXANDRE HERCULANO apud Fragmentos, 77).
"O aqui deixou-o afastar" (Id., *ibid.*).

* Cf. EPÍFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica*, § 366 e EPÍFÂNIO-VON HAYS, *Gramática Francesa*, § 385, b). Outros autores, como ARLINDO LEITE (Fragmentos Literários de Alexandre Herculanio, 172), explicam o fato por cruzamento das linguagens *senti que ele se abismava* e *senti-o abismar-se*. Mestre José ORRACA via nestes casos uma antecipação do sujeito da oração substantiva, considerando o que conjunção integrante, e não pronome relativo: "Veréis a inexpugnável Dio forte / Que dois cercos terá" (CAMÕES, *Os Lusíadas*, II, 50) = veréis que a inexpugnável Dio forte terá dois cercos. Cf. *Revista Filológica*, I, 19 e ss., principalmente 31-32, e *Manual de Análise*, 228-9. A explicação atende a muitos trechos, mas só forçadamente se aplica aos exemplos de HERCULANO acima aduzidos; para eles prefiro perfilar a lição dada acima.

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"Sentiu-o parar aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" (Id., *ibid.* 76).
"E o eremita *vis-a*, *ave* pernalta e branca, *bambolear-se* em vôo, *ir* chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." (João RIBEIRO, *Floresta de Exemplos*, 227).*

12 — A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 271):

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer*. Em:

"Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes *expor-lhe* um trabalho..." (MACHADO DE ASSIS, *ibid.*, 245)

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir-se sem obj. direto o verbo *pedir*, dizendo-se: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as idéias de *pedir que algo aconteça e trabalhar para que algo aconteça*, passou-se

* Julgo injusta a condensação de Mário BARRER (Através do Dicionário, pág. 51 da 3.ª ed.): "É um dos instintos mais naturais do nosso falar; mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indicio singular de deformação artificial". Nos últimos Estudos se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo, depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" (pág. 206).

a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

Pediu para que Pedro saísse
ou
Pediu para Pedro sair.

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprêgo do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, com sujeito igual ao da oração principal. * Assim, em:

O aluno pedia-lhe para sair

o aluno pedia licença para ele mesmo sair.

* Tem-se dito que EPÍFÂNIO DIAS (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1.ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se, entre outros, A. C. PIRES DE LIMA na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, pág. 266 n.º 4): mas a redação do Ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação o mestre: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe, v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Fendo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de EPÍFÂNIO. Aquêle intransitivamente me leva a interpretar assim a lição (note-se que na nomenclatura gramatical do sintaticista português intransitivo é o verbo que não pede complemento ou o que pede complemento indireto): EPÍFÂNIO defendia o emprêgo do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que CÂNDIDO DE FREITAS e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de RUI BASSOZA, *Réplica*, pág. 136 da 1.ª ed., nota 3 do n.º 95.

Sou de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posverbo (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *cifrar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puzer a espada* e *puzer da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, oricem), *pegar a pena* e

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz incontestavelmente uma duplicidade de sentido, pois que em:

Ele pedia-lhe para sair

fico em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

13 — A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

Disse para que ele fosse embora
ou
Disse para ele ir embora.

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

14 — A construção PARA EU FAZER

Em

O exercício é para eu fazer

pegar na pena (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização da ação expressa pelo verbo.

Entretanto, CARLOS GÓES, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a 2.ª (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira — a do verbo *pedir* seguida da preposição *para*, regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, pág. 124).

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este exercício é para mim*.

Diz-se corretamente *o exercício é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

15 — A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português moderno, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e participio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

"A guerra diplomática andava acesa em Roma, lidando o enviado português por contrariar com energia os meios e dilações do Cardeal Torregiani" (LATINO COELHO, *História Política e Militar de Portugal*, I, 44).
 "Querendo Sólon, filósofo ateniense, consolar a um amigo seu... o levou a uma torre eminente..." (MANUEL BERNARDES apud *Antologia Nacional*, 293).
Acabada a festa, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando*; *Sólon querendo consolar*, *a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

"O cristianismo elevando o culto da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" (JOÃO RIBEIRO, *Floresta de Exemplos*, pág. 51 da 2.^a ed.).

"Então Gonçalo Mendes fazendo recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bóbo*, 116).*

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstância de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

"Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" (RUI BARBOSA, *Antologia Nacional*, 126).

"A semelhança entre as filhas de Filipe da Gama reduzia-se a isto; mas era tão grande, que em as duas conversando a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de as distinguir" (RESÊTO DA SILVA, *A Mocidade de D. João V*, 2, 122 apud EPIFÂNIO DIAS, *Sintaxe Histórica*, § 316, b, 2, Obs. 2.^a).

No tocante às reduzidas de participio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo* e *o que*:

Isto pôsto, resolvemos voltar
 ou
Pôsto isto, resolvemos voltar.

16 — A construção É DA GENTE RIR

A anteposição do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a com-

* Por isso é injusta a crítica feita por A. FELICIANO DE CASTILHO — e a crítica foi recolhida pelo nosso ilustre gramático E. CARLOS PEREIRA (*Gramática Expositiva*, § 486 in *Galicismos Fraseológicos*) ao seguinte trecho do Padre BERNARDES (e note-se que está com a respectiva vírgula): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (BERNARDES) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrupulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou no caminho um moço mul conflado, etc.". Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc." (Livreria Clássica, *Padre Manuel Bernardes*, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adianto que o pretense erro não é de BERNARDES, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de Tortosa para Valença..." (III, 492).

binacão da preposição com o sujeito ou um pertence do sujeito:

"Em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, como fazem, os reis levarão os ladrões ao paraíso, como fez Cristo" (ANTÔNIO VIEIRA, *Sermões*, III, 352).*

pode passar facilmente à combinação: *Em vez dos ladrões.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair
ou
É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito não pode vir regido de preposição; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contacto de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma através do testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão: **

"...só voltou depois do infante estar proclamado regedor" (ALEXANDRE HERCULANO *apud* *Fragmentos*, 44); "Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor d'este dos despojos antes d'estes (d'estes, no original) se repar-tirem" (Id., *ibid.*); "Apesar da sua ação ser... superior

* Assim escreveu o notável padre, e não como cita a *Gramática Expositiva* de E. CARLOS PEREIRA, § 441, nota. Aliás, a sintaxe normal nos *Sermões* era sem fazer a combinação.

** Sem razão, LERRE DE VASCONCELOS (*Lições de Filologia*, 382) condena, como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção e o clássico *Dicionário de Moraes* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

à autoridade dos bispos..." (Id., *ibid.*); "...a unidade que resulta da síntese do ideal, antes d'este ser revelado pela expressão material" (Id., *ibid.*, 162); "Sabia-o, senhor, antes do caso suceder" (Id., *Lendas e Narrativas*, I, 267) *; "...mesmo depois dos descobrimentos dos portugueses haverem transformado as condições do comércio geral do mundo" (REBELO DA SILVA, *História de Portugal*, IV, 16); "Apesar, porém, da caça ser tida como imagem dos perigos e privações da guerra..." (Id., *ibid.*, 96); "Notou, igualmente, a vantagem dos confederados repar-tirem de antemão os postos entre si..." (Id., *ibid.*, 139); "...e a despeito do dia estar chuvoso" (Id., *ibid.*, 171-2); "Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes dos mercadores terem acabado a ceia nas hospedarias..." (Id., *ibid.*, 537); "Depois do Garrett escrever erudidamente no seu *Camões*..." (CASTILHO, "Anotações à 6.ª ed. do Dicionário de Moraes", in *Arquivos Literários de L. FERREIRA GUMARÃES*, V *apud* P. A. PINTO, revista *Colaboração*, n.º 5, pág. 20); "...se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, apesar das couves serem uma das muitas espécies de legumes" (RUI BARBOSA *apud* P. A. PINTO, *ibid.*); "Pelo fato do verbo restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, terem, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." (E. CARNEIRO RIBEIRO, *Redação*, 579 *apud* P. A. PINTO); "...no caso do infinitivo trazer *compl. direto*" (ERFARRO, *Sint. Histórica*, pág. 226).**

Termino esta pequena lista com um fato que não deixa dúvida de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e freqüente, REBELO DA SILVA não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão depois de ele declarado e irremediável".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas declara textualmente:

* Assim escreveu ALEXANDRE HERCULANO, e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional de FAUSTO BARETO e CARLOS DE LANT* (pág. 186); antes de o caso suceder.

** Para maiores exemplos veja-se o prestimoso livro do Padre PEDRO ARRÃO, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259.

"Onde se lê: depois de êle leia-se depois d'êle (d'elle no original)". *

Tem-se estendido o exagêro da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não-existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia. No seguinte exemplo de ALEXANDRE HERCULANO, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa de ali se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" (apud *Fragments*, 44).

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de REBÊLO DA SILVA, tão afeito às construções combinadas:

"No caso do reino se constituir em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redargüiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda, e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia em os outros proporem a empresa..." (*História de Portugal*, IV, 134).

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que — embora também contrários à lógica da gramática — foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora

* Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: O fato é devido AO (por a o) avião se ter atresado (ou, noutra ordem: é devido a se ter o avião atresado); PRO menino (por para o menino) ver. Sinto discordar da lição de REBÊLO GONÇALVES no seu *Tratado de Ortografia* (pág. 226, Obs. 2.*), cujos exemplos não vão em sua defesa.

aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou para convencê-lo).

Apesar de exemplos de autores modernos (RUI BARBOSA entre êles) e do voto de MÁRIO BARRETO (*Novos Estudos*, 2.^a ed., cap. VII, págs. 111-125), concordo com o parecer de mestre SAID ALI (*Revista Americana*, II, 4, pág. 160):

"A contração de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre — o que é muitíssimo raro — em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto." *

É elucidativo êste passo de REBÊLO DA SILVA, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"...em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Baus e sócios sob fiança de as restituirem no caso dos portugueses dentro de seis meses pagarem a quantia..." (Ibid., 515).

17 — Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) decorrentes:

* Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e SOUZA LITZ, *Clássicos Esquecidos*, 211 e 22.

"O Conde de Avranches salu a êles com quase tôda a gente do arraial, e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 96).

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e exige como objeto direto a oração também reduzida *os fugir* (reduzida de infinitivo) = que êles fugissem.

b) *concorrentes*:

"Trado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforçar uns e degolar outros*, e o conde perseguia o resto até Ponteval" (Id., *ibid.*).

As orações reduzidas de infinitivo *enforçar uns e degolar outros* servem de objeto direto do verbo *mandou*; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações eqüipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa: *

"...o leva e convida a *ser santo e a que tenha com êle todo o trato da mais íntima familiaridade*" (MANUEL BERNARDES, *Luz e Calor*, 346).

"Para *provar-lhe que não falto à menor condição estipulada, e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" (CAMILLO, *Justiça*, drama, ato II, cena IX).

A variedade de estrutura se dá até entre orações que não são eqüipolentes, para variar a expressão do pensamento:

"No provincia do Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um tço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" (RUBÊLO DA SILVA, *ibid.*, 227).

18 — A locução verbal: tipos de verbos auxiliares

Temos visto que nem sempre o núcleo do predicado

* Cf. MÁRIO BARRÊTO, *Novos Estudos*, 2.ª ed., pág. 168, nota, donde extralo os exemplos.

é constituído por um só verbo. Muitas vèzes ao verbo principal junta-se um ou mais de um verbo auxiliar para a representação d'êste núcleo:

"Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos" (RUBÊLO DA SILVA apud *Antologia Nacional*, 211).

"O toiro ergueu-se e, cambaleando com a sezão da morte, veio apalpar o sítio onde queria expirar" (Id., *ibid.*).

"Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça" (Id., *ibid.*).

"Vá. É pai. Sabe o que há de dizer-lhe..." (Id., *ibid.*).

"Tinham-se picado alguns bois" (Id., *ibid.*).

Conta a nossa língua com uma riquíssima série de verbos auxiliares, que podem ser:

a) auxiliares *temporais*: formadores dos chamados tempos compostos:

1) *ter, haver* (hoje raro), *ser* (hoje raríssimo) + participio: *tenho feito; hei feito, sou chegado*:

"Os cavaleiros eram partidos caminho de Zamora" (A. FELICIANO DE CASTILHO apud *Antologia Nacional*, 191).

2) *ser, estar, ficar* + participio, para indicar a voz passiva: *sou estimado, está prejudicado, ficou rodeado*.

b) auxiliares *acurativos*: determinam melhor o momento da ação verbal, e indicam:

1) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever, etc.*

2) iminência da ação: *estar para (por) escrever, querer (em quer chover), etc.*;

3) desenvolvimento gradual da ação, duração: *estar a escrever, estar escrevendo, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.*;

- 4) repetição da ação: *tornar a escrever, costumar escrever* (repetição habitual), etc.;
 - 5) término da ação: *acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever*, etc.;
- c) auxiliares *modais*: determinam melhor o modo como a ação se realiza ou deixa de se realizar, e indicam:
- 1) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever, ter de escrever, dever escrever, precisar (de) escrever*, etc.;
 - 2) possibilidade ou capacidade; *poder escrever*;
 - 3) vontade ou desejo: *querer escrever, desejar escrever, odiar escrever, abominar escrever*, etc.;
 - 4) tentativa ou esforço: *buscar escrever, pretender escrever, tentar escrever, ousar escrever, atrever-se a escrever*, etc.;
 - 5) consecução: *conseguir escrever, lograr escrever*, etc.;
 - 6) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.;
 - 7) movimento para realizar um intento futuro, próximo ou remoto: *ir escrever*;
 - 8) resultado: *vir a escrever, chegar a escrever*:
 "Estas palavras *vêm a traduzir* a mesma idéia"
 (ADOLFO COELHO, *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, 55, 6).

Para a formação da locução verbal não basta que concorram dois ou mais verbos; a intenção da pessoa

que fala é que determinará a existência ou inexistência da locução. Cumpre lembrar aqui o ensinamento do Prof. JOSÉ ORTIGICA: "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos *colher rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" (*Manual de Análise*, 202-3).

19 — A concordância na locução verbal

Esta possibilidade de se considerar ou não como locução verbal o agrupamento de dois ou mais verbos leva-nos a usar o singular ou plural em construções como:

DEVE-SE promulgar as leis
 ou
DEVEM-SE promulgar as leis.

Com o verbo *deve-se* no singular, não se considera o conjunto como locução verbal; *deve-se* é um verbo principal na voz passiva pronominal, e o seu sujeito é a oração reduzida de infinitivo *promulgar as leis*. As orações, tomadas absolutamente, valem por um nome do gênero masculino e do número singular; daí o singular *deve-se*.

No segundo caso, *devem-se promulgar* constitui uma locução verbal, formada do verbo auxiliar modal *dever* e do verbo principal *promulgar-se*, na voz passiva pronominal, e o seu sujeito é o plural *as leis*, o que obriga a concordância de *devem-se promulgar*: *as leis devem ser promulgadas*.

Como bem pondera JOÃO RIBEIRO, * quando "o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Exemplo: *Quer-se inverter as leis, e nunca querem-se inverter as leis.* Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter (as leis)*. Da mesma forma deve-se dizer: *Intenta-se demolir aquele morros, e não intentam-se*".

Notem-se os seguintes exemplos das duas sintaxes: * *

- a) sem locução verbal (a oração reduzida é o sujeito):

"Não se costuma punir os erros dos súditos sobre a effigie venerável dos monarcas" (REZÉLO DA SILVA, *A Mocidade de D. João*, V, t. III, pág. 293).

"Quem destrinçou estes miúdos foi Frei Cláudio da Conceição a quem se deve, em desconto do muito que mentiu no "Gabinete histórico", aceitar estes esclarecimentos da verdade histórica, ofendida pelas invenções de Jacome Raton" (CAMELO, *Mosaico*, 99).

- b) com locução verbal (o sujeito é nome ou pronome plural):

"Bem sei que me podem vir com duas objeções que geralmente se costumam fazer" (*Colóquios Aldeões*, pág. 206).***
 "No dia da coroação dos Pontífices costumam-se em Roma abrir os cárceres" (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, V, 93).

Dá-se ainda a mesma variedade de concordância com o verbo *parecer* seguido de infinitivo:

As *estrelas* PARECEM BRILHAR
 ou
 As *estrelas* PARECE BRILHAREM.

* Gramática Portuguesa, 322.

** Cf. MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, nota das págs. 215 e 216, donde extrai os exemplos. Cf. ainda *Através*, 261 n.

*** Tradicionalmente citam-se os *Colóquios Aldeões* como tradução de CASANOVA; estudo recente do Prof. PEDRO A. PINHO (*Locuções na Réplica*, v. 2) ensina-nos que o nome do ilustre escritor se associou à 2.ª ed. da obra por esperteza de editor.

No 1.º caso, trata-se de uma locução verbal constituída do verbo auxiliar modal de aparência (*parecer*), acompanhado do verbo principal (*brilhar*); o sujeito plural *as estrelas* explica a concordância *parecem brilhar*. No 2.º caso, o sujeito de *parece* é a oração reduzida de infinitivo (*brilharem as estrelas = que as estrelas brilham*), fato que determina o singular *parece*.

OBSERVAÇÃO 1.ª: Pode haver a contaminação das duas sintaxes que leva ambos os verbos ao plural:

"A raiva sufocava e tolhia a fala ao Conde de Trava, cujos olhos banhados de fel pareciam não lhe caberem nas órbitas" (ALEXANDRE HERCULANO *apud* MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, 210).

OBSERVAÇÃO 2.ª: Com *poeder, dever, costumar*, entre outros, seguidos de infinitivo, é mais comum o plural: *Podem-se erguer as hipóteses. Devem-se evitar os erros. Costumam-se encontrar os pacotes.*

20 — Emprêgo do infinitivo flexionado e sem flexão na locução verbal

O conhecimento da locução verbal também nos interessa para o emprêgo do infinitivo, flexionado ou não, porque normalmente *não se flexiona o infinitivo que faz parte de uma locução verbal*:

"porque, certo, cre que não *querereis perder* (e não *perderdes!*) na vossa velhice o nome de bom e honrado português" (ALEXANDRE HERCULANO, *Antologia Nacional*, 109).
 "De hoje a quatro meses *podeis voltar* (e não *voltardes!*) aqui, senhor rei" (Id., *ibid.*, 200).

OBSERVAÇÃO 1.ª: Se o verbo principal se acha afastado do seu auxiliar, é possível flexionar também aquele para avivar a pessoa do sujeito. Não há obrigatoriedade de flexão, que fica na dependência do propósito do escritor e do ritmo e eufonia da expressão:

"Possam os devaneios daquele que passou desconhecido ao mundo não serem inteiramente inúteis para o progresso humano..." (ALEXANDRE HERCULANO *apud* *Fragmentos*, 173).

"...dentro dos mesmos limites atuais podem as cristandades nascerem ou anularem-se, crescerem ou diminuir em certos pontos desses vastos territórios" (Id., *ibid.*).

Observação 2.^a: Pode-se ainda flexionar o infinitivo se o auxiliar vem subentendido:

"...os barões e cavaleiros de Leão e Portugal podiam encontrar-se corpo a corpo, sem a desordem e confusão de uma batalha, e experimentar qual das duas províncias da Espanha gerava braços mais robustos" (Id., *ibid.*).
 "Queres ser mau filho, mau amigo, deixares uma nódoa d'infâmia na tua linhagem..." (Id., *ibid.*, 174).

21 — O emprêgo do infinitivo com os verbos causativos e sensitivos

Já vimos que os verbos causativos *deixar, mandar, fazer* (e sinônimos) e os sensitivos *ver, ouvir, sentir* (e sinônimos) não formam locução verbal com o infinitivo seguinte: *

Deixei-os sair

1.^a oração: principal: *deixei*.

2.^a oração: subordinada, substantiva, objetiva direta: *os sair*.

Entretanto, estes verbos quase sempre se comportam como fazendo parte de uma locução verbal, no tocante ao emprêgo da flexão do infinitivo. Com os causativos *deixar, mandar, fazer*, a norma é não se flexionar o infinitivo, qualquer que seja o seu sujeito:

"Fazei-os parár" (ALEXANDRE HERCULANO *apud* Fragmentos, 75).

"El-rei comprometia-se a deixar-lhes levar quanto possuísem..." (Id., *ibid.*).

"Os processos... que lhes mandavam julgar terminavam-nos pela soltura dos réus" (Id., *ibid.*).

* Veja-se atrás § 9.

Com os sensitivos (*ver, ouvir, olhar, sentir* e sinônimos) pode-se também deixar o infinitivo sem flexão, embora aqui a norma não seja tão rígida:

"Fernando Peres tentava escutar o que se dizia na outra extremidade da mesa, quando sentiu puzarem-lhe pela orla do brial" (Id., *ibid.*, 171).

"Viste-los baterem sobre a lajema fria do pavimento com a fronte afogueada..." (Id., *ibid.*, 195).

22 — O emprêgo do infinitivo fora da locução verbal

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo." *

Geralmente ocorre o infinitivo flexionado:

- "sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);
- sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;
- quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". **

A leitura atenta dos seguintes exemplos será proveitosa a quem deseja adestrar-se nesta particularidade sintática:

* SAID ALI, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 248.

** SAID ALI, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 72. Recomendo aos interessados a leitura e meditação das profundas páginas deste livro do Prof. SAID ALI e, particularmente, o capítulo O infinito pessoal.

"É permitido aos versistas *poetarem* em prosa" (CAMILO, *A Queda dum Anjo*, 60).

"Fazem êles o favor de dar ao prêso água em abundância; mas descontam nesta magnanimidade proibindo-os de *falarem* aos companheiros de infortúnio..." (Id., *ibid.*, 99).

"Demais disso, a saraivada de bagos de rapé, que êle sacudia dos sorvedouros nasais, algumas vêzes obrigava as damas a *formarem* sôbre os olhos com os dedos um baldaquim sanitário..." (Id., *ibid.*, 105).

"pareciam ajuntar-se para se *narcotizarem*, e *entrarem* emparceirados nas silenciosas regiões da morte" (Id., *ibid.*, 107).

"os seus anos não eram bastantes para *autorizarem* a distinguir-se no mero acidente dos trajos" (Id., *ibid.*, 108).

23 — A colocação dos pronomes átonos (ME, TE, SE, NOS, VOS, O, A, OS, AS, LHE, LHES)

Em relação a um só verbo, ocorrem as seguintes normas:

1.^a) Não se inicia período por pronome átono:

"Chama-se, com razão, à América o Novo Mundo, porque em si tem quanto pode adivinhar a fantasia, apeteer a ambição" (LATINO COELHO, *Antologia Nacional*, 214).

"Não! vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada!" (ALEXANDRE HERCULANO, *Antologia Nacional*, 197).

"Se nisto que me ouviste, achas alguma coisa que te contente e queres vir comigo, pois é já tarde, te hospedarei na minha cabana..." (RODRIGUES LÔBO, *Antologia Nacional*, 280).

OBSERVAÇÃO: Presos à regra que dizia não se poder iniciar oração por pronome átono, muitos autores condenavam e condenam exemplos como o último, embora haja concessões para o caso das intercaladas de citação, como no trecho de HERCULANO. A observação dos bons autores nos manda seguir a lição que adoto.

2.^a) Não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Contenta-se de crer que o é" (MACHADO DE ASSIS, *Antologia Nacional*, 97).

"Eu trazia de cor as palavras que alguém me confiou..." (Id., *ibid.*, 99).

"Quando em 1834 se extinguiu o antigo e célebre cenóbio de Santa Cruz de Coimbra, aconteceu aí um fato..." (ALEXANDRE HERCULANO, *Antologia Nacional*, 192).

OBSERVAÇÃO: Ainda nas orações equípolentes (coordenação entre subordinadas) se deve observar este preceito, embora não sejam raros os exemplos em contrário: "Apenas aparece a figura de um frade desconhecido e heróico, cujo nome a história não conserva e que, embora não soubesse uma palavra da língua indígena, *meteu-se pelos matos...*" (EDUARDO PRADO in *Trechos Seletos*, de S. SILVEIRA, 129).

Aliás, ainda nas orações subordinadas, pode ocorrer a êncise quando entre o conectivo e o verbo medeiam vocábulos que não exigem a próclise ou entre êles haja pausa: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe entre outros carinhos...*" (M. DE ASSIS, *Dom Casmurro*, 307 apud M. BARRETO, *Últimos Estudos*, 197); "Saiba vossa majestade que, há dois dias, se a ronda não acode, *matavam-no à esquina* da rua das Arcas, perto do recanto do painel" (REBELO DA SILVA, *A Mocidade de D. João V*, II, 34 apud M. BARRETO, *ibid.*).

3.^a) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem que entre os dois possa haver pausa, indicada ou não por vírgula):

"Assim o referem pelo menos as crônicas da Ordem" (JOÃO FRANCISCO LISBOA, *Antologia Nacional*, 29).

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, *já o não sou*" (ALEXANDRE HERCULANO, *Antologia Nacional*, 195).

"Não *lhe lembra nunca* a possibilidade de um pontapé ou de um tabefe" (MACHADO DE ASSIS, *Antologia Nacional*, 96).

A posposição do pronome ao verbo, nos seguintes exemplos, se explica pela possibilidade de pausa entre as duas classes de palavra:

"a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longe, muito ao longe, aos pedaços, *depois mistura-se à do amigo atual...*" (MACHADO DE ASSIS, *ibid.*, 97).

"Tornei a vê-lo aquêlo dia, e *ainda agora parece-me vê-lo*" (Id., *ibid.*, 99).

4.^a) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (con-

dicional). Desde que não sejam contrariadas as normas anteriores, ou se coloca o pronome átono *antes* ou no *meio* destas formas verbais:

"Cingir-me-ei, estritamente, a falar-vos como falaria a mim próprio..." (RUI BARBOSA, *Oração aos Moços*, 61).
Falar-te-ia mais cedo, se eu tivesse sabido de seus planos.

Por atender às normas anteriores, só é possível a anteposição do pronome ao verbo nos seguintes exemplos:

Eu não *me* cingiria a isso.
Ele disse que *te* falaria mais cedo sobre estes assuntos.

Se houver expressão verbal, onde o pronome estará em relação a mais de um verbo, temos de considerar dois casos gerais:

- a) *auxiliar* + $\left\{ \begin{array}{l} \textit{infinitivo: quero escrever} \\ \textit{ou} \\ \textit{gerúndio: estou escrevendo} \end{array} \right.$

Nestas circunstâncias, desde que não sejam contrariadas as quatro normas já expostas, o pronome átono pode vir:

- 1) antes do auxiliar:

Eu *lhe* quero escrever.
Eu *lhe* estou escrevendo.

- 2) depois do auxiliar, ligado a êle por hífen:

Eu quero-*lhe* escrever.
Eu estou-*lhe* escrevendo.
"Estou-vos abrindo o livro da minha vida" (RUI BARBOSA, *Oração aos Moços*, 23).

- 3) depois do verbo principal, ligado a êle por hífen:

Eu quero escrever-*lhe*.
Eu estou escrevendo-*lhe* (colocação mais rara).
"A conversa começou por monossilabos e frases truncadas, mas *foi* a pouco e pouco *fazendo-se* natural e correta" (MACHADO DE ASSIS *apud* MÁRIO BARRETO, *Novos Estudos*, pág. 129).

OBSERVAÇÃO 1.ª: Pode dar-se a inversão do auxiliar que se pospõe ao infinitivo:

"Vossa mãe acha-se mal e *falar-vos quer*" (FILINTO ELÍSIO, *Obras*, XVII, 200).

OBSERVAÇÃO 2.ª: Ocorre, entre brasileiros com mais freqüência, o pronome átono proclítico * ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *LHE* escrever.
Eu estou *LHE* escrevendo.
Muitas autoridades condenam esta colocação; só a aceitam quando o infinitivo está precedido de preposição:
Começou a LHE dizer ou *a dizer-LHE*.
Hás de ME jurar ou *Hás-ME de jurar* ou *Hás de jurar-ME*.

OBSERVAÇÃO 3.ª: Com o infinitivo como verbo principal, podemos contrariar as normas gerais 2.ª e 3.ª estabelecidas para um só verbo:

Eu não quero *dizer-LHE* (com advérbio).
Espero que continues a *escrever-ME* (em oração subordinada desenvolvida).

- b) *auxiliar* + *particípio: tenho dito*.

Nestas circunstâncias, desde que também não sejam contrariadas as normas gerais, o pronome átono pode vir:

- 1) antes do auxiliar:

Eu *LHE* tenho dito.

- 2) depois do auxiliar, ligado a êle por hífen:

Tenho-*LHE* dito.

* Chama-se *próclise* à anteposição do elemento átono ao tônico (*LHE* quero); *ênclise* é a posposição (quero-*LHE*) e *mesóclise* a interposição (*falar-TE*-ia).

Jamais se pode pospor o pronome átono ao verbo no particípio. Estaria errada, portanto, a seguinte colocação: Tenho dito-*lhe*.

Entre brasileiros com mais frequência, também ocorre a anteposição ao verbo principal, o que, como vimos em a), Obs. 1.^a, muitas autoridades têm por erro:

Eu tenho *lhe* dito.

NOTA FINAL: Além dos casos assinalados nas normas gerais, ocorre ainda a próclise:

a) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" (RUI BARBOSA, *Oração aos Moços*, 30).

b) nas orações exclamativas e optativas, com verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Deus te guie!
Bons ventos o' levem!

c) nas orações interrogativas ou exclamativas diretas iniciadas por palavras interrogativas ou exclamativas:

Como se faz isso?
Por que me dizem mentiras?
Como te enganam!

24 — Algumas inversões do pronome átono em escritores portugueses

Entre portugueses (nos brasileiros o fato geralmente ocorre por imitação literária) o pronome átono aparece em certas posições em relação a outro vocábulo da oração, que no Brasil normalmente não praticamos:

a) anteposto ao pronome sujeito:

"Mas um rochedo em que *me eu* sente ao pôr do sol na gandra êrma e selvagem..." (GARRETT in *Trechos Seleitos*, de S. SILVEIRA, 255)

b) anteposição à negativa *não*:

"Se há provas de que fui eu, por que mas pedem? *Se as não* há, por que me prendem?" (CAMILO, *O Bem e o Mal*, 138).

OBSERVAÇÃO: Sobre os pretensos cacófatos *a não* e *as não* veja-se o que diz M. BARRETO em *Através*, 288-290; *Últimos Estudos*, 31.

APÊNDICE I

Fenômenos de sintaxe que mais interessam à análise sintática.

1 — Elipse

é a omissão de uma expressão facilmente subentendível.

Para a perfeita análise é necessário pôr ao claro os termos que, por demais conhecidos e presentes no subconsciente dos falantes, se calam, sem nenhum prejuízo da inteligência do contexto.

É mister, entretanto, não abusar do recurso cômodo da elipse, pois, "quando, para ajeitar um pensamento, uma oração a certo tipo teórico preestabelecido, buscamos um termo fora da linguagem corrente e totalmente desconhecido do uso, um termo que não está na consciência de quem fala, nem acode ao intelecto de quem ouve; quando se admite que para pensar e falar é mister pedir licença à tradicional análise lógica, então a elipse perde o genuíno sentido, torna-se coisa sem limites, o recurso do dogmatismo".*

2 — Pleonismo

é a repetição de uma expressão ou idéia já enunciada anteriormente:

* SAID ALI, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 81, onde o mestre critica a análise antiga, usava e vezava no recurso da elipse.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria já o não sou"
Há três meses atrás.

Há os pleonismos elegantes e os viciosos, que nada adiantam à expressividade do pensamento. Estes devem ser cuidadosamente evitados.

O grande juiz entre os pleonismos elegantes e viciosos não é a lógica da gramática, mas a tradição dos bons escritores e das pessoas cultas. Se não dizemos *sair para fora* (exceto em certos momentos de ênfase intencional), não nos choca a sensibilidade *sair por fora*, em expressões cotidianas como *a água está saindo por fora da chaleira*. Se refugamos *voltar para trás*, é insubstituível o *atrás de palavra de rei não volta atrás*.

3 — Anacoluto

é a quebra da estruturação lógica da oração.

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as idéias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se a saída em outra direção".*

"Quem quer que disser mal de D. Henrique, eu me matarei com ele" (JOÃO DE BARROS),

onde o rigor pediria: *Com quem disser mal de D. Henrique eu me matarei*.

Em análise sintática evitam-se as construções anacolúicas, por serem rebeldes à sua sistematização. Aliás, como bem ensina mestre SAID ALI, "estas arrancadas de

* SAID ALI, *Meios de Expressões e Alterações Semânticas*, 38, donde extrai o exemplo.

linguagem, irrefletidas ou mal ponderadas, que levam o homem a expressar-se contrariamente às normas da sintaxe, são evitadas hoje entre os literatos e entre as pessoas que se prezam de falar corretamente" (Id., *ibid.*, 40).

4 — Antecipação

é a colocação de uma expressão antes do lugar que logicamente lhe compete:

O homem parecia que estava zangado
por
Parecia que o homem estava zangado.

O maior encarecimento que queremos dar a certa expressão muitas vezes nos obriga a antecipá-la da posição que sua função sintática lhe confere; no rosto da oração torna-se mais patente a nosso interlocutor. Destas antecipações muitas vezes gera o anacoluto.

Em análise sintática cuidado especial merecem as antecipações que devem ser cuidadosamente desfeitas.

Outros exemplos de antecipação: *

- a) *Má empresa me parece que trazeis = parece que me trazeis má empresa* (antecipação do objeto direto).
- b) *Quem ama o feio bonito lhe parece = a quem ama o feio bonito lhe (pleonasma) parece* (antecipação do objeto indireto).
- c) *Bartolomeu, andava-lhe a cabeça à roda e fugia-lhe o lume dos olhos = a cabeça de Bartolomeu andava à roda e fugia o lume dos seus olhos* (antecipação do adjunto adnominal).

5 — Braquilogia

é o emprêgo de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa.

* Exemplos extraídos de José ORTIGUEIRA, *Manual de Análise*, 228 e ss.

A braquilogia está intimamente ligada à esfera da elipse e se explica pelo fato de o homem procurar sempre o meio mais fácil e simples de traduzir os seus pensamentos.

Para efeito de análise, podemos desfazer a braquilogia ou, quando possível, analisar a expressão tal como se nos apresenta.

Assim, em

Estudou como se fôsse passar
por
Estudou como (estudaria) se fôsse passar,

poderemos analisar a oração de *como*, ou ligá-la ao *se*, interpretando *como se* como introdutor de uma oração comparativa hipotética.

O mesmo procedimento pode ser estendido a expressões como:

Estudou como quem sabe o faz.
Estudou como para fazer boas provas.
Está como quando o conheci.

6 — Haplogia sintática

é o desaparecimento de uma palavra em virtude de estar em contacto com outra palavra (ou final de palavra) foneticamente igual ou semelhante.

Quando estudamos a sintaxe de *antes quer que*, vimos que normalmente omitimos a segunda conjunção integrante, para evitar o encontro *que que*:

"Antes Deus quer
Que se perdoe um mau, que um bom padeça"
(ANTÔNIO FERREIRA, *Castro*, vv. 696 - 697).

Isto é: *antes Deus quer que se perdoe um mau que (= do que) (quer) que um bom padeça.*

7 — Contaminação sintática

"é a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares". *

A fusão de *fazer com alguém que...* e *fazer que alguém* deu origem a uma terceira onde a oração objetiva direta pode vir precedida da preposição *com*: *fazer com que alguém saia*.

A combinação de preposições como:

Caminhar por entre as matas

resulta das linguagens

Caminhar por matas e caminhar entre as matas.

Já vimos que se devem à contaminação sintática concordâncias como:

As estrelas pareciam brilharem.

8 — Expressão expletiva ou de realce

é a que, sem função sintática, enfatiza um termo da oração ou o pensamento integral.

Entre os expletivos que mais de perto nos interessam agora, citaremos *é que*:

Nós é que somos brasileiros.

Despreza-se é que quando se procede à análise: *nós somos brasileiros.*

Com é que procuramos traduzir melhor a idéia de que o sujeito (*nós*) é a única pessoa a que se refere o predicado.

Usam-se ainda *é onde* e *é quando* quando a ênfase recai na circunstância de lugar ou de tempo:

* ERVÂNIO, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 482.

"era principalmente nas fileiras árabes onde as puas agudas e cortadoras de sua temerosa borda ou maça d'armas faziam maiores estragos" (ALEXANDRE HERCULANO *apud* EPIRÂNIO, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 428, b, Obs.).
Na primavera *é quando* os campos ficam mais floridos e a vida mais bela.

É preciso não confundir o expletivo *é que* com o *é que* que denota: *

a) verbo *ser* + conjunção integrante: A verdade é que saíram. Verdade é que saíram.

"O caso é, Geringonça, *que* meu pai está muito caduco" (ANTÔNIO JOSÉ, *Obras*, I, 222 *apud* J. OTTICICA. A oração de *que* é predicativa).

b) verbo *ser* como verbo vicário + conjunção integrante:

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." (MANUEL BERNARDES *apud* JOSÉ OTTICICA).

Aqui o verbo *ser* evita a repetição do verbo anterior: *quer dizer que as almas...*

c) verbo *ser* vicário + conjunção causal:
Por que saíram? É que precisavam ir à praça
isto é:

Saíram porque precisavam ir à praça.

d) *é que* = *é o que*:

Este é que fez a crítica = *este é o (= aquele) que fez a crítica.*
Ele é que merece os elogios.

Cf. JOSÉ OTTICICA, *Manual de Análise*, 235-7.

APÊNDICE II

Modelos de Análise

Seleciono, para simples cotejo ou valiosa orientação, alguns modelos de análise que nos deixaram dois ilustres mestres da língua portuguesa. Para não ferir modéstias, cinjo-me àqueles que já não pertencem ao mundo dos vivos, e tomo a liberdade de, dentro das possibilidades, adaptar estes exemplos à nomenclatura deste livro que é quase toda a da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A) Augusto Epifânio da Silva Dias

I — Os grandes rebanhos e manadas é que fazem as boas colheitas proporcionando as quantidades precisas de estrume para o adubo do solo.

Este período gramatical tem uma só oração. É que deve ser considerado simplesmente como um sinal que serve de dar realce a os *grandes rebanhos e manadas*, sem fazer oração à parte.

- a) O sujeito *rebanhos e manadas*, sujeito composto de dois substantivos ligados pela conjunção aditiva e (cf. 5.ª, § 3).

Qualifica-o o adjetivo *grandes* empregado como adjunto adnominal (cf. 7.ª, § 2).

- b) O predicado é *fazem*, que está no plural e na terceira pessoa, por serem os sujeitos do plural e da terceira pessoa (cf. 5.ª, § 5).

Fazem como verbo transitivo direto tem objeto direto (cf. 6.ª, § 3). E *colheitas* complemento ao qual se ligam, como adjunto adnominal, *as e boas*.

Proporcionando * é um gerúndio, que, referido ao sujeito da oração, determina o verbo *fazem*, exprimindo o meio (cf. 12.ª, § 5, B, 5).

Este particípio que pertence a um verbo transitivo tem por objeto direto *quantidades* qualificado pelos adjuntos *as e precisas*. Demais o substantivo *quantidades* traz um adjunto que designa o gênero da quantidade (cf. 6.ª, § 2), e é *de estrume*. Este último substantivo também traz um adjunto que designa a destinação (cf. 6.ª, § 3), e é *para o adubo*. Por sua vez o substantivo abstrato *adubo* é determinado pelo complemento *do solo*, que designa o objeto da ação significada pelo substantivo *adubo* (cf. 6.ª, § 2).

II — A reputação é uma jóia, que, perdida uma vez, raro se recupera.

Há aqui duas orações: *a reputação é uma jóia*, e *que, perdida uma vez, raro se recupera*.

- 1) A primeira oração é principal.

a) O sujeito é *a reputação*.

b) O predicado é *é uma jóia*; constituído pelo verbo *é* e o nome predicativo *uma jóia* (cf. 3, § 2).

- 2) A segunda oração, ligada à primeira pelo pronome relativo *que*, é uma oração adjetiva (cf. 11, § 11) que serve de caracterizar o predicativo da oração principal.

a) O sujeito é *que = a qual*.

b) O predicado é *se recupera*. É o verbo transitivo *recuperar* na conjugação reflexa empregada como voz passiva (cf. 8, § 5) de modo que *se recupera* é reflexo na forma (figurando *se* de objeto direto), mas tem sentido passivo e equivale a *é recuperada*.

Raro é um adjetivo empregado adverbialmente (cf. 7, § 9) que determina o predicado.

Perdida é um particípio ligado, como aposto, ao pronome relativo com o qual concorda. Serve de exprimir uma circunstância de tempo com respeito ao predicado (cf. 12, § 5, C, 3), equivalendo *perdida* a *depois que se perdeu, depois de se perder*. Este particípio é determinado pela expressão adverbial *uma vez*.

III — Depois de haverem transposto as montanhas, os invasores assenhorearam-se da cidade de Asido.

* Para a análise das orações reduzidas em Epifânio Dias ver a nota sobre nomenclatura, na pág. 186 deste livro.

Há aqui duas orações: *depois de haverem transposto as montanhas e os invasores assenhorearam-se da cidade de Asido*.

- 1) A primeira oração é temporal (cf. 12, § 5, B, 8, c). A relação de tempo, em que está com a oração seguinte, é indicada pela locução prepositiva *depois de*.
 - a) O sujeito subentende-se, por elipse (cf. 2, § 3), da oração seguinte (*invasores*).
 - b) O predicado é *haverem transposto*. Pode estar na forma flexionada em virtude das normas estudadas no § 22 da lição 12.^a. É verbo transitivo, cujo objeto direto é *as montanhas*.
- 2) A segunda oração é principal.
 - a) O sujeito é *os invasores*.
 - b) O predicado é *assenhorearam-se*, verbo que só se usa na forma reflexa.

Assenhorearam-se pede um complemento que exprime o objeto de que alguém se torna senhor, complemento que se lhe liga pela preposição *de*. Aqui é *da cidade*. Juntando-se a *cidade* o substantivo *Asido* por meio da preposição *de*, tomada em sentido definitivo (cf. 9, § 5), fica designado por um nome próprio o objeto que com a palavra *cidade* era apenas designado de um modo geral.

IV — *Proposta a questão, foi unânimemente resolvido que o prelado empregasse as censuras da Igreja contra quem pretendia esbulhá-la das suas regalias.*

Contém este período três orações. A primeira é *Proposta a questão, foi unânimemente resolvida*. A segunda não pode separar-se completamente da terceira, porque há uma palavra comum a ambas, e é *quem*, que tanto vale como *aquêle que* (cf. 11, § 13). Consequentemente não há exatidão completa, quando se diz que a segunda oração é *que o prelado empregasse as censuras da Igreja contra*. A terceira é *quem pretendia esbulhá-la das suas regalias*.*

- 1) A primeira oração é principal.

* A dificuldade sentida pelo EPIFÂNIO é, a meu ver, motivada pela maneira errônea de se tomar o *quem* = *aquêle que*, nestes casos, onde ele é empregado absolutamente, isto é, sem referência a antecedente. Levando-se em conta o caráter justaposto na ligação da subordinada para com a sua principal, teríamos as orações assim divididas: 1.^a: *que o prelado empregasse as censuras da Igreja*; 2.^a: *contra quem pretendia esbulhá-la das suas regalias* (oração substantiva, objetiva indireta, justaposta).

- a) O sujeito é constituído pela oração seguinte, a qual, por consequência, é substantiva (cf. 11, § 7).
- b) O predicado é o verbo passivo *foi resolvido*. *Unânimemente* é um advérbio de modo, que determina o predicado.

Em *proposta a questão* há um particípio absoluto (c. 12, § 5, C, 3) que determina o predicado, exprimindo tempo (equivale a *como a questão houvesse sido proposta*). *A questão* é o sujeito do particípio *proposta*. Os particípios absolutos não costumam ser considerados à parte.

- 2) A segunda oração é, como foi dito, substantiva, e, por estar ligada pela conjunção *que*, é, quanto à ligação das orações, conectiva.*
 - a) O sujeito é *o prelado*.
 - b) O predicado é *empregasse*.

Como verbo transitivo, tem objeto direto, que é *as censuras*. O substantivo *censuras* é determinado por um adjunto adnominal de posse, a saber: *da Igreja* (cf. 7, § 2, e).

A preposição *contra*, que entra na oração como se em lugar de *quem* estivesse de fato *aquêle que*, forma com o pronome demonstrativo, virtualmente contido em *quem*, um complemento do predicado que designa o objeto a que haviam de ser dirigidas as censuras, isto é, inicia o objeto indireto.

- 3) A terceira oração é relativa.
 - a) O sujeito é *quem*.
 - b) O predicado é *pretendia*, determinado pelo simples infinitivo *esbulhar* que faz as vezes de objeto direto.**

O verbo *esbulhar* pede dois complementos: um direto, outro indireto, que designa o objeto de que se é esbulhado, regido da preposição *de*. O primeiro é o pronome pessoal *a* (com a forma *la*, pela regra do § 8 da lição 6.^a), que representa *Igreja*. O segundo é *das*

* No original de EPIFÂNIO estava uma explicação inexpressiva do ponto de vista sintático: "por estar ligada pela conjunção *que*, é, quanto à forma de subordinação, conjuncional." Ora, prender a conjunção a "forma de subordinação" é desprezar as conjunções coordenativas que também fariam "conjuncionais" as orações por elas ligadas. A oposição *conectivo-justaposta* que adoto neste livro evita esta orientação defeituosa, e põe em evidência o emprego absoluto de certas palavras relativas, facilitando a divisão de orações do tipo lembrado na nota anterior. Acresce ainda a vantagem de não se classificar a oração pelo conectivo, que chega ao absurdo de considerar advérbios como conjunção integrante (*não sei quando virá*, etc.), só porque parte do pressuposto falso de que toda oração substantiva é iniciada por conjunção integrante.

** Considero um todo, uma locução verbal, sintaticamente indecomponível (E.B.).

regalias, determinado pelo adjunto adnominal representado pelo pronome possessivo *suas*.

(Modelos extraídos da *Gramática Portuguesa Elementar*, 3.^a ed., 1889, págs. 148 - 151)

Desta *Gramática* disse mui judiciosamente MÁRIO BARRETO: "elementar sim, mas perfeitamente científica" (*Novos Estudos*, 215-6). Para se verificar o importante papel que exerceu esta *Gramática* na renovação dos estudos de português, em Portugal, remeto o leitor aos prefácios das gramáticas de ANTÔNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS e ADOLFO COELHO, além do vol. IV dos *Opúsculos*, de LEITE DE VASCONCELOS.

B) José Oiticica

I — *As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas* (MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*, 140).

Período composto por coordenação.

Análise do primeiro membro da coordenação: *as senhoras casadas eram bonitas*.

Sujeito: *as senhoras casadas* { Função exercida por um substantivo modificado por dois adjuntos adnominais.

Predicado: *eram bonitas* { Função exercida por um adjetivo ligado ao sujeito por um verbo de estado permanente.

Adjuntos adnominais: { Função exercida por:
a) *as* a) artigo
b) *casadas* b) adjetivo

Análise do segundo membro da coordenação (assindético): *a mesma solteira não devia ter sido feia*.

Sujeito: *a mesma solteira* { Função exercida por uma palavra substantiva modificada por um adjunto adnominal.

Predicado: *não devia ter sido feia aos vinte e cinco anos* { Função exercida por um adjetivo, ligado ao sujeito por uma locução verbal de estado, com sentido dubitativo, e modificada por adjunto adverbial.

Adjunto adnominal: *a mesma* { Função exercida por artigo reforçado pela palavra de realce *mesma*.

Adjunto adverbial: *aos vinte e cinco anos* { Função exercida por uma locução adverbial de tempo.

Análise do terceiro membro da coordenação (sindético): *mas Sofia primava entre todas elas*.

Sujeito: *Sofia* { Função exercida por um substantivo próprio.

Predicado: *primava entre todas elas* { Função exercida por um verbo de predicação completa modificado por um adjunto adverbial.

Adjunto adverbial: *entre todas elas* { Função exercida por uma locução adverbial de lugar (virtual).

II — *Não é só isso, interrompeu o cavaleiro, é necessário que ainda hoje vás ao sovelal que se estende junto ao vau do Avicela* (ALEXANDRE HERCULANO, *O Bôbo*, 1866, pág. 136).

Período composto por coordenação, subordinação e justaposição.*

Análise da oração justaposta intercalada: *interrompeu o cavaleiro*.

Sujeito: *o cavaleiro* { Função exercida por um substantivo modificado por um adjunto adnominal.

Predicado: *interrompeu* { Função exercida por um verbo de predicação completa.

Adjunto adnominal: *o* { Função exercida por um artigo definido.

Análise do primeiro membro da coordenação: *não é só isso*.

Sujeito: *o que tens de fazer* { oculto por elipse

Predicado: *não é só isso* { Função exercida por um pronome demonstrativo ligado ao sujeito por um verbo de ligação e precedido de um advérbio de exclusão.**

Análise do segundo membro da coordenação: *é necessário que ainda hoje vás ao sovelal que se estende junto ao vau do Avicela*.

* O Prof. JOSÉ OITICICA põe a justaposição como processo de estruturação sintática, enquanto eu a tenho como forma de ligação de orações, não impedindo que coordenadas e subordinadas (quanto ao valor sintático) sejam justapostas (quanto à ligação). Veja-se o que eu disse na lição 11.^a

** JOSÉ OITICICA considera este só partícula de exclusão, e não advérbio.

Sujeito:
que ainda
hoje vds, etc. { Função exercida por uma oração substantiva.

Predicado:
é necessário { Função exercida por um adjetivo ligado ao sujeito por um verbo de ligação.

Análise da oração substantiva subjetiva: *que ainda hoje vds, etc.*

Sujeito:
tu { Função exercida por um pronome pessoal oculto por elipse.

Predicado:
ainda hoje vds
ao soveral que, etc. { Função exercida por um verbo de predicação completa modificado por dois adjuntos adverbiais.

Adjuntos adverbiais:
a) *ainda hoje*
b) *ao soveral que, etc.* { Função exercida por:
a) advérbio de tempo reforçado por uma palavra de realce (*ainda*);
b) uma locução adverbial de lugar em que entra um substantivo (*soveral*) modificado por oração adjetiva.

Análise da oração adjetiva: *que se estende junto ao vau do Avicela.*

Sujeito:
que { Função exercida por um pronome relativo.

Predicado:
se estende junto
ao vau do Avicela { Função exercida por um verbo pronominal de predicação completa, modificado por um adjunto adverbial.

Adjunto adverbial:
junto ao vau do Avicela { Função exercida por uma locução adverbial de lugar.

III — *Estou certo de que não deves ao tesouro real uma única mealha e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes; mas, de certo, não queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como romeiro mendigo (ALEXANDRE HERCULANO, Lendas e Narrativas, I, 145).*

Período composto por coordenação e subordinação.

Análise do primeiro membro da coordenação: *Estou certo de que até o que tu dizes.*

Análise da oração geral do primeiro membro da coordenação.

Sujeito:
eu { Função exercida por um pronome pessoal oculto por elipse.

Predicado:
estou certo de
que, etc. { Função exercida por um adjetivo ligado ao sujeito por um verbo de ligação e seguido de dois complementos nominais.

Complementos nominais:
a) *de que não deves ao tesouro real uma única mealha;*
b) *de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes* { Função exercida por duas orações substantivas.

Análise da primeira oração substantiva:

Sujeito:
tu { Função exercida por um pronome pessoal oculto por elipse.

Predicado:
não deves ao tesouro real
uma única mealha { Função exercida por um verbo de predicação dupla, seguida de dois objetos.

Objetos:
a) *uma única mealha (direto)*
b) *ao tesouro real (indireto)* { Função exercida por:
a) substantivo modificado por um adjunto adnominal;
b) substantivo modificado por dois adjuntos adnominais.

Adjuntos adnominais:
a) *uma única*
b) *o*
c) *real* { Função exercida por:
a) artigo indefinido reforçado pela palavra de realce *única*;
b) artigo definido;
c) adjetivo.

Análise da segunda oração substantiva:

Sujeito:
nada senão o
que tu dizes { Função exercida por um pronome indefinido subentendido, seguido de uma expressão exceptiva (*senão o*) onde há um pronome demonstrativo modificado por uma oração adjetiva.

Predicado:
existe nas arcas
do haver { Função exercida por um verbo de predicação completa modificado por um adjunto adverbial.

Adjunto adverbial:
nas arcas do haver { Função exercida por uma locução adverbial de lugar.

Análise da oração adjetiva: *que tu dizes*.

Sujeito
tu { Função exercida por um pronome pessoal oculto por elipse.

Predicado:
que dizes { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguida de objeto direto.

Objeto direto:
que { Função exercida por um pronome relativo.

Análise do segundo membro da coordenação: *mas, de certo, não queres até romeiro mendigo* (composto por subordinação).
Análise da segunda oração coordenada geral (principal):

Sujeito:
tu { Subentendido, por elipse

Predicado:
não queres que um rei, etc. { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguido de um objeto direto

Objeto direto:
que um rei de Portugal caminhe, etc. { Função exercida por uma oração substantiva.

Análise da oração substantiva:

Sujeito:
um rei de Portugal { Função exercida por um substantivo modificado por dois adjuntos adnominais.*

Adjuntos adnominais:
a) um
b) de Portugal { Função exercida por:
a) artigo indefinido;
b) locução adjetiva.

Predicado:
caminhe por seu reino, etc. { Função exercida por um verbo de predicação completa modificado por dois adjuntos adverbiais.

Adjuntos adverbiais:
a) por seu reino
b) como romeiro mendigo { Função exercida por:
a) locução adverbial de lugar;
b) oração adverbial de comparação.

Análise da oração subordinada adverbial comparativa:

Sujeito:
romeiro mendigo { Função exercida por substantivo modificado por adjunto adnominal.

* José Orriceira analisou *rei de Portugal* como locução substantiva, fazendo de *um* o único adjunto adnominal.

Predicado:
caminharia { Função exercida por um verbo de predicação completa, oculto por elipse.

Adjunto adnominal:
mendigo { Função exercida por um adjetivo.

IV — *Quantos presenciaram tantas maravilhas e quantos as ouviram referir ficaram tomados de espanto, e uns e outros clamavam: "Quem julgais que virá a ser este menino?"* (REBÊLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*, I, 153).

Período composto por coordenação e subordinação.

Primeiro membro da coordenação: *Quantos presenciaram... tomados de espanto* (composto por subordinação).

Análise da oração geral do primeiro membro da coordenação:

Sujeito:
quantos presenciaram...
e quantos ouviram, etc. { Função exercida por uma palavra sintética (*quantos* = aqueles que)*
equivalente a um pronome demonstrativo modificado por dois adjuntos adnominais

Predicado:
ficaram tomados de espanto { Função exercida por uma locução adjetiva (*tomados de espanto* = espantados)
ligada ao sujeito por um verbo de ligação.

Adjuntos adnominais:
a) que presenciaram tantas maravilhas
b) que as ouviram referir { Função exercida por duas orações adjetivas.

Análise da primeira oração adjetiva:

Sujeito:
que { Função exercida por um pronome relativo latente na palavra sintética *quantos*.

Predicado:
presenciaram tantas maravilhas { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguido de objeto direto.

* O Prof. José Orriceira é dos que desdobram o *quanto* em *aquêle que*, etc. Nesse desdobramento acha duas orações adjetivas. Veja-se a discussão do problema na lição 11.ª. Pelo método adotado neste livro, teríamos nas duas orações de *quantos* subordinadas substantivas justapostas, sujeitos de *ficaram tomados de espanto*.

Objeto direto:
tantas maravilhas { Função exercida por um substantivo modificado por um adjunto adnominal.

Adjunto adnominal:
tantas { Função exercida por um pronome indefinido.

Análise da segunda oração adjetiva:

Sujeito:
que { Já analisado.

Predicado:
as ouviram referir { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguido de objeto direto.

Objeto direto:
as referir { Função exercida por uma oração substantiva reduzida de infinitivo.

Análise da oração substantiva reduzida do infinitivo:

Sujeito:
as { Função exercida por um pronome pessoal oblíquo (acusativo sujeito de infinitivo).

Predicado:
referir { Função exercida por um verbo de sentido passivo (= serem referidas).

Segundo membro da coordenação: e uns e outros clamavam; Quem fulgais, etc. (composto por *aposição e subordinação*)*

Análise da oração geral do segundo membro da coordenação:

Sujeito:
uns e outros { Função exercida por uma locução pronominal indefinida de sentido distributivo.

Predicado:
clamavam, etc. { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguido de objeto direto elítico.

Objeto direto:
estas palavras { Oculto por elipse e seguido de um período apositivo (composto por subordinação).

Análise da oração geral do período apositivo:

Sujeito:
vós } Função exercida por um pronome pessoal oculto por elipse.

Predicado:
fulgais que este menino, etc. { Função exercida por um verbo de predicação incompleta seguido de objeto direto.

* Não concordo com a lição do mestre, porque *aposição* é função sintática e, assim, está no conceito da subordinação.

Objeto direto:
que este menino virá a ser quem? { Função exercida por uma oração substantiva objetiva direta.

Análise da oração substantiva:

Sujeito:
este menino { Função exercida por um substantivo modificado por um adjunto adnominal.

Predicado:
virá a ser quem (= qual pessoa?) { Função exercida por um pronome indefinido interrogativo, ligado ao sujeito por uma locução verbal (*virá a ser*).

Adjunto adnominal:
este { Função exercida por um pronome demonstrativo.

. . .

Modelos extraídos do *Manual de Análise* do Prof. JOSÉ ORTIGICA, incontestavelmente um dos melhores conhecedores da língua portuguesa, notável mestre e dos que mais inteligente e metódicamente estudaram a análise sintática, entre nacionais e estrangeiros.